Paula Regina Alvarenga

FUCK YOU, BABY DE MÁRIO BORTOLOTTO: OLHARES SOBRE AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E URBANAS.

pdfMachine
A pdf writer that produces quality PDF files with ease!
Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click “print”, select the “Broadgun pdfMachine printer” and that’s it! Get yours now!

Paula Regina Alvarenga

FUCK YOU, BABY DE MÁRIO BORTOLOTTO: OLHARES SOBRE AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E URBANAS.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Grande Dourados - área de concentração - História, Região e Identidades – para a obtenção do título de Mestre em História.

Orientador: Prof. Dr. Jérri Roberto Marin.

DOURADOS/MS
2008

pdfMachine
A pdf writer that produces quality PDF files with ease!
Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click "print", select the "Broadgun pdfMachine printer" and that's it! Get yours now!

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central – UFGD

302.5 A473f	Alvarenga, Paula Regina Fuck you, baby de Mário Bortolotto : olhares sobre as representações sociais e urbanas. / Paula Regina Alvarenga. – Dourados, MS : UFGD, 2008. f.139 Orientador: Prof. Dr. Jérri Roberto Marin Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal da Grande Dourados. 1. Antropologia social. 2. Sociedade – Representações. 3. Identidades – História Contemporânea 4. Bortolotto, Mário, 1962 – (Dramaturgo). 5. História e Teatro 6. Literatura e Teatro. I. Título.

pdfMachine
A pdf writer that produces quality PDF files with ease!
Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click "print", select the "Broadgun pdfMachine printer" and that's it! Get yours now!

Paula Regina Alvarenga

FUCK YOU, BABY DE MÁRIO BORTOLOTTO: OLHARES SOBRE AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E URBANAS.

COMISSÃO JULGADORA

DISSERTAÇÃO PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE

Presidente e orientador _____

2° Examinador _____

3° Examinador _____

Dourados, ___ de _____ de 2008.

pdfMachine
A pdf writer that produces quality PDF files with ease!
Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click "print", select the "Broadgun pdfMachine printer" and that's it! Get yours now!

DADOS CURRICULARES

PAULA REGINA ALVARENGA

NASCIMENTO 14/08/1972 – SÃO PAULO/SP

FILIAÇÃO PAULO ALVARENGA
ANTONIA MARIA DE SOUZA

1993-1997 Curso de Graduação em Pedagogia - Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" - Faculdade de Filosofia e Ciências - Campus de Marília/SP

2006-2008 Curso de Pós-Graduação em História, nível Mestrado, na Universidade Federal da Grande Dourados/MS

pdfMachine
A pdf writer that produces quality PDF files with ease!
Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click "print", select the "Broadgun pdfMachine printer" and that's it! Get yours now!

Deus sobre todas as coisas. A minha primeira mestra, mãe, Prof.ª Antonia Maria de Souza (in memorian) a quem herdei o sangue e o espírito contestador da educação, arte, e imaterialidade dos valores. Ao meu pai Paulo Alvarenga pelo espírito aventureiro, por me ensinar a amar a natureza e a superação de si mesmo; às minhas amadas irmãs Valéria Juliana Alvarenga; Cristina Lúcia Alvarenga. Ao meu irmão, Emerson Aparecido Alvarenga pelos sentimentos de perseverança, família e amor. Aos cunhados Rodrigo e Adriana que possibilitaram a vinda dos meus amados sobrinhos Zinedine, Gabriel e Kélvin. Ao meu avô materno Augusto e avó Regina (in memorian), a minha tia mãe Maria pelo exemplo de honestidade, ao meu tio Benê pelo amor e amizade. Ao meu irmão de alma Lourenço Alves da Silva filho; alunos do Normal Superior; atores do grupo de teatro Trupe Zomba. Aos meus mestres da arte: Paulo Vinícius Alves, Vaneide de Castro e Tânia Urbano, ao dramaturgo Mário Bortolotto por suas palavras, sua arte; demais companheiros pelo incentivo.

pdfMachine
A pdf writer that produces quality PDF files with ease!
Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click "print", select the "Broadgun pdfMachine printer" and that's it! Get yours now!

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador Prof. Dr. Jérri Roberto Marin pela dedicação, companheirismo e amizade; à Prof.ª Dr.ª Vera Regina Martins Collaço pela confiança e contribuição teórica assim como ao Prof. Dr. Eudes Fernando Leite pelas orientações e aos demais professores do Programa de Mestrado em História da UFGD/MS. Ao amigo Prof. Msc. Adilson Crepalde; ao Prof. Dr. Daniel Abraão; a Prof.ª Msc. Juliane Ferreira Vieira; ao dramaturgo Mário Bortolotto; aos entrevistados Anselmo 'Bactéria' Santos; Fernanda D´Dumbra; Eduardo Chagas; Ademir Assunção; Marcelo Mirisola que gentilmente concederam seus relatos; ao curso Normal Superior o qual tenho compartilhado momentos inesquecíveis de trabalho docente no campo da Educação Infantil e Fundamental, etapa em que nasce o jogo e a teatralidade se faz humana. A UEMS- PROEX - Casa de Cultura onde se realizam os ensaios e aulas de teatro com o grupo Trupe Zomba.

pdfMachine
A pdf writer that produces quality PDF files with ease!
Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click "print", select the "Broadgun pdfMachine printer" and that's it! Get yours now!

Porque eu deveria pegar leve. Não tenho mais idade pra fazer diferente. É só um jeito de olhar com ternura pela janela quando a tempestade se anuncia. Mas quem disse que eu sou capaz de ficar na minha quando a temperatura sobe? Eu sempre aposto comigo e perco. Tem certas pessoas no mundo que não nasceram pra ficar mocozadas. Mas mesmo assim eu quero acreditar. E então insisto e ultrapasso a linha. Ou um papagaio. Ou uma tartaruga. Eu só tenho o hálito frio de um fantasma que diz que não há com o que se preocupar. Então eu não espero que me convidem. Eu furo o bloqueio. Eu não tenho esqueletos no armário. Nem um jardim esperando por mim. Ou um papagaio. Ou uma tartaruga. Eu só tenho uma ansiedade filha da puta que faz com que a minha temperatura suba. E acreditem: nesse momento não levo nenhuma vantagem. I have to dream alone.

(BORTOLOTTO, 2006)

pdfMachine
A pdf writer that produces quality PDF files with ease!
Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click “print”, select the “Broadgun pdfMachine printer” and that’s it! Get yours now!

RESUMO

O objeto deste estudo consiste na análise interdisciplinar da peça *Fuck you, baby*, escrita em 1986, por Mário Bortolotto. Este trabalho reflete sobre a complexidade gerada pela globalização. A trama mostra a trajetória da adolescente Sacha Filha que sai de casa para descobrir a cidade onde vive seus mundos. *Fuck you, baby* compreende vinte e três cenas compostas por vinte e um personagens que transitam por diferentes lugares. Bortolotto, como um arguto intérprete da contemporaneidade, reapresenta na peça os fluxos que a urbanidade produz diariamente como as transformações das identidades, das sociabilidades, das conjugalidades e das afetividades, a partir da globalização. Em *Fuck you, baby*, a degradação moral e física atingem todas as personagens, um mundo sem esperança. O olhar de Bortolotto é, nesse sentido, uma forma de protesto ao mundo globalizado.

Palavras-chave: teatro, história, contemporaneidade.

pdfMachine
A pdf writer that produces quality PDF files with ease!
Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click “print”, select the “Broadgun pdfMachine printer” and that’s it! Get yours now!

ABSTRACT

The object of this work consist of an interdisciplinary analysis of the play Fuck you, Baby, written in 1986 by Mario Bartolotto. This work deals with the complexity generated by the phenomenon of globalization. The plot shows the trajectory of Sacha Filha, a teenager who leaves her house to discover the city where she lives her worlds. Fuck you, baby is made up by twenty-three scenes staged by twenty-one characters that transit by different places. Bortolotto, as a smart interpret of contemporaneity, shows in the play the flows brought forth by the daily movements of urbanity such as identities, sociabilities, conjugalities and affectivities changes triggered by the phenomenon of globalization. In Fuck you, baby, the moral and physical degradation reaches all the characters, living in a helpless world. Bortolotto's look is, in this sense, a way of protest to the globalized world.

Key-words: theatre, history, contemporaneity.

pdfMachine

A pdf writer that produces quality PDF files with ease!

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click "print", select the "Broadgun pdfMachine printer" and that's it! Get yours now!

SUMÁRIO

Resumo..... 08

Abstract..... 09

INTRODUÇÃO..... 12

1 AS VÁRIAS FACES DE MÁRIO BORTOLOTTO..... 18

2 *FUCK YOU, BABY*: ANÁLISE SEQUENCIAL DA AÇÃO E DA TRAJETÓRIA DE SUAS PERSONAGES..... 54

3 OS ESPAÇOS E AS VIVÊNCIAS URBANAS EM *FUCK YOU, BABY*..... 84

CONCLUSÃO..... 102

REFERÊNCIAS..... 106

ANEXO..... 114

pdfMachine
A pdf writer that produces quality PDF files with ease!
Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click “print”, select the “Broadgun pdfMachine printer” and that’s it! Get yours now!

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Norberto Avelaneda – Personagens: Sacha Mãe em cena.
Atores: André Cecatto e Ana Andreatta.
(Fonte: Grupo de teatro Cemitério de Automóveis/SP- 2000).....59

Figura 2 – Lourenço Alves – Personagens: Sacha Pai e Pára-quedista
Atores: Goldemberg Fonseca e Fábio Dutra.
(Fonte: Grupo Teatral Trupe Zomba/MS -2005).....61

Figura 3 – Lourenço Alves - Personagens: Cara e Sacha Filha.
Atores: Ana Paula Ostapenco e Higor M. Vieira.
(Fonte: Grupo Teatral Trupe Zomba/MS - 2005).....63

Figura 4 – Norberto Avelaneda - Personagens: Mística, Sacha Filha e Calvino.
Atores: Aline Abovsky, Nancy Macedo e Laerte Melo.
(Fonte: BORTOLOTTO; VIANNA, 2007).....67

Figura 5 – Lourenço Alves - Personagens: Pepsi e Coca
Atores: Cacá Brasil e Anderson Alves.
(Fonte: Grupo de teatro Trupe Zomba/MS -2005).....71

Figura 6 – Lourenço Alves - Personagem: Messalina Mescalina.
Ator: Rilvan Daniel Barbosa.
(Fonte: Grupo Teatral Trupe Zomba/MS – 2005).....74

Figura 7 – Lourenço Alves - Personagens: Eros Volúpia e Sacha Mãe.
Atores – Andrea de Oliveira e Kléber Félix da Costa.
(Fonte: Trupe Zomba/MS -2005).....76

Figura 8 – Lourenço Alves - Personagens: Atila II e Sacha Filha.
Atores: Higor M. Vieira e Ana Paula Ostapenco.
(Fonte: Trupe Zomba/MS -2005).....77

Figura 9 – Lourenço Alves - Personagens: Sacha Mãe, Eros Volúpia, Sacha Filha e Sacha Pai.
Atores: Andrea Oliveira; Ana Paula Ostapenco; Goldemberg Fonseca e Kleber Félix da Costa
(Fonte: Trupe Zomba/MS -2005).....81

Figura 10 – Cenografia da peça *Fuck you, baby*.
Fonte: Grupo de teatro Cemitério de Automóveis/SP- 2000.....91

Figura 11 – Cena de rua da peça *Fuck you, baby*.
Fonte: Grupo de teatro Cemitério de Automóveis/SP- 2000.....96

pdfMachine
A pdf writer that produces quality PDF files with ease!
Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click “print”, select the “Broadgun pdfMachine printer” and that’s it! Get yours now!

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como objetivo analisar a peça teatral *Fuck you, baby*, de Mário Bortolotto. Escrita em 1986, pode ser vista como uma comédia dramática da contemporaneidade. A trama mostra a trajetória da adolescente Sacha Filha que sai de casa para descobrir a cidade onde vive e seus mundos. *Fuck you, baby* compreende vinte e três cenas e é composta por vinte e uma personagens que transitam por diferentes espaços urbanos.

Bortolotto, como um arguto intérprete da realidade, reapresenta, em seus textos, o fluxo que a urbanidade produz diariamente. Por meio de suas personagens ficcionais, o dramaturgo traduz as transformações da sociedade no que diz respeito ao encurtamento das distâncias, às tribalizações, às hibridações religiosas e culturais, ao papel da mídia, à comunicação, ao ritual político, e à pluralidade das novas identidades. Dessa forma, *Fuck you, baby* propicia diferentes leituras acerca da contemporaneidade, das identidades, das sociabilidades, conjugalidades, afetividades, entre outros olhares.

Os estudos culturais têm se utilizado das técnicas e abordagens literárias para desenvolver novos métodos e materiais para a análise e compreensão das representações sociais. De acordo com Hunt (1995, p. 1-29) são objetos na fonte literária: a recepção à leitura de textos; a sua produção de escrita; a unidade e coerência do significado; a subversão da aparente finalidade; as estratégias interpretativas; os usos dos tropos lingüísticos. Para a autora, a ênfase do pesquisador da Nova História Cultural ou dos estudos culturais se efetiva no exame minucioso de textos, imagens, ações, e ainda na flexibilidade do que será revelado com os exames, muito mais que a elaboração de narrativas reducionistas.

Neste trabalho, irei restringir a análise à trajetória do autor e à produção da escrita de *Fuck you, baby,* privilegiando as seqüências das ações, as trajetórias das personagens, os espaços e as vivências urbanas. Nesse sentido, serão enfatizados os aspectos relevantes do texto, bem como os objetivos propostos por Bortolotto na

pdfMachine
A pdf writer that produces quality PDF files with ease!
Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click “print”, select the “Broadgun pdfMachine printer” and that’s it! Get yours now!

ocasião da produção textual, pois, como afirma Perrene-Moisés (*apud* BARTHES, 1997, p. 75), “a escritura é a escrita do escritor.” As personagens e os espaços urbanos foram construídos pelo autor objetivando um determinado intento. Segundo Reis (1999, p. 361), “a personagem é localizável e identificável pelo nome próprio, pela caracterização, pelos discursos que enuncia, etc.” A importância de se analisar as personagens dentro de um texto literário são analisadas por Philippe Hamon (*apud* REIS, 1999, p. 360),

> A personagem é uma unidade difusa de significação, construída progressivamente pela narrativa. Uma personagem é, pois, o suporte das redundâncias e das transformações semânticas da narrativa, é constituída pela soma das informações facultadas sobre o que ela é e sobre o que faz.

Vale destacar que as personagens são importantes às narrativas, pois no percurso criativo, o autor as concebe como forma de apresentar os objetivos por ele propostos ainda que, a princípio, isto não se configure como tal. Os espaços ficcionais também assumem um papel importante para retratar a realidade circundante e remetem à possibilidade de acontecerem da mesma maneira em outros locais, uma vez que os lugares, na atualidade, se diferenciam e hierarquizam porque são todos mundiais (SANTOS, 1997, p. 47).

O texto literário é um objeto em si dotado de valor particular que está imbricado entre si e por si mesmo. Sua análise deve concentrar-se nos aspectos distintivos da obra, das personagens, do foco narrativo, do tempo-espaço, do enredo, das partes integrantes, de modo a classificá-lo e identificá-lo como pertencente a uma determinada linha, bem como sua relevância. Para Moisés (1983, p. 303-304), o texto

> literário deve ser encarado como objeto em si, de maneira tal que a análise se concentre nos seus constituintes (*close reading*), ou seja, na sua linguagem, entendida como ‘estrutura de significados’ (análise semântica); interessa-lhes detectar a ‘tensão’, a ‘ironia’, o ‘paradoxo’, o ‘simbolismo’, a ‘ambigüidade’, a ‘escritura dramática’, em suma, o caráter ‘ontológico’ do texto.

Para analisá-lo, é necessário estar ciente de que “cada obra literária determina [...] o método crítico a ser empregado.” Aspecto que impõe precauções e bom senso para definir a metodologia a ser empregada (MOISÉS, 1983, p. 311). A

pdfMachine
A pdf writer that produces quality PDF files with ease!
Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click “print”, select the “Broadgun pdfMachine printer” and that’s it! Get yours now!

crítica, ao confrontar e apreciar o texto atribui uma interpretação que pode ser divergente da concepção do autor. Cada leitor lê de forma diferente, pois as práticas de leitura variam de acordo com as épocas e a bagagem cultural de cada um, o que gera uma multiplicidade interpretativa. Ou seja, embora Bortolotto procure construir um leitor ideal, as leituras realizadas nessa pesquisa podem ser bem diferentes daquelas propostas por ele.

A escritura do texto propõe um jogo para o leitor e é este que irei investigar nas entrelinhas de *Fuck you, baby.* A esse respeito, refere-se Derrida (2005, p. 07):

> A dissimulação da textura pode, em todo o caso, levar séculos para desfazer seu pano. O pano envolvendo o pano. Séculos para desfazer o pano. Reconstituindo-se, também, como um organismo. Regenerando indefinidamente seu próprio tecido por detrás do rastro cortante, a decisão de cada leitura.

Por essas razões, a análise da peça e do autor deve ser interdisciplinar a partir de um diálogo entre a História, Literatura, Teatro, Antropologia e a Sociologia.

Em *Fuck you, baby,* tem-se a estética da revista em quadrinhos, de forma que cada cena configura um quadro, um lugar da cidade. Portanto, tem seus detonadores e estes costuram o enredo da peça que mantêm o público sob o suspense do itinerário de Sacha filha e de suas descobertas a cada cena de transição até chegar ao final do espetáculo. Na trajetória da peça, percebe-se que *Fuck you, baby* é cheia de armadilhas. Isso se evidencia ao seguir o itinerário de Sacha filha, durante sua aventura pela cidade, em que são percebidos diferentes lugares por onde as personagens passam e se entrecruzam, como a casa, a rua, o *studio* de gravação, a fábrica, o templo religioso, a boate de *striper*, a delegacia de polícia, a cadeia e o bar. Nesses espaços, revelam-se armadilhas do poder, do dinheiro, da opressão, da persuasão, dos desejos humanos, com as quais Sacha filha vai se deparando pela primeira vez em sua vida. Esses espaços urbanos ficcionais refletem o cruzamento de diversos mundos e de diversas vidas.

Além da peça teatral *Fuck you, baby*, outras fontes variadas permitiram o desenvolvimento da pesquisa, tais como: visuais, orais, artigos de revistas e jornais (eletrônicos e impressos), textos literários e biografias, revistas de arte, e o *blog atirenodramaturgo*, de Mário Bortolotto.

pdfMachine
A pdf writer that produces quality PDF files with ease!
Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click “print”, select the “Broadgun pdfMachine printer” and that’s it! Get yours now!

A pesquisa revelou que Bortolotto é um autor pouco estudado, uma vez que há apenas uma monografia de conclusão de curso de Letras (2008), da UEMS (Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul), intitulada *Olhares sobre a literatura contemporânea a partir da peça teatral 'Será que a gente influencia o Caetano?', de Mário Bortolotto*. Essa monografia busca analisar aspectos referentes ao autor, ao texto, ao leitor com base no texto teatral, como ainda aos fenômenos da sociedade contemporânea. A escassez de pesquisas com base na literatura teatral e contemporânea demonstra a relevância de pesquisas interdisciplinares.

Os resultados da pesquisa são apresentados em três capítulos. No primeiro, mostra-se um panorama da trajetória de Bortolotto, desde sua juventude até a atualidade. Os vinte e seis anos de produção do autor junto ao *Grupo teatral Cemitério de Automóveis* (1982- 2008) serão analisados com o objetivo de apreender suas referências quanto à produção da peça teatral *Fuck you, baby.* Para tanto, irei analisar seu processo criativo, sua trajetória como escritor, os diálogos que estabeleceu com outros autores, suas vivências e sua produção como diretor e ator. Foram priorizados também os elementos que constituem a articulação da escrita, das temáticas, da construção das personagens e a estética de sua linguagem.

No segundo capítulo, é realizada uma análise seqüencial das ações e da trajetória das personagens da peça *Fuck you, baby*. Por tratar-se de uma peça contemporânea, revela as impressões de Bortolotto em relação ao espaço urbano e suas vivências na década de 1980. Desse modo, as identidades representadas pelas personagens serão analisadas a partir de suas intenções, dos seus nomes, de suas atitudes, e dos vínculos sociais que irão estabelecer com a protagonista Sacha Filha em seu percurso pela cidade. As conseqüências dessas ações nas identidades das personagens serão apreciadas com base nos fenômenos sociais da globalização.

O terceiro capítulo enfoca os espaços percorridos por Sacha Filha e as vivências urbanas das personagens. Cada lugar atravessado por ela: a casa, a fábrica, o templo religioso, o *studio* de gravação, a delegacia, a boate, a rua, o bar serão analisados quanto aos vínculos sociais que neles se estabelecem, como, por exemplo, quanto às relações de identidade, pertencimento e representação. Com foco na dinâmica da cidade e no fluxo das relações humanas, analiso o impacto

pdfMachine
A pdf writer that produces quality PDF files with ease!
Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click "print", select the "Broadgun pdfMachine printer" and that's it! Get yours now!

desta complexidade por meio das pistas deixadas pelo dramaturgo Mário Bortolotto em *Fuck you, Baby*.

pdfMachine
A pdf writer that produces quality PDF files with ease!
Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click “print”, select the “Broadgun pdfMachine printer” and that’s it! Get yours now!

pdfMachine
A pdf writer that produces quality PDF files with ease!
Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click “print”, select the “Broadgun pdfMachine printer” and that’s it! Get yours now!

1. AS VÁRIAS FACES DE MÁRIO BORTOLOTTO

Não dá pra ser amigável num mundo onde o que exigem de você é subserviência. Por isso esse incêndio.
Mário Bortolotto

Este capítulo tem como objetivo apresentar as várias identidades de Mário Bortolotto, assim como sua trajetória como autor, diretor, produtor teatral, poeta e cantor. O dramaturgo é reconhecido por críticos de teatro de Londrina, Rio de Janeiro, Folha de São Paulo e pelas Revistas especializadas em arte, *Bravo* e *Biblioteca Entre Livros,* como um dos escritores contemporâneos mais expressivos do Brasil.

Bortolotto participa, há vinte e seis anos (2008), do Grupo Cemitério de Automóveis, realizando produções solo e de outras montagens, no cinema, por exemplo, sendo dirigido por outros diretores. O grupo foi fundado inicialmente em Londrina/PR, em 1981, e radicado em São Paulo, capital, desde 1997. Os espaços *Satyros* e *Parlapatões,* em São Paulo, na Praça Roosevelt[1] é uma plataforma para o lançamento de seus livros. Este é um dos locais que freqüenta, e onde também são encenadas suas peças.

Esse espaço, considerado um dos maiores pólos de cultura da cidade de São Paulo, é aberto ao teatro experimental. Ainda conta com a exposição de livros de escritores da literatura brasileira e estrangeira, e também de revistas em quadrinhos, obras bibliográficas. É neste *metier* teatral que o Bortolotto tem influenciado atores, diretores e espectadores com um teatro que mistura diferentes linguagens da literatura, música e cinema.

[1] Fundada pelos integrantes da Cia teatral *Satyros*, sob a liderança de Ivam Cabral, em 2000 criam sua primeira unidade na Praça Roosevelt, que antes era povoada por mendigos, traficantes e travestis. Hoje se transformou num ponto de encontro de artistas e amantes do teatro. Conta com duas unidades na praça, sendo as outras duas ocupadas pela Cia. *Parlapatões* (MELHÃO, 2007).

pdfMachine
A pdf writer that produces quality PDF files with ease!
Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click “print”, select the “Broadgun pdfMachine printer” and that’s it! Get yours now!

Mário Bortolotto nasceu em Londrina em 29 de setembro de 1962. Desde a infância, cresceu tendo contato com as revistas em quadrinhos. O gosto pela leitura foi despertado por um tio que possuía uma numerosa coleção. Sua alfabetização ocorreu por meio dessas leituras. Seus primeiros textos foram histórias em quadrinhos e seguiam essa linguagem e formatação. Preocupava-se em desenhar, escrever as histórias e numerar as revistas que seriam publicadas por uma editora ficcional que tinha as iniciais do seu nome. O relato dessa particularidade de sua vivência é bastante esclarecedor:

> Aprendi a ler com histórias em quadrinhos. Meu tio era surdo e como não podia assistir teve, ficou viciado em histórias em quadrinhos. Tinha um guarda-roupa cheio. Passava as tardes lá lendo. [...] Quando entrei na escola, já sabia ler, tanto é que entrei na escola no meio do ano e acabei como o 'segundo melhor aluno' da classe. Lembro que ganhei um tecido pra fazer uma camisa, algo assim. Meu irmão desenhava e fazia histórias em quadrinhos, meio que de brincadeira. Então comecei a fazer a mesma coisa. A primeira coisa que escrevi foi histórias em quadrinhos. Desenhava em papel de caderno, escrevia as histórias e depois montava um gibi com numeração e tudo o mais que tinha direito. Tinha a minha editora MB (FILHO, 2005).

A vivência familiar de Bortolotto foi marcada pela violência doméstica. Seu pai era caminhoneiro e sua mãe dona-de-casa. Na adolescência, teve uma rápida passagem pela formação eclesiástica em um seminário de Londrina (Coligação Oblatos de São José). Além da influência da música, outros sentimentos contribuíram para a criação de um estilo ácido e crítico acerca das temáticas abordadas em sua escrita. Os conflitos familiares vivenciados desde a sua infância e adolescência deram aos seus textos teatrais um teor realista, de modo que as intimidades dos relacionamentos humanos são expostas e colocadas de forma corrosiva e degradante.

O drama familiar, vivenciado pelo autor em relação aos pais, era marcado por uma relação de violência. O dramaturgo revelou em entrevista que o pai, geralmente, quando chegava em casa, quebrava tudo e agredia sua mãe. Bortolotto descreve que considerava os pais grandes personagens ficcionais, maiores que aqueles apresentados por Nelson Rodrigues. Acrescenta que uma vez o pai chegou em casa e queria brigar com sua mãe. Diante disso, ele reagiu, segurando-o. Naquele momento, o pai saiu em silêncio e foi para o quarto. Porém, no outro dia,

pdfMachine
A pdf writer that produces quality PDF files with ease!
Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click "print", select the "Broadgun pdfMachine printer" and that's it! Get yours now!

pegou uma arma colocou em sua cabeça e perguntou por que ele havia feito aquilo. Bortolotto (2006) respondeu que se o pai agredisse sua mãe novamente, teria a mesma reação. Depois disso, essa situação cessou. Bortolotto compreendeu seus pais, pois "o pai veio de uma família agressiva, violenta, que tinha uma história de vida assim e que cresceu levando *porrada* a vida inteira."

Mário Bortolotto observou esse drama familiar como uma história possível de ser teatralizada e que entender o personagem pai, escrever sobre ele, sem estabelecer julgamento seria mais interessante do que colocá-lo como vilão, que apenas sabe chegar em casa e bater na mulher. Diante dessas e de outras vivências, Bortolotto (2006) transfere essas personagens reais para o teatro com o objetivo de atingir o espectador com uma visão diferente da abordada pela tv, ou seja, do bem que vence o mal. Compreende que se algum espectador assistir "a uma peça com essa temática, ao ver esse tipo de personagem, não crucificado, não um vilão, irá conseguir mudar muito mais a sua própria vida."

O interesse pela leitura continuou após sua saída do seminário, tanto que recorria com freqüência às bibliotecas públicas e aos acervos de amigos. Sobre o hábito da leitura, Santos (2007) afirma que

> [...] ele vem de uma formação seminarista. Então ele lê desde muito cedo, leu os clássicos, e por ter estudado neste tipo de escola, então, vem toda aquela rebeldia da contestação, de ver toda aquela palhaçada em volta e não ficar calado, que é uma das coisas que mais admiro nele.

Os autores preferidos de Bortolotto eram Pepe Escobar, Admir Assunção, Nelson Capucho, Jotabê Medeiros, Jerse Gogel, Nelson Sato e Marcos Losnak, Charles Bukowski, entre outros. O dramaturgo se interessava também por textos sobre *Blues* e *Rock*. Trabalhou como crítico nos jornais "Folha de Londrina", "Correio Londrinense" e "A Notícia" de Joinville – SC. Os artigos abordavam temas variados, como a necessidade de se criar um Centro Cultural em Londrina; a morte de James Dean; os 25 anos da morte de Jack Kerouac; além de textos sobre cinema, música, teatro, histórias em quadrinhos, futebol. Também escrevia sobre escritores e pessoas anônimas. Os textos, algumas vezes, sofriam adaptações pelo editor Bernardo Pellegrini que limitou sua produção ao *rock* e *blues* pelo fato de serem polêmicos. Bortolotto também produziu e apresentou durante três anos o Programa

pdfMachine
A pdf writer that produces quality PDF files with ease!
Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click "print", select the "Broadgun pdfMachine printer" and that's it! Get yours now!

“Estação Blues” na Rádio Universidade FM de Londrina. Nesse período, foi compositor e cantor da banda de rock “Tempo Instável” e no Trio de Blues “Saco de Ratos Blues”. (BORTOLOTTO, 2001). Em entrevista a Alvim (2006), Bortolotto afirma,

> Comecei a fazer teatro pensado que dava pra fazer algo parecido em teatro e é o que eu tenho tentado até hoje. Pela primeira vez na vida estou tendo aulas de guitarra. O pouco que sabia, aprendia sozinho. Ainda não me sobra tempo pra praticar em casa o que aprendo nas aulas. Então fica tudo muito moroso, muito lento. Pra eu tocar como gostaria, tinha que me dedicar o ano inteiro só na música. Mas é impossível. Tenho muitos outros compromissos. Então tento levar tudo junto, da melhor maneira possível. Mas até o final do ano deve sair o cd da nossa banda, a Tempo Instável.

Sua primeira experiência como ator foi aos 12 anos em Londrina. Em 1981, aos 19 anos, juntamente com Lázaro Câmara e Edson Monteiro Rocha, fundou o grupo de teatro *Chiclete com Banana*, que fazia referência a uma tira de quadrinhos do *Angeli*. O nome foi modificado para o atual *Cemitério de Automóveis* em homenagem ao poema *Obligato do Bicho Louco*, de Lawrence Ferliguetti, da *beat generacion*[2]. Os primeiros trabalhos com o grupo *Chiclete com Banana* e depois com o *Cemitério de Automóveis* contribuíram para o movimento cultural iniciado em Londrina pelos grupos de teatro *Saperas*, *Proteu*, *Delta*. Esses grupos foram precursores de um teatro crítico, psicossocial, alternativo no final de 1970 e início de 1980. Ademir Assunção (2007) confirma que Bortolotto e outros amigos participaram dos movimentos artístico-culturais daquela época e dos movimentos estudantis e políticos.

O grupo de teatro *Proteu*[3]*,* no início de sua produção teatral, encenava peças cujas tramas faziam referências às minorias e retratavam problemáticas, como, por exemplo, a dos bóias-frias. Tinha como característica ser marcantemente político, com temáticas da resistência à ditadura militar e o processo de abertura. Outro grupo, o *Delta*, tinha um perfil mais psicológico, aproximando-se do teatro de Nelson

---

[2] A expressão *beat generacion* é dada por Jack Kerouac (1922-1969) quando compunha seu romance *Pé na Estrada*, tornando-se o escritor mais lido dos anos 50 pela juventude norte-americana. Em plena segunda guerra, 1944, em Colúmbia conhece Allen Ginsberg e William Burroughs. Ginsberg, por exemplo, foi um dos romancistas mais polêmicos e originais difundidos no mundo todo (KEROUAC, 1986).

[3] Este grupo é um dos articuladores do Festival Internacional de Teatro – FILO que acontece normalmente no período de junho.

pdfMachine
A pdf writer that produces quality PDF files with ease!
Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click “print”, select the “Broadgun pdfMachine printer” and that’s it! Get yours now!

Rodrigues (1912-1980). Bortolotto e os demais fundadores do *Cemitério de Automóveis* procuravam um teatro que tivesse características próprias, mais "marginal", das ruas, com referências de autores da literatura norte-americana, e européia, como a poesia urbana de Charles Bukovski (1920-1994), a literatura de Jack Kerouac (1922-1969) e Allen Ginsberg (1926-1997), Henry Valentine Miller (1891-1980).

Assim como esses escritores Bortolotto vai recriando a vida, aproveitando fatos que emergem e com o olhar para o submundo das ruas de grandes centros urbanos. Deste modo, ao retratar os próprios anseios da juventude, os primeiros romances, as expectativas e decepções, as histórias de homens e mulheres comuns – as prostitutas, os bêbados – as drogas, a violência urbana, as perversões, os conflitos de geração, Bortolotto também tematiza sobre os escritores que têm referência, assim como sobre os amigos, a sua juventude, as histórias em quadrinhos, os saxofonistas de *jazz* e tudo isso num liquidificador de sentimentos gerando textos caleidoscópicos do real. Enfim, seus textos trazem para o teatro a abordagem de angústias individuais e coletivas. De acordo com Vilar (*apud* Ryngaert, 1988, p. 38-39) este tipo de inquietação está fundada num teatro mais de contestação que de consumo e sucesso.

> Claro que um artista deve antes de qualquer coisa, compreender as realidades e necessidades do homem de seu tempo. Contudo, o teatro somente é válido, tal como a poesia e a pintura, na medida em que, precisamente, não cede aos hábitos, aos gostos, às necessidades, com freqüência gregários, da massa. Ele só interpreta bem seu papel, só é útil aos homens se abala suas manias coletivas, luta contra suas escleroses, diz-lhe como o pai Ubu: merdra!

Os primeiros textos de Bortolotto se inserem neste teatro de ruptura, renovação e interrogação (RYNGAERT, 1998, p. 39). Essa preocupação foi sendo aperfeiçoada com o decorrer do tempo. Durante os primeiros quinze anos de trabalho, Bortolotto relata em entrevista que o grupo *Cemitério de Automóveis* trabalhou com diferentes linguagens, como o teatro absurdo, naturalista, realista e o besteirol. Porém, enfatiza sempre preservar o estilo do grupo (VIANNA, 1997).

Bortotolotto traz referências de autores como: Rodrigo Garcia Lopez, Maurício Arruda Mendonça, Marcos Losnak, José Gripino de Paula, Paulo Leminsk, Ademir Assunção, Pedro Vicente, João Fábio Cabral, Marcelo Paiva, Marcelo Mirisola,

pdfMachine
A pdf writer that produces quality PDF files with ease!
Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click "print", select the "Broadgun pdfMachine printer" and that's it! Get yours now!

Daniel Galera. D'Umbra[4] (2008) ao testemunhar sobre Bortolotto destaca que ele ia à casa dos amigos para trocar informações, ler revistas em quadrinhos. "Ele infernizava alguém se fosse preciso ir atrás de informação". Também destaca que a formação seminarista somadas às referências que agregou durante o percurso de sua vida, como a música; revistas em quadrinhos; literatura norte-americana (Charles Bukowisk, Allen Guinsberg); literatura contemporânea brasileira (Roberto Drumond; Reinaldo Moraes) e cinema é que caracterizam e dão consistência ao teatro de Bortolotto. D'Dúmbra aponta que essas referências, as pesquisas, preferências, foram sendo ao longo do tempo interiorizadas pelo dramaturgo "da maneira mais honesta que alguém pode fazer". Ao manter esse diálogo com outras leituras, o escritor desenvolve a prática da intertextualidade, ou uma variante da interdiscursividade, ao criar e adaptar para o teatro textos da literatura contemporânea. Refere-se Barthes (*apud* CHAREAUDEAU e MAINGUENEAU, 2006, p. 288-289):

> Todo texto é um intertexto; outros textos estão presentes nele, em níveis variáveis, sob formas mais ou menos reconhecíveis [...]. O intertexto é um campo geral de fórmulas anônimas, cuja origem raramente é recuperável, de citações inconscientes ou automáticas, feitas sem aspas.

Com o grupo Cemitério de Automóveis, o dramaturgo participou de vários festivais em Londrina e Curitiba. Também se apresentou no interior de São Paulo e no Paraná. Em 1987 participou do *Ciclo dos Novos Diretores Contemporâneos* no espaço *Madame Satã,* em São Paulo. No ano de 1994, o grupo transferiu-se para Curitiba, remontando peças como *Uma Fábula Podre*, *Curta Passagem* e *Nossa vida não vale um Chevrolet*. Além dessas, montou outras peças como *Cocoonings* e *Vamos sair da Chuva quando a bomba cair*.

Em 1995, o grupo remontou o espetáculo *Leila Baby*, cumprindo a temporada no *Centro Cultural* de São Paulo. No semestre de 1996, montou a peça *Meduza de*

[4] D'Dúmbra trabalhou dez anos com o grupo Cemitério de Automóveis nas duas funções e iniciou sua atuação com o grupo em 1997, um ano após o grupo ter se radicado em São Paulo quando encenou sua primeira peça *Meia dúzia de Ryban,* de Bortolotto Em 1998, começa a produzir junto ao grupo em parceria com Christine, de Londrina a peça, p. *Diário de um Velho Quarteirão*. Em 1999 e 2000 produziu sua primeira Mostra com 14 peças. Em 2007 e 2008 realiza atividades de parcerias com Bortolotto, na direção de espetáculos, mas já não atua no elenco fixo e produção. Produz seus próprios espetáculos e outras atividades também no campo da dança em São Paulo.

pdfMachine
A pdf writer that produces quality PDF files with ease!
Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click "print", select the "Broadgun pdfMachine printer" and that's it! Get yours now!

Rybam. Já em 1997, o grupo se fixou em São Paulo, inicialmente, com as montagens de textos novos de Bortolotto: *Diário das Crianças do Velho Quarteirão*, *A lua é minha,* e *Postcards de Atacama*. Nesse ano, Vianna (1997) organizou e coordenou a publicação da primeira revista do *Grupo de Teatro Cemitério de Automóveis* em comemoração aos 15 anos do grupo de 1982-1997. Nos espaços por onde o grupo se apresentou, nas mostras de teatro pelos centros culturais de São Paulo, Praça Roosevelt, por exemplo, Bortolotto lança seus livros com textos e imagens de suas peças.

Em 2001, publicou o livro *Gutemberg Blues,* em que faz uma antologia de seus textos jornalísticos. Em 1997 publicou o livro de poesias *Para os Inocentes que ficaram em casa*; lançou os livros *Bagana na Chuva* (romance) em 2003; no ano de 2006 lançou o romance policial *Mamãe não voltou do Supermercado* e também o livro *Atire no Dramaturgo* (coletânea de textos do *blog www.atirenodramturgo.zip.net*); e o CD *Cachorros gostam de Bourbon*.

Bortolotto tem livros traduzidos para o francês e o espanhol. Em Portugal, foi montada *Little Baby,* de sua autoria. Para o cinema, o autor tem dois roteiros para filmes que ainda não foram montados *Bagana na Chuva,* de 2003 e *Mamãe não voltou do Supermercado,* 1996, e também as peças teatrais *Hotel Lancaster* e *Little Baby* que ainda podem ser adaptadas (Cenaberta, 2005). O dramaturgo também trabalha com adaptações de livros para o teatro. Destas, foram encenadas as obras: *Tanto Faz* (1981*)*, de Reinaldo Moraes; *O herói devolvido* (2000), de Marcelo Mirisola; *Dentes guardados* (2001), de Daniel Galera; *Faroestes* (2001), de Marçal Aquino; *Ovelhas que voam se perdem no céu* (2001), de Daniel Pelizzari; *Clavículas* (2001), de Cristiano Baldi, e *Chapa quente* (2006), de André Kitagawa.

O dramaturgo ganhou o Prêmio Shell, em 2000, pelo texto *Nossa Vida não vale um Chevrolet*. Em 2003, recebeu o prêmio de melhor ator no Festival Internacional de Cinema de Belo Horizonte pelo trabalho no curta-metragem: *Enjaulados*, de Luiz Montes. Em 2005, com *Nossa vida não vale um Chevrolet*, foi um dos autores eleitos pela Revista Bravo - Edição 100 do “O ranking do melhor da cultura em oito anos”, como um dos textos mais bem estruturados do país. No ano de 2002, Bortolotto ganhou o Prêmio da Associação Paulista dos Críticos de Arte (APCA – Associação Paulista de Críticos de Arte) pelo conjunto da sua obra. Em 2007, foi homenageado em Londrina com a construção de um centro cultural

pdfMachine
A pdf writer that produces quality PDF files with ease!
Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click “print”, select the “Broadgun pdfMachine printer” and that’s it! Get yours now!

denominado *Cemitério de Automóveis* e foi lançado pela editora *Artrito Art* o livro *Grupo de Teatro Cemitério de Automóveis: Cemitério em Cena*, que reúne várias fotos da companhia. Em 2008, lançou o livro *Nossa vida não vale um Chevrolet* pela editora Via Lettera, texto que inspirou o filme *Nossa vida não vale um opala* e que ganhou cinco prêmios no *Festival Cine Pernambuco* de Melhor Filme**,** Melhor Direção de arte (Monica Palazzo), Melhor Roteiro (Di Moretti), Melhor atriz (Maria Luísa Mendonça) e Melhor Trilha (Mário Bortolotto e Amalfi).

Bortolotto publicou recentemente quatro volumes com suas peças de teatro:

- *Seis peças de Mário Bortolotto* – Volume1, de 1997, que reúne as peças: *Medusa de Rayban*; *Vamos sair da chuva quando a bomba* cair; *Fuck you*, *Baby*; *Fica Frio* - Uma Road Peça; *Leila Baby e O Cara que dançou comigo.*
- *Seis peças de Mário Bortolotto* - Volume 2, de 1998, que agrupa as peças: *Postcards de Atacama*; *Nossa Vida não vale um Chevrolet*; *Uma Fábula Podre*; *Curta Passagem* - Quatro Pocket Peças; *À Queima-Roupa* e *A Lua é Minha.*
- *Sete peças de Mário Bortolotto* - Volume 3, de 2002, que reúne os seguintes textos: *Tempo de Trégua*; *Getsêmani*; *Gravidade Zero*; *Efeito Urtigão*; *Felizes para Sempre*; *Diário das Crianças do Velho Quarteirão* e *À Meia-Noite um solo de sax na minha cabeça.*
- *Doze peças de Mário Bortolotto* - Volume 4, 2003, que traz as peças: *Éramos todos Thunderbirds*; *Hotel Lancaster*; *Homens, Santos e Desertores*; *O Método*; *Vem pra Chuva*, *Baby*; *Os Anjos vão para o Céu*; *Cocoonings*; *Será que a gente influencia o Caetano?*; *Para Alguns a Noite é Azul*; *Deve ser do caralho o Carnaval em Bonifacio*; *Fora de Hora*, e *Brutal.*

A geração de escritores de Londrina da década de 1980 foi influenciada pela geração *beatnick ou beat generacion* que rendeu aos mesmos a fama de malditos, marginais, em decorrência da prosa espontânea, do modo como eram editadas as obras em pequena tiragem, dos usos da linguagem e da escolha das temáticas, tais como: intimidades, drogas, violência urbana, sexualidade, relacionamentos, escolhas individuais. Chamada de literatura marginal era representada por poetas

pdfMachine
A pdf writer that produces quality PDF files with ease!
Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click “print”, select the “Broadgun pdfMachine printer” and that’s it! Get yours now!

como Allen Ginsberg e Lawrence Ferlinghetti, precursores de todo o *desbunde* internacional na Europa. Dentre estes, há os célebres *poetes mauditis* franceses: Charles Baudelaire, Stéphane Mallarmé, Paul Verlaine, Arthur Rimbaud.

De acordo com Mattoso (1981, p. 57), a geração do *desbunde* da década de 1970, no Brasil, foi também representada, na música, pelo tropicalismo. Os autores dessa geração publicavam seus textos de modo alternativo por uma opção deles, pois não desejavam aderir ao mercado editorial. No Brasil, em 1980, com a "abertura" política, a poesia marginal foi consagrada pela busca da liberdade de expressão. De acordo com Mattoso (1981, p. 28-29), todos os autores queriam fazer tudo ao mesmo tempo. O que caracterizava esse tipo de produção eram a desorganização, a desorientação e a desinformação. Argumenta ainda que a despreocupação também era uma característica desses autores, assim como a displicência estética que então marcava suas poéticas. Destacaram-se nomes, como Paulo Leminski, em Curitiba, com o livro-poema o *Catatau*. Na dramaturgia brasileira, a atribuição de maldito foi dada na dramaturgia a Plínio Marcos (1935-1999) e, atualmente, a Mário Bortolotto.

Assunção (2007), poeta e ficcionista, relatou que há uma riqueza muito grande na produção de Bortolotto e afirma que rotulá-lo de marginal seria um equívoco, pois sua produção não se reduz a este conceito. Ele acrescenta que ele e outros escritores de Londrina não agüentavam mais as convenções ideológicas, da forma de escrita ou de publicações, e que eles viam nos ditos derrotados uma riqueza muito grande de retratar a vida nua e crua, tal como é. Sobre a produção de Bortolotto, entende que suas personagens, os derrotados, tornam seu teatro extremamente político sem ser panfletário. Às vezes, é extremamente trágico, e com tons de ironia e comédia.

A tendência de produção alternativa foi o modo pelo qual Bortolotto conseguiu divulgar inicialmente seus livros. Christine Vianna, atriz e ex-mulher do autor com quem tem uma filha, tem efetivamente organizado os materiais fotográficos e jornalísticos desde o início da formação do grupo teatral. A primeira publicação da Revista do *Cemitério de Automóveis*, em 1997, reuniu os primeiros 15 anos da Cia. com entrevistas de atores, críticos de teatro, poetas e jornalistas. Segundo Vianna (*apud* PEDREIRO, 2004) só foi possível ser organizada com o apoio da editora Áurea e do artista gráfico Herman Schimitz. Em seguida, relata que houve o apoio da

pdfMachine
A pdf writer that produces quality PDF files with ease!
Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click "print", select the "Broadgun pdfMachine printer" and that's it! Get yours now!

gráfica *Midiograf* de Londrina e da empresa *X Graf* que *escaniou* as fotos. Os demais livros de Bortolotto têm sido produzidos em pequenas tiragens pela editora paranaense *Artrito Art,* de Londrina/PR, sob organização e coordenação editorial de Vianna, com uma tiragem de 1000 cópias por vez aproximadamente.

Segundo Vianna (*apud* PEDREIRO, 2004) esse trabalho de editar textos de autores anônimos justificou a criação da editora *Artrito Art*, que iniciou com pequenas tiragens e que hoje vem ampliando para outros estados a distribuição de suas publicações. Em entrevista à Folha de Londrina, ela relata que

> Eu trabalhava como atriz e produtora e começou na vontade minha e do Mário [Bortolotto] de lançar o romance policial dele, "Mamãe não Voltou do Supermercado". E a gente queria fazer como livro independente, não foi tentada nenhuma editora, a gente bancou o custo, fizemos o lançamento, foi bem bacana. A partir daí fiz mais três livros independentes e vi a necessidade de ter uma editora, porque é uma maneira de representar melhor os autores. A editora foi "fundada" para isso, para distribuir melhor esses trabalhos que são publicados. [...] Havia bastante gente produzindo, e com o tempo a editora foi ganhando força – não que seja uma editora grande, a Atrito é pequena, tem o perfil de editora pequena e uma distribuição nacional modesta, mas crescente. [...] Nossos livros são bem cuidados, tento dar um acabamento, sempre dentro da verba que eu tenho. E a gente está tendo uma aceitação muito boa, São Paulo está comprando muito, Rio de Janeiro compra bastante, Minas Gerais um pouco e menos em Curitiba. A distribuição está aumentando, principalmente no Rio e em São Paulo. Londrina é onde a gente menos vende. Para ter uma idéia, só uma livraria vende os livros da Atrito em Londrina.

Bortoltto, em entrevista para a revista eletrônica *Cenaberta* (2007), falou sobre a trajetória de produzir e publicar seus textos:

> Sempre escrevi prolificamente. Tenho cerca de 50 textos de teatro. Precisava fazer escoar esse trabalho. As pessoas me ligavam pedindo textos. Eu tinha que mandar pelo correio. Fui me cansando disso tudo e então resolvi publicar de uma vez alguns textos. O primeiro Volume foi publicado em 1997 e saiu com seis peças de minha autoria (*Medusa de Rayban, Vamos Sair da Chuva quando a Bomba cair, Fuck you, Baby, Fica Frio - Uma Road Peça, Leila Baby, O Cara que dançou comigo*). Foi o resultado de uma parceria minha com a Editora Atrito Art que já havia publicado um romance policial de minha autoria (*Mamãe não voltou do Supermercado*). E o livro só conseguiu ganhar publicação através da Lei de Incentivo Cultural da Prefeitura Municipal de Londrina e da Caixa Econômica Federal. Não faço idéia se há ou não interesse de outras editoras na publicação dos referidos textos. Nunca fui atrás de Editora nenhuma.

pdfMachine
A pdf writer that produces quality PDF files with ease!
Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click "print", select the "Broadgun pdfMachine printer" and that's it! Get yours now!

A dificuldade de veiculação da produção dos livros de autores, como Bortolotto e de outros escritores mais contemporâneos, acontece pela falta de apoio financeiro para a impressão e a propagação das obras literárias e poéticas de autores anônimos. Há também o desinteresse do mercado editorial por esse tipo de linguagem, e do próprio autor em entrar no mercado. De acordo com Vianna (*apud* PEDREIRO, 2004), a Lei de Incentivo à Cultura é uma alternativa para esses autores publicarem. A editora *Artrito Art* conseguiu lançar alguns livros por meio do patrocínio de empresas privadas. Porém, elas preferem apoiar mais a musica que o teatro. Vianna afirma que,

> Os empresários têm um pouco de receio porque vai estar registrado para o resto da vida naquele papel. Na Atrito você não paga para fazer o seu trabalho, eu vou conseguir esses recursos ou através da Lei ou através de outra produção, e você vai ter 50% do lucro. Geralmente, nas editoras, o autor fica com 10%, 20% e olhe lá. Só os grandes autores recebem uma luva para escrever. Geralmente, o autor é o que menos ganha. Na Atrito a gente faz uma divisão meio a meio.

Importa ressaltar que as pequenas tiragens impossibilitam o acesso dos leitores às obras de escritores da contemporaneidade. As leis de incentivo à cultura têm sido um caminho para a edição de livros, mas não é o único, pois há hoje, mesmo que pequena, a publicação de livros por meio de mídia eletrônica. Para isso, é necessário que o livro tenha sido digitalização e que autor a disponibilize. Assim, há a circulação por *internet*, *blogs* e sebos virtuais. Contudo, ainda é difícil encontrar exemplares, que são impressos em poucas tiragens, como os de Bortolotto. A maioria de sua produção encontra-se esgotada. No caso do dramaturgo, nem ele tem em seu acervo pessoal algumas de suas obras, como o caso do volume I das peças de teatro que contém o texto de *Fuck you, Baby* entre outros volumes já publicados. Segundo Bortolotto (CENABERTA, 2007),

> Publico os livros pela *Atrito Art* que é uma editora de Londrina e que trabalha em sistema de parceria comigo. Gosto da idéia de publicar independente. [...] Eu vendo nos teatros que estou apresentando, pela internet ou pelo correio. É muito raro encontrar algum livro meu em livrarias. Não me preocupo com riscos ou prejuízos. Aliás, nunca me preocupei com isso. Se me preocupasse, não conseguiria fazer praticamente nada do que faço. As edições costumam ter tiragens

pdfMachine
A pdf writer that produces quality PDF files with ease!
Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click “print”, select the “Broadgun pdfMachine printer” and that’s it! Get yours now!

> pequenas (1.000 exemplares cada), mas como já disse os dois primeiros volumes estão esgotados. O volume três deve se esgotar em breve.

A problemática das publicações das obras, da distribuição dos volumes nas livrarias e escolas dificulta o acesso aos leitores. Este fato justifica a pouca utilização desses textos pelos professores nas escolas e universidades. Desse modo, a literatura contemporânea acaba sendo desconhecida nas escolas, de nível médio e superior, inclusive, nos cursos de Letras. Para Ryngaert (1988, p.94),

> O teatro contemporâneo conhece uma espécie de *déficit* de leitura porque tem a reputação de ser mais difícil acesso, porque até agora tem pouca presença no sistema educativo e porque as características da edição o reduzem [...] ao mínimo suficiente para sua compreensão.

Bortolotto opta pela publicação independente e em entrevista afirma que é importante os escritores insistirem na publicação de seus textos. Testemunha (CENABERTA, 2007) ter percebido que,

> [...] são apenas pessoas envolvidas no *metier* teatral que se interessam e adquirem os livros. Pessoas interessadas em apenas ler e conhecer a obra também compram. Entendo cada vez mais a necessidade premente de outros dramaturgos também insistirem na publicação, mesmo que em atitude guerrilheira, de seus textos. Percebo que o dramaturgo publicado e a dramaturgia só têm a ganhar, e muito, com tais publicações.

Bortolotto (2006) reconhece a vantagem de publicar, embora ele não se dedique para consolidar isso. Suas atividades estão concentradas com a escrita de textos teatrais, atuação e produção de espetáculos.

O dramaturgo é considerado pela crítica teatral um autor multimídia por não diferenciar roteiro de literatura em suas próprias peças, variando os temas e conflitos, seja pela diversidade sem preocupações com as teorias da estética. (COELHO, 2003). Essa tendência acompanha o teatro contemporâneo da década de 1980, que se caracteriza pelas múltiplas referências, pelo retorno ao patético e por explorar territórios íntimos. Segundo Vinaver (*apud* RYNGAERT, 1988, p. 41):

pdfMachine
A pdf writer that produces quality PDF files with ease!
Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click “print”, select the “Broadgun pdfMachine printer” and that’s it! Get yours now!

> É somente escapando toda obrigação de agradar, divertir, produzir e ser produzido, conformar-se, conseguir alimentar sua família, que o autor de teatro pode esperar ocupar seu lugar – que é na marginalidade – e pode cumprir seu papel – que é suscitar algum abalo ou fissura na ordem estabelecida. Acredito na necessidade que existe, para o autor de teatro, de estar, *a priori*, excêntrico. De executar sua função por contínuos saltos para o lado. De ser inassimilável [...].

A escrita teatral contemporânea oferece ao leitor o rompimento com o teatro tradicional, que é fixado no modelo clássico estruturalista, do enredo fechado, coerente, ao operar pelo desregramento das convenções de representação. Segundo Ryngaert (1998, p. 5-6) o teatro hoje encontra diferentes meios para a representação e cada modelo, apesar de suas convicções e diferenças, segue a matriz primeira, que é a "troca entre seres humanos, sob seu olhar que cria um espaço e funda a teatralidade." Deste modo haverá no teatro de hoje dissonâncias entre aquele que escreve o que encena e aquele que assiste, e também em relação àquele que adapta o texto como o é o caso do roteirista de cinema o que pode gerar para os autores desconforto.

As práticas cênicas na contemporaneidade são fundadas no descentramento, no arbitrário e no acaso, por isso o cuidado que se deve ter para analisar os textos teatrais contemporâneos. Sua leitura escapa aos modos convencionais de um texto unificado, pois sua trajetória se desloca diante da subjetividade do autor, do texto e do leitor sendo, portanto, inclassificáveis. Conforme Pavis (2005, p. 15),

> Essa lógica da sensação (Deleuze), esse movimento que move o texto e comove o espectador, esse deslocamento dos afetos e das intenções, só são tangíveis e sensíveis se nos abstivermos de ressublimá-los em um traço escrito inequívoco, reduzido a um significado ou a uma cifra secreta.

Bortolotto, assim como outros escritores e leitores, busca nos poetas *malditis* franceses, nos *beatniks* norte-americanos, europeus e brasileiros, a liberdade e a densidade da escrita, além do ímpeto de perturbar a ordem estabelecida na sociedade. Diante dessas referências, a escrita de Bortolotto é contundente, cínica, cômica e irônica em relação aos dramas da realidade. Seus textos são ancorados em elementos do repertório da vida, o que proporciona ao leitor/público uma relação

pdfMachine
A pdf writer that produces quality PDF files with ease!
Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click "print", select the "Broadgun pdfMachine printer" and that's it! Get yours now!

ambivalente[5]: de identificação e de incômodo. As alterações na linguagem teatral assim como na literatura tradicional, começaram pelas influências da literatura "marginal", e também pela liberdade de escrita, não linear e em oposição ao estruturalismo. Para Ryngaert (1998, p. 57),

> A dissolução das ideologias nos anos 80 é acompanhada por uma perda de referências. Poucos textos se referem à História e à política, muitos textos exploram os territórios íntimos, como para compensar um déficit de emoções, manifestando um claro retorno ao patético.

O teatro passa de um produto elitizado para alcançar um público maior e mais popular. Coexistiram um "teatro privado" e um "teatro público", cada um com suas particularidades e características. O primeiro evidenciava a rotina e tinha como função divertir a aristocracia; o segundo caracterizava-se pela inovação e direcionava-se aos populares. Ryngaert (1998, p. 37) aponta que

> A clivagem entre o teatro que pensa, inova, provoca e procura dar conta do mundo ou agir sobre ele, e o teatro que distrai, deleita-se com a rotina ou ajuda a assimilar tornou-se cada vez mais evidente. Sem dúvida, nenhum dos dois jamais se confessa enfadonho e inútil.

O teatro é feito de contradições e permite uma escrita em que o jogo das palavras tempera as ações dramáticas das peças teatrais e cria uma verossimilhança diante da realidade. Ao ficcionalizá-la, o jogo se estabelece sobre o que está escondido e o que é mostrado, mesmo que o autor corra o risco da obscuridade. Segundo Pavis (1989, p. 16-23), é necessário um ponto de contato com o real para que haja entre teatralidade e realidade uma relação de credibilidade ao que esta sendo proposto. O escritor poderá optar por diferentes ferramentas lingüísticas para dar sustentação e surpreender o leitor/espectador, por exemplo, a metáfora, a polifônia[6] e a polissêmia[7].

---

[5] Esse conceito "remete para os termos ou enunciados que tenham sentidos opostos, sendo ambos válidos. Trata-se de uma forma particular de ambigüidade. [...] Casos comuns são os da ambivalência da aceitação e da rejeição, do amor e do ódio pela mesma pessoa [...]". (CEIA, 2006)

[6] "Termo emprestado da música, que alude ao fato de que os textos veiculam, na maior parte dos casos, muitos pontos de vista diferentes: o autor pode fazer falar várias vozes ao longo de seu texto [...]." (CHAREAUDEAU; MAINGUENEAU, 2006, p. 384-388).

[7] No latim científico *polysemia*, e no grego, *polwsemos*, significa que uma palavra ou um termo pode ter muitas significações.

pdfMachine
A pdf writer that produces quality PDF files with ease!
Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click "print", select the "Broadgun pdfMachine printer" and that's it! Get yours now!

A linguagem teatral também questiona paradigmas e conceitos da sociedade através da ruptura das convenções e dos códigos sociais e produz outras leituras. No teatro, a desconstrução da palavra e dos temas foi acompanhada pelos autores do Teatro do Absurdo.[8] Segundo Pallottini (1989, p. 116) esse movimento não é homogêneo e nem os identifica de modo ordenado, pois a aproximação se dá pela estética da linguagem que, para eles, está no descrédito do teatro tradicional. De acordo com a autora, "o teatro do absurdo, em princípio, desconfia da palavra; considera-a esgotada, privada de sentido e sem comunicabilidade".

Bortolotto, ao desconstruir tudo em seus textos, instiga o espectador a provar o doce e o veneno, o *phármakon*[9] da vida e assim os escreve impregnados de sentimentos e vivências urbanas. O *phármakon* de Derrida (2005) representa a polissemia, a deformação, a indeterminação ou sobredeterminação. A partir desses deslocamentos de significados, é que categorias de classe, gênero, espaço, identidade, etnia, orientação sexual, fronteiras afastam-se do centro e são contestadas. Sintoma sócio-histórico da contemporaneidade que explica a cidade, a megalópole, as contradições, o deslizamento das identidades dos indivíduos. De acordo com Teixeira (1998), a vantagem de aplicar a noção de *phármacon* é um exercício sobre a análise da sociedade e o que ela representa. Segundo este autor (1998, p. 36) trata-se de um exercício filosófico da linguagem,

> [...] um estágio agudo do exercício das ciências humanas, como também, e principalmente, revelaria a natureza da consciência

[8] Pallottini, ao fazer uma análise historiográfica do personagem do teatro absurdo, aponta que o espírito de contestação foi expresso por Albert Camus na década de 1940. Seria o homem em divórcio consigo mesmo e com a vida, a privação da liberdade, entre o ator e seu cenário, o ser e o não ser. Os sentimentos humanos refletidos na dramaturgia irão traduzir a desilusão, o desencontro, comunicar quando não se acredita mais em comunicação. Datado em 1947, o teatro absurdo, ano que se encenou em Paris *O Processo* baseado no texto de Franz Kafka (1883-1924), sob direção de Louis Barrault, não é um movimento homogêneo, e engloba autores como Samuel Beckett (1906-1989) e Jean Genett (1910-1986), entre outros.

[9] Farmacéia é também um nome comum (*Pharmákeia)* que significa a administração do *phármakon*, da droga: do remédio e/ou veneno. [...] Esse *phármakon,* essa 'medicina', esse filtro, ao mesmo tempo remédio e veneno, já se introduz no corpo do discurso com toda a ambivalência. [...] Se o *phármakon* é 'ambivalente', é, pois, por constituir o meio no qual se opõem os opostos, o movimento e o jogo que os relaciona mutuamente, os reverte e os faz passar um no outro (alma/corpo, bem/mal, dentro/fora, memória/esquecimento, fala/escritura etc). [...] O *phármakon* é o movimento, o lugar e o jogo (a produção de), a diferença. Ele é a diferencia (*différance*) da diferença. Ele mantém em reserva, na sua sombra e vigília indecisas, os diferentes e os diferindos que a discriminação virá aí recortar. As contradições e os pares de opostos levantam-se sobre o fundo dessa reversa diacrítica e *diferante*. (DERRIDA, 1997, p. 74-75).

pdfMachine
A pdf writer that produces quality PDF files with ease!
Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click "print", select the "Broadgun pdfMachine printer" and that's it! Get yours now!

> humana, que se confunde com a noção de linguagem. Essa perspectiva não admite um centro exterior responsável pela geração dos significados a serem captados pelo espírito humano e 'depois' veiculados pela linguagem. Ao contrário, ao criar os significados e o respectivo sistema de signos, o homem estaria forjando a própria consciência, também constituída por elementos contrastivos.

O estado caótico das relações humanas é causa e efeito dos relacionamentos produzidos pelos valores do capitalismo e da tecnologia que podem decorrer em identificações e gerar diferentes tipos de grupos/tribos que se bifurcam, chocam, colidem no contexto das cidades. As identidades são contestadas e rearranjadas pela relação de pertencimento. Os sujeitos se agrupam e agregam um ou mais elementos do mesmo paradigma. Por exemplo, na escolha da religião, o indivíduo poderá fazer uma composição dos elementos simbólicos de um e outro segmento ou ainda acumular diferentes identidades nacionais. Maffesoli (1996, p. 30) aponta que [...] "o eu é apenas uma ilusão, ou antes, é uma busca um pouco iniciática, não é nunca dado, definitivamente, mas conta-se progressivamente, sem que haja [...] unidade de suas diversas expressões".

O ser como presença, na contemporaneidade, está ancorado em valores mais ambíguos que no caso da metafísica ocidental, em que o centro como valor justificaria a existência. Para Derrida (2005), o valor de centro se afirma em relação ao não valor de seu oposto: Deus/diabo, homem/mulher, pelo contraste do outro, como o bem/mal, a verdade/mentira. O filósofo, ao fazer uso da noção de desconstrução, rompe, em sua análise, com a identidade alicerçada no "deve ser", e com os significados universais, ao se colocar contra a concepção logocêntrica do pensamento metafísico. Ou seja, a família ocidental não é o centro dos valores herdados pela tradição patriarcal, como exemplifica *Fuck you, baby.* Bortolotto parte da contestação e segue a tendência do teatro contemporâneo. A estética de sua narrativa representa personagens cujas identidades são movediças e fluídas. Essas personagens atravessam por várias situações sem se fixarem a elas, nem aos lugares. Os temas abordados pelo dramaturgo em seus textos são atemporais ao tratarem dos relacionamentos humanos presentes em todos os tempos, como a juventude, a exclusão, os anseios, dúvidas e escolhas diante das mais variadas situações da vida.

pdfMachine
A pdf writer that produces quality PDF files with ease!
Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click "print", select the "Broadgun pdfMachine printer" and that's it! Get yours now!

No sentido de *phármacon*, evidenciado por Derrida (2005), está implícito o jogo lingüístico dos textos teatrais contemporâneos pelo fato destes contestarem aquilo que "não é" das categorias sócio-culturais: família, gênero, aparência, comunicação e afetividade. Este tipo de linguagem joga com a crítica social ao se utilizar da ironia, da metáfora, do sarcasmo a fim de comunicar as mudanças de peles dos sujeitos sociais e de suas identidades. Essas percepções refletem-se, por exemplo, nos relacionamentos humanos que são capturados pelos escritores, poetas, teóricos. Segundo Santos (2002) Bortolotto, por exemplo, privilegia personagens que são,

> [...] em sua maioria jovens, que vivem histórias em condições-limite de conforto social, afetivo e existencial, sempre impregnados de humor. [...] Latas de cerveja, óculos escuros, botas desbotadas, enfim, largados na vida e no jeito de se vestir, os vagabundos, desempregados, drogados, prostitutas, patricinhas ou boyzinhos das peças de Bortolotto são retratados sem retoques, de forma realista. É esse teatro maldito, de parcos recursos, antipsicologizante, sem concessões nos temas e, sobretudo, muito desbundado que vem conferindo visibilidade ao Cemitério de Bortoltto, para quem o reconhecimento implica admiradores e desafetos.

Diante disso, observa-se que as personagens de Bortolotto são dilacerantes, audaciosos e os diálogos representam as linguagens das ruas, dos conflitos de gerações e das incertezas das escolhas individuais. A peça *Fuck you, baby*, por exemplo, agrega uma escrita profusa, cujas cenas são fragmentadas apresentando diferentes espaços urbanos em que atravessam e cruzam as personagens. Os efeitos são justapostos em quadros correspondentes à estrutura das revistas de histórias em quadrinhos (HQ). O dramaturgo afirma que para escrever a referida peça teatral colocou os "temas da sociedade que o incomodavam em um liquidificador".

D'Dúmbra (2008) afirmou que a fusão de linguagens e diferentes referências fazem parte do processo criativo de Bortolotto e lhe confere uma estética particular em suas produções como escritor e diretor. Deu exemplo da influência das revistas em quadrinhos em seus textos quanto ao uso dos diálogos irônicos e verossímeis. Nesse sentido afirma que as cenas têm sua própria independência e fluem de um espaço a outro em um mesmo ato.

pdfMachine
A pdf writer that produces quality PDF files with ease!
Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click "print", select the "Broadgun pdfMachine printer" and that's it! Get yours now!

Bortolotto fez uma adaptação da revista em quadrinhos *Chapa Quente* de André Kitagawa. Coelho (2006) detalha sobre esse processo de criação em entrevista com o dramaturgo:

> [...] Bortolotto não usa as crônicas de Kitagawa como mero ponto de partida para sua peça. Apaixonado pela linguagem de HQ, convidou o quadrinista para co-dirigir, ou seja, redesenhar suas histórias com a cara dos atores e projetá-las em telão, para o uso de flashbacks ou fluxos de consciência, enquanto os atores se jogam em caricaturas vivas com uma alegria feroz. Seria fácil aqui aproximar esse amálgama de quadrinhos, cinema, teatro e rádio com outros exemplos ilustres que se referem a Will Eisner ou Frank Miller. Mas aqui, a vantagem é que não há gênios a serem estrategicamente homenageados, todos os criadores estão em torno da mesma mesa de sinuca, com uma mesma fé no taco. Não importa. Entre piadas internas e soluções cênicas sofisticadas, a montagem - sem pretender revolucionar nada- propõe um teatro inaugural, em que rótulos colam mal, como foi, décadas atrás, o "Trate-me Leão", do grupo Asdrúbal Trouxe o Trombone. Desigual, mas envolvente como sua trilha, "Chapa Quente" é um insolente mergulho no caos, assim como uma noite de sinuca em meio ao toque de recolher.

A linguagem *underground* das revistas em quadrinhos tem influência de Robert Crumb[10], artista e ilustrador, referência para muitos escritores desse movimento com sua primeira publicação, o gibi artesanal, *Zap Comix* que lhe conferiu notoriedade. O modo de publicação alternativa influenciou outros quadrinistas e também a Bortolotto na composição de suas peças o que caracteriza um teatro em quadrinhos, que além de *Chapa Quente* também é o caso da peça *Fuck you, baby* escrita pelo autor.

Assim, Bortolotto cria em seus textos o que Ryngaert (1988, p. 86) chama de efeitos de caleidoscópio, “que produz um efeito de quebra-cabeça ou de caos cuja eventual reconstituição é deixada em parte à iniciativa do leitor.” Conforme Ryngaert (1998, p. 30),

> A representação teatral contemporânea ‘representa’ menos do que no passado e alguns diretores se chocam com obstinação contra o muro do não-representável ou do menos representável quando

[10] Robert Crumb (nascido em 30 de agosto de 1943, Filadélfia, Pensilvânia) é um artista e ilustrador, reconhecido como um dos fundadores do movimento underground dos quadrinhos, e é considerado frequentemente como a figura mais proeminente nesse movimento, tendo como ponto de partida a publicação do gibi artesanal "Zap Comix". [...]Atualmente mora no sul da França, passando a adaptar obras literárias de autores como Franz Kafka, Charles Bukowski e Philip K. Dick. Nos últimos anos, se dedicou ao seu livro mais pessoal: a quadrinização do velho testamento da Bíblia (WIKIPEDIA, 2008).

pdfMachine
A pdf writer that produces quality PDF files with ease!
Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click “print”, select the “Broadgun pdfMachine printer” and that’s it! Get yours now!

> procuram fazer recuar os limites que habitualmente é dado a ver. [...] O leitor, se não é nem cenógrafo nem diretor, trabalha, no entanto, para construir imagens na relação entre o que lê e o estoque de imagens pessoais que detém. É ainda necessário que ele organize as imagens persistentes impostas pela concepção dominante do teatro e que ouse recorrer a um imaginário não convencionado.

O escritor, ao construir o texto, tem a intenção de comunicar sua história. Para isso pode fazer diferentes usos da linguagem para representar o real. O jogo começa para o autor a partir de suas vivências, referências, intenções e, para o leitor, quando este entra em contato com a leitura, seja com o texto em si ou ao ver uma peça teatral, um filme, um quadro. Segundo Chartier (2001, p. 20), "[...] cada leitor, lê a partir de suas próprias referências, individuais ou sociais, históricas ou existenciais, dá sentido mais ou menos singular, mais ou menos partilhado, aos textos de que se apropria."

O conjunto da obra de Bortolotto permite concluir que, como autor, é um arguto intérprete da contemporaneidade. Sua estética dramatúrgica (sensibilidade, sensação, sentimentos, atração)[11] decorre de seus olhares sobre a supermodernidade. Este termo é proposto por Augé (1997, p. 41) para apontar as transformações no tempo e no espaço devido à globalização, ao desenvolvimento tecnológico, a aceleração da história, o encurtamento dos espaços, a planetalização de alguns problemas, a superabundância factual, as cooperações econômicas e políticas e as individualizações das referências.

Sabe-se que a realidade é uma construção feita não sobre o real, mas sobre as representações deste real com as quais o autor entrou em contato enquanto leitor. Bortolotto (2006) testemunha que prefere escrever sobre as pessoas comuns, sobre os excluídos, aqueles que não são representados na história oficial.

> [...] O cara que está bebendo sozinho, o sujeito que roubou uma quitanda e não o grande ladrão de bancos, esse cara não é um grande personagem, acho a história do ladrão de quitanda mais interessante. Na verdade o que tem a ver a minha literatura são pessoas comuns, são essas pessoas que habitam os meus textos, muito simples, é, desde bandidinhos até o cara que trabalha na agência, um *office boy*, então na verdade os meus personagens são esses que a crítica resolver chamar de excluídos.

[11] Esses elementos de atração e corporalidade constituem-se enquanto signos que compõem os interesses pessoais e coletivos. Uma forma de emoção estética enquanto estrutura antropológica e que confere a Bortolotto uma singularidade dramatúrgica (MAFFESOLI, 1996).

pdfMachine
A pdf writer that produces quality PDF files with ease!
Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click "print", select the "Broadgun pdfMachine printer" and that's it! Get yours now!

Percebe-se que são as histórias individuais, seus conflitos, dúvidas e sentimentos, que permeiam as relações humanas nos grandes centros urbanos, motivam o escritor. Os diálogos ácidos de suas personagens abordam, de modo crítico, temas da sociedade, por exemplo, sexo, família, incesto, juventude, poder, religião, instituições, solidão e violência, como é o caso da peça *Fuck you, baby*. Nesse sentido, as personagens sociais sustentam a criação das personagens teatrais traduzidas pelo dramaturgo. As contradições da cidade, da vida que colide em meio ao capitalismo, que gera desigualdades sociais, tribalização, a corrupção, diminuição do poder normativo das instituições, as tensões da globalização e o individualismo da metrópole estão entre suas inspirações. Como afirma D´Umbra (2008), atriz e produtora teatral, "os personagens do Mário são assim como ele, estão vivos". Pessoas reais, que conheceu, tornam-se personagens da peça.

Raul Cortez (*apud* PAIVA, 2003) ao ler a maioria dos livros e assistir à Mostra de Dramaturgia Contemporânea do SESI, em 2002, de Bortolotto, encenou duas de suas peças: *À meia noite um solo de sax na minha cabeça* e *Fica frio.* Sobre Bortolotto, Cortez afirma, em entrevista a Paiva (2003), que "Ele é uma mistura de Nelson Rodrigues com Plínio Marcos, mas ele é, na sua loucura, com sua personalidade forte. Ele é um Oasis. Tive atração pela vida marginal de seus personagens [...] ele chuta o balde no abismo mais próximo".

Outra marca dos textos do dramaturgo são homenagens que costuma fazer aos amigos, colocando-os como personagens, em alguns casos é seu próprio alter-ego. Bortolotto (2006) declara, em entrevista, que os amigos costumam perguntar "você está falando de mim Mário?" Ele costuma dizer que é "claro, inevitável", pois está sempre observando, e se surgir algum diálogo, uma situação, é inevitável que ele o utilize em seus textos. Santos (2007) afirma que teve oportunidade de

> [...] ver no teatro da Folha de São Paulo uma peça do Mário que eu já sabia como seria, o texto dele. Ele sempre fala pra mim que quando ele vai escrever a peça, ele ta sempre de olho, ele já sabe a luz que quer, a música que vai usar, o ator que ele quer para trabalhar com aquele espetáculo. Uma vez ele escreveu uma peça pro Iltão. Tanto que tem uma peça que se chama Getsêmani tem o personagem próprio chamado Iltão. E ele estreou com o Mário, um amigão nosso.

pdfMachine
A pdf writer that produces quality PDF files with ease!
Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click "print", select the "Broadgun pdfMachine printer" and that's it! Get yours now!

Santos (2002) ao realizar entrevista com Bortolotto questionou se havia relação pessoal dele com os personagens de *Homens Santos e Desertores*[12]. Neste caso, se representava o *alter-ego* do escritor conversando com um moleque. Bortolotto responde: "[...] Uma parte talvez. É sempre uma parte só. Em qualquer criação artística é assim. Uma parte é o autor, a outra é onde sua vista alcança, até onde consegue ouvir apesar de toda a polifonia urbana"

Mirisola[13] (2008), escritor, testemunha que há uma diferença entre ele e Bortolotto. Sobre o seu modo de escrever revela que "ficcionaliza", manipula a escrita e brinca com o leitor através de seus personagens. Para ele, Bortolotto, ao contrário, acredita naquilo que escreve. O escritor destaca que o referido dramaturgo é fiel ao que escreve, tem sua ética, e em determinadas situações exagera, cria, mas se mantém nas coisas que acredita.

Bortolotto (2006) se auto-define como um "cafanerd*"*: "sou um cara de rua, assim quero ler minhas coisas em casa [...]". Acrescenta que a expressão é inspirada pela fala de Fausto Fawcett: "*Nerd* por ser aquele cara de óculos, careta, que fica na frente do computador, e o *cafageste* que é aquele que fica no bar bebendo, enchendo a cara, falando merda". O autor sinaliza que "gosta de ler desde '*pivete'*, ler e escrever ao mesmo tempo, e que também gostava da rua". Em entrevista a Filho (2005) o dramaturgo fala de sua vivência:

> Costumo dizer que só sei escrever sobre a vivência humana. Não sofro de síndrome de Mazzaropi e não a nada que me interesse fora dos grandes centros urbanos. É onde me sinto a vontade. Gosto de andar à tarde pelo cento de São Paulo. Gosto da balbúrdia toda, me sintonizo com a cidade e respiro junto com ela. Quando escrevo, a trilha sonora da cidade são a minha trilha sonora predileta.

---

[12] "A peça conta a história de um garoto que se aproxima de um homem por ver nele sua inevitabilidade" (BORTOLOTTO; VIANNA, 2007, p. 90-91).

[13] Escritor de literatura contemporânea conheceu Bortolotto em 2000 quando morava em Florianópolis através de Reinaldo Moraes, que o apresentou também a Fernanda D´Dumbra. Mirisola é considerado um escrito sarcástico. Ele afirma que prefere desacreditar sobre aquilo que está escrevendo, o que para ele lhe dá uma liberdade de transcender a própria ética. Fazer literatura para ele só é possível se houver uma liberdade no sentido de criação, de uso da linguagem. Acrescenta que mesmo ao ficcionalizar o texto, os assuntos pessoais também serão referências. Os fatos vivenciados e a necessidade de reagir diante da vida são para ele manifestados na sua literatura. Ele afirma provocar o seu leitor quando escreve, e sabe como vai comovê-lo. Para tanto, planeja, arquiteta, mas não como um ato de frieza, afirma, acha importante ter sua própria ética. (2008).

pdfMachine
A pdf writer that produces quality PDF files with ease!
Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click "print", select the "Broadgun pdfMachine printer" and that's it! Get yours now!

Nos centros urbanos, as relações humanas, o cotidiano e uma multiplicidade de particularismos e intensos fluxos de informações tornam-se referências para poetas, escritores, pesquisadores em geral. As variáveis do comportamento humano, como atrações, cumplicidades, carências e infortúnios ganham visibilidade, assim como o sentimento de contestação dos modelos sociais vigentes que encontra expressão na arte. De acordo com Cecília (1988) as expressões artísticas contemporâneas traduzem aspectos sociais que o caracterizam. Ou seja,

> [...] com a valorização das minorias e do problema da alteridade – a informação é levada ao paradoxismo, sendo produzida, estocada, e feita circular como mercadoria; há uma descrença generalizada em projetos e ideologias, devido a um contínuo reprocessamento da realidade (a hiper-realidade, o simulacro – por exemplo, vide os telejornais: o que é interpretação e o que é descrição da realidade? Impossível distinguir); por fim, as fronteiras, no terreno da arte, inclusive, que eram estanques no modernismo, vão sendo abolidas.

A produção artística imbuída pela ruptura dos modelos clássicos de criação produziu uma geração de autores que manifestavam a necessidade de livre-expressão, de livre-escrita e na mistura de linguagens. Este processo decorreu também no Brasil, período posterior à Ditadura Militar, implantada em 1964. O que varia na escrita do texto desde o final da década de 1970 é o sentido que a palavra ocupa no campo histórico e ideológico. Há neste período textos que são mais engajados com as questões políticas, com a emergência dos fatos sociais, de uma necessidade de comunicar os acontecimentos históricos. A intencionalidade do texto, nesta situação, é preservada enquanto sentido e é o que Ryngaert (1998) chama de dramaturgia teórica.

Com o tempo, esse fazer teatral mais realista é reduzido pela saturação ideológica que o impregnava. O interesse pelas histórias comuns vai emergir mediante a necessidade de um teatro mais cotidiano, impulsionando uma nova forma de escrita que revelaria a voz abafada e as vivências humanas, o que não desvincula de sua historicidade. De acordo com Ryngaert (1998, p. 52-59), o teatro de 1980 se descentraliza das questões ideológicas, além da perda de referências, passa a explorar territórios íntimos. Além disso, surgem diferentes posicionamentos dos autores, de enredos, em que ambigüidades passam a tornar-se uma tendência.

pdfMachine
A pdf writer that produces quality PDF files with ease!
Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click “print”, select the “Broadgun pdfMachine printer” and that’s it! Get yours now!

Vinhas, ao entrevistar Bortolotto sobre sua obra, destaca que seu modo de escrever já lhe rendeu acusações de misoginia (aversão à sociedade), de misantropia (desprezo ou aversão às mulheres) e de falta de talento. O fato se dá por utilizar em seus textos palavrões, a linguagem das ruas, e por retratar mulheres submissas, perversas e marcadas pela violência física e simbólica, ou seja, aquelas que deixam cicatrizes na alma. Esse estilo inspirado na geração *beat* justifica sua forma de se expressar e a textura ácida dos diálogos entre as suas personagens. Segundo Vinhas (2007, p. 1), por traz das acusações e da primeira dúzia de palavrões que se insinuam em seus textos está

> [...] uma firme textura de desilusão, ternura e esperança, que aparece manifestada em contradições, mau humor e brincadeiras juvenis. Até porque ele é ciente que os homens de fato jamais crescem, são apenas garotos de cabelo branco com seus gibis e discos, mas que trazem a bagagem de uma vida vivida de acordo com suas próprias convicções. E as convicções de Bortolotto estão explicitamente expressas nas linhas que ele escreve.

O dramaturgo, quando escreve, rascunha muito, não se propõe a tecer um texto ou necessariamente peças de teatro, vai esboçando um texto. Em outro momento, consegue finalizar a peça de teatro, um poema ou outra coisa. O processo é espontâneo, todavia quando ele precisa de uma idéia para produzir um trabalho consulta suas anotações. Caso encontre durante a pesquisa algum tema que o inspire consegue produzir agregando-o. Quando tem de entregar um texto num prazo trabalha sob pressão para cumprir e, sobretudo, receber pelo texto. Afirma em entrevista que as pessoas mitificam muito a figura do escritor, diz que só sofre pelo prazo (BORTOLOTTO, 2006). Com relação à Bortolotto, Fauzi Arap (*apud* VIANNA, 1997, p. 7), em entrevista, afirma que se trata de

> Um ator carismático e impecável, autor e diretor de seus próprios textos, o talento de Mário Bortolotto não cabe num único meio de expressão. Publicou recentemente, por sua conta e risco, um romance policial que tem encantado a todos que o lêem. A par da qualidade, sua produção continuada faz imaginar um trabalhador incansável escondido por trás de sua postura 'rebelde', e faz supor que guarde ainda muitos tesouros escondidos [...].

Bortolotto (2006) adota algumas estratégias para atualizar o texto quando o revisita tendo o cuidado de analisar se as personagens estão datadas. Ao publicá

pdfMachine
A pdf writer that produces quality PDF files with ease!
Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click "print", select the "Broadgun pdfMachine printer" and that's it! Get yours now!

los, preocupa-se em reescrevê-los. Por exemplo, ao publicar a peça *Será que a Gente Influência o Caetano*[14], escrita em 1985, substitui uma de suas personagens pela atual cantora *Kelly Kay*. Neste caso, o dramaturgo considera ter sentido trazer para a contemporaneidade alguns nomes para que o público possa se identificar.

A escrita modulada em outros formatos no mundo globalizado cria uma linguagem que se expressa de diferentes modos e funções que são apropriadas pelos autores. Códigos são impressos nas conversas de *chats* e *MSN*, há os *sites*, os *blogs*, o *youtube* que permitem as pessoas se comunicarem com o mundo, veicularem textos, fotografias, imagens e negociarem no mercado global. Bortolotto se interessa em escrever em seu *blog Atire no Dramaturgo* por ser uma literatura mais instantânea principalmente quando retorna a sua casa, à noite, depois dos bares, de observar os transeuntes, das conversas com os amigos. No outro dia lê o que escreve, às vezes, não gosta, mas deixa como está para preservar o momento da escritura, das idéias e das sensações.

O dramaturgo aponta que o *blog* é interessante porque sinaliza um descompromisso com a literatura que ele não tinha mais. O que o autor quer dizer é que este tipo de linguagem propicia mais liberdade ao escritor e é mais espontânea, pois não apresenta os mesmos critérios da obra editada em livraria que precisa ser revista e formatada. Para Bortolotto, este modo de escrever exige uma maior atenção por parte do escritor, uma vez que este terá de pensar como irá construir as frases, a sonoridade do texto, o que decorre num processo de rescrita. Segundo Bortolotto (2006), escrever no *blog* seria mais divertido, pois proporciona uma interatividade direta com o seu leitor, permitindo uma resposta mais imediata, além de aproximá-lo mais das informações que podem ser postadas diariamente pelo mediador. Com base na produção das crônicas escritas no *blog,* o autor fez uma seleção, reunindo-as na coletânea *Atire no Dramaturgo*.

Santos (2007) testemunha, em entrevista, que Bortolotto é um dos autores mais produtivos da contemporaneidade e que suas peças teriam alta qualidade

[14] "Texto que conta a história de dois moleques que querem revolucionar a música popular brasileira. Um é poeta e o outro é músico. [...] O que era poeta vira uma espécie de colunista social da miséria com veleidades de crítico de literatura. E o músico vira balconista de uma loja de instrumentos musicais. Os dois juram que venceram na vida trabalhando no que gosta" (BORTOLOTTO; VIANNA, 2007, p. 00-01).

pdfMachine
A pdf writer that produces quality PDF files with ease!
Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click "print", select the "Broadgun pdfMachine printer" and that's it! Get yours now!

estética. Essa opinião também é observada pelo jornalista Alvim[15] (2006) ao destacar que o dramaturgo é um dos maiores autores em atividade hoje no Brasil. Há sempre uma peça dele em cartaz. Escreve pelo menos três peças para o teatro por ano. Segundo Alvim (2006),

> [...] O cara é um monge fundamentalista, um fervoroso devoto, o púnico santo de verdade que conheço. A religião que ele professa não é da boca pra fora: é um estilo de vida, uma filosofia, um quadro de referências muito nítido, uma ideologia incorruptível. Coisa rara, bem rara hoje em dia [...] Quer você gosto dele ou ao, não poderá negar que o cara tem uma obra (já são mais de 30 peças), uma voz original, uma visão de mundo – e é de dramaturgos incansáveis e radicalmente comprometidos com o teatro como ele que nós precisamos.

Os *ritmos blues* e *rock* dão a cadência aos espetáculos dirigidos por Bortolotto. Como admirador deste estilo musical, coleciona vinis raros, o que o influencia na concepção das trilhas sonoras. Com referências também do cinema, que além de crítico é uma de suas paixões, aplica na iluminação de suas montagens as técnicas desta linguagem. Para Santos (2007), essa relação com a literatura, a música resulta em uma tonalidade em suas peças.

> Ele faz um híbrido que acho maravilhoso nas peças dele, que é intercalar, dar o recado de uma coisa bem gritada, ferida da sociedade que ela não gosta muito que toque. Mas que hoje, de uma forma irônica, cômica que ao mesmo tempo ele dá uma linha dramatúrgica que no final é matador, a pessoa sai chorando. Por exemplo, na peça Uma pilha de pratos na cozinha, uma de suas melhores peças.

Quanto aos temas, Bortolotto (2006) chama atenção para a figura do agressor que é muito mitificada pela mídia televisiva ao estereotipar o vilão, como aquele que bate na esposa, e ao colocar esta como vítima. Bortolotto, por ter vivido um drama familiar, enfoca de outra forma esta abordagem, tendo em vista que vê na mulher

[15] Roberto Alvim, 30 anos, é dramaturgo, diretor, ator e professor de História do Teatro na CAL (Casa das Artes de Laranjeiras). Autor de 11 peças, seus últimos trabalhos no Rio foram Pelecarnesangueossos; Todas as paisagens possíveis, Qualquer espécie de salvação; Às vezes é preciso usar um punhal para atravessar o caminho; Vagina dentada e mundo pânico. Atualmente, exerce a função de Diretor Artístico do Teatro Ziembinski.

pdfMachine
A pdf writer that produces quality PDF files with ease!
Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click “print”, select the “Broadgun pdfMachine printer” and that’s it! Get yours now!

que silencia uma cúmplice da violência do marido. Para ele, a ambigüidade é sempre mais instigante. Na peça teatral *Felizes para Sempre,* o autor escreve sobre três casais que vivenciam a violência doméstica, apresentando um tom bem *hard core*, afirma. Na peça, há uma mulher que é espancada pelo marido, porém este se arrepende e a questiona sobre o porquê ela nunca o abandonar. A esposa responde que gosta de vê-lo chegar em casa. Bortolotto pensa que esse é um final feliz. Este é o enfoque que ele aprecia, permeado pelas tensões das relações afetivas, da aceitação ou não de um e de outro. Por essas razões, Bortolotto afirma ser um autor não compreendido.

Em *Fuck you, baby*, por exemplo, ao final da peça, a filha do casal Sacha Filha é encontrada pelos pais num bar com o investigador que era amante da esposa. O investigador Eros Volúpia diz não ter achado a filha e quando os pais se reencontram, eles não a reconhecem até pelo fato de ela não ser mais a mesma. A mãe sai com o amante e deixa a filha com o pai. Estes conversam, como que pela primeira vez, se apaixonam e saem de cena, fica subentendido o incesto. O pai perde a virgindade com a filha. Para Bortolotto, esse também um final feliz. As platéias, os leitores, podem se identificar ou não com a trama, o resultado é sempre ambíguo e inesperado. Seus textos traduzem novas conjugalidades, relações de identificação e afetividades. Para Ryngaert (1995, p. 20),

> [...] a análise do texto e a análise da representação são procedimentos diferentes, ainda que complementares. Nenhuma representação explica milagrosamente o texto. A passagem do texto ao palco corresponde a um salto radical. Claro que o expectador experimenta a necessidade e o prazer de voltar ao texto, assim como o leitor de assistir a uma apresentação. Mas os numerosos laços existentes entre o texto e o palco não podem satisfazer-se com a ilusão mecanicista de uma simples complementaridade.

Conforme o referido teórico, texto e representação são elementos distintos, porém complementares e o elemento surpresa, o elo, é sempre uma estratégia para o escritor que fisga o leitor. Das facetas analisadas de Bortolotto, a de diretor também é uma das habilidades que gosta de exercer, é um dramaturgo com o olhar de dentro, de ator. Nas montagens de suas peças, ou dirigindo outros textos, tem sempre o cuidado na escolha das trilhas sonoras, da iluminação e da movimentação dos atores. Como diretor, trabalha com atores que possuem diferentes formações. A

pdfMachine
A pdf writer that produces quality PDF files with ease!
Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click “print”, select the “Broadgun pdfMachine printer” and that’s it! Get yours now!

equipe é sempre diversificada. Em entrevista a Saraiva e Silveira (2006) Bortolotto esclarece sobre seu trabalho como diretor,

> Etc - Como é seu processo de direção, de montagem das peças?
> MB **-** É muito simples, cara. É assim: decora o texto, decora as marcas e vamos trabalhar, e se você não entendeu alguma coisa a gente conversa depois na mesa do bar, não fica enchendo meu saco na hora do ensaio. Na hora do ensaio, você tá com o texto decorado, eu te dou as marcas, te dou os tempos, a intenção... aí, se você não entendeu, se quer discutir de onde que veio aquele personagem, se foi de Sartre, de Bukowski, a gente vai conversar tomando uma cerveja, aí a gente discute, eu te passo uns livros se você quiser ler, te indico uns filmes, e se você não tiver interesse nisso também, vai lá e faz, o importante é que você faça bem.

Bortolotto (2006) produz suas peças de forma particular. Para ele, cada um tem seu jeito de preparar o "Neston": "Há diretores que fazem pesquisa de dois anos para construir um personagem", afirma, porém, não é este tipo de trabalho que prefere. Acrescenta que "há diretores que gostam de fazer processo colaborativo, chamar o autor da peça para falar dos seus problemas, do que ele pensa a respeito". Já ele não gosta deste processo de trabalho. Para o dramaturgo, "Teatro não é isso, é vivo, é uma coisa muito mais interessante do que isso tudo, que essa coisa chata que as pessoas falam. Elas mitificam de mais o teatro, como uma coisa sagrada [...] o palco sagrado [...] duma coisa meio dionisíaca, tipo José Celso".

Ou seja, para o autor o trabalho de direção deve ser objetivo, breve, sem muita discussão, pois prefere que sobre tempo para "tomar cerveja". Ao dirigir um trabalho, Bortolotto já tem definido o que pretende desenvolver com a equipe quanto aos posicionamentos dos atores e das atrizes, às marcações e às intenções das personagens. O dramaturgo afirmou que costuma montar uma peça em duas ou três semanas, conforme a demanda de trabalhos e que por esta razão acredita ser desnecessário ouvir todas as opiniões, pois isso dificulta o ritmo do trabalho. Eduardo Chagas (2007), ator, relata em entrevista que Bortolotto é um profissional muito sério como diretor, trata-se de "uma figura sensacional." O ator afirma que o espetáculo *Uma Pilha de Pratos na Cozinha* (2007) foi montado em três semanas e que o processo todo decorreu de um modo bem tranqüilo. Porém, ressalta que Bortolotto como diretor deixa o ator trabalhar depois de definidas as marcações, "claro que com o texto na ponta da língua, todo mundo trabalha mais a vontade", ressalta

pdfMachine
A pdf writer that produces quality PDF files with ease!
Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click "print", select the "Broadgun pdfMachine printer" and that's it! Get yours now!

Em 2002, Bortolotto montou com *Cemitério de Automóveis* uma mostra com 26 peças e 79 atores no porão do Centro Cultural. Como tinha apenas duas semanas, trabalhou com escolas de formação diferentes[16]. Para alcançar esse objetivo, optou pela seguinte metodologia: espalhou todos os atores pelo porão, reuniu os vários grupos, ia um a um, explicava a cada grupo o que tinha de fazer e passava para o seguinte, deixando-o trabalhar. Assim, percorria todo o espaço até chegar ao primeiro grupo e ver o resultado. Foi com essa mostra que ganhou o prêmio APCA pelo conjunto da obra. Bortolotto afirma que este tipo de metodologia pode não ser a mais adequada, mas acredita que é a mais eficaz para dirigir e produzir espetáculos com prazo determinado.

Bortolotto (2006), em entrevista a Saraiva e Silveira, esclarece sobre sua relação com os atores,

> ETC – Você deixa o ator livre?
> MB **-** Totalmente, só não gosto que mexam no texto. Deixo o ator livre para criar à vontade nos ensaios, se quiser inventar, inventa, eu tenho a base do que eu quero. Só não gosto que crie depois que estreou, isso acontece muito, acontece nessa peça ["A frente fria que a chuva" traz, então em cartaz] e em outras peças. Às vezes o ator cria um negócio em cena, depois eu vou ao camarim e pergunto "por que você fez isso, brother?" e ele diz "sei lá, me deu vontade", mas não tem que dar vontade porque pode acontecer de afastar a idéia, e aí eu fico de mãos atadas porque não tem como eu chegar no meio da peça e arrumar. Se ele muda uma intenção no meio da peça prejudica o andamento, o ritmo, e a pessoa com quem ele está contracenando que não tá esperando, desconcentra o outro ator, não pode fazer isso.

D´Dumbra (2008), diante da sua experiência com o grupo *Cemitério de Automóveis* como atriz e produtora, testemunha que é mais fácil trabalhar com Bortolotto do que com outros diretores, que confundem o ator, ou ainda, não permitem que crie a partir do personagem. Afirma que o dramaturgo sabe o que quer do ator, tem previamente as marcas estabelecidas, e o deixa livre para construir a personagem. Acrescenta que Bortolotto traz uma proposta de trabalho pronta, e que vai direto para a criação das personagens, aspecto da direção que considera dar ao ator mais possibilidade de investir no processo de verticalização enquanto intérprete. Também aponta que há outra característica muito forte em seu trabalho de direção

[16] Perlenpatões, Tapa, atores da IA (Instituto de Artes, UNESP), Mecunaíma

pdfMachine
A pdf writer that produces quality PDF files with ease!
Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click “print”, select the “Broadgun pdfMachine printer” and that’s it! Get yours now!

que é a “soberania”, no sentido de ele dirigir, marcar os atores, enquanto dinâmica de montagem das peças e das mostras. Na opinião da atriz, não parece imposição a conduta da direção, a partir do momento que Bortolotto é dramaturgo já visualiza previamente o que pretende da montagem.

Porém, a leitura de um texto pelo ator, enquanto interpretante, é sempre uma atividade criadora. Segundo Chartier (1988, p. 123), a prática de leitura é

> [...] produtora de sentidos singulares, de significações de modo nenhum redutíveis às intenções dos autores de textos ou dos fazedores de livros [...]. Por outro lado, o leitor é sempre pensado pelo autor, pelo comentador e pelo editor como devendo ficar sujeito a um sentido único, a uma compreensão correta, a uma leitura autorizada. Abordar a leitura é, portanto, considerar, conjuntamente, a irredutível liberdade dos leitores e os condicionamentos que pretendem refreá-la.

Nesse sentido, Bortolotto cria conflitos, pois procede a direção por meio de sua intencionalidade, pois na relação do interpretante com o texto não há um sentido único. Os leitores irão tecer outros sentidos. No teatro contemporâneo, as leituras não são mais focadas apenas no texto, nem fixadas apenas no autor. As traduções, a construção dos sentidos, podem ter outros resultados que os esperados pelo escritor. Os diretores, os leitores, podem desenvolver outros entendimentos das intenções do autor. Para Bortolotto, essa condição não é aceitável, principalmente, porque condena alterações no seu texto por outros diretores que querem montar suas peças ou produzir filmes a partir delas.

Segundo Ryngaert (1988, p. 65-66), no teatro contemporâneo a liberdade criativa do intérprete em relação aos textos e suas montagens podem experimentar diferentes linguagens do teatro:

> [...] a liberdade da cena, indispensável para o desenvolvimento do teatro, exerce uma influência ambígua sobre a escrita. Já que tudo é permitido, também os autores podem se permitir imaginar as formas mais originais e mais inovadoras, dado que as convenções do passado explodiram e não exercem mais sua ditadura. Mas, uma vez que tudo é permitido, não dispõe de nenhuma garantia sobre o devir cênico de seu texto se este não vai além do simples *status* de matéria da representação.

O teatro contemporâneo quebra as convenções na linguagem, se dirige à realidade, se despe, descortina, penetra nas intimidades e bebe das multiplicidades

pdfMachine
A pdf writer that produces quality PDF files with ease!
Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click “print”, select the “Broadgun pdfMachine printer” and that’s it! Get yours now!

de informações globalizadas de estética, paradigmas e fluxos de identidades e sentimentos plurais. Deste modo, o texto teatral não tem uma garantia que preserve a intencionalidade do autor, quando este passa a ser editado, e disponibilizado nas livrarias, é provável que dê margem a outras interpretações. O leitor ou espectador irá reunir para si todos os indícios deixados pela escritura ou representação ao gerar várias interpretações. Conforme Compagnon (2003, p. 51),

> O autor cede, pois, o lugar principal à escritura, ao texto, ou ainda, ao 'escriptor', que não é jamais senão um 'sujeito' no sentido gramatical ou lingüístico, um ser de papel, não uma 'pessoa' no sentido psicológico, mas o sujeito da enunciação que não preexiste à sua enunciação, mas se produz com ela, aqui e agora. [...] Quanto à explicação ela desaparece com o autor, pois que não há sentido único, original, no princípio, no fundo do texto. Enfim, último elo do novo sistema que se deduz inteiramente da morte do autor: o leitor, e não o autor é o lugar onde a unidade do texto se produz, no seu destino, não na sua origem; mas esse leitor não é mais pessoal que o autor recentemente demolido, e ele se identifica também a uma função: ele é 'esse alguém que mantém reunidos, num único campo, todos os traços de que é constituída a escrita'.

Esta "morte do autor" significa que este não exerce mais sua ditadura, pois a escritura passa a ser matéria do representável e que permite ao ato de ler uma visão polissêmica. A mobilidade que o texto produz no momento da leitura se dá pelo fato de que o mesmo não fala sozinho, já que o jogo se dá entre ele e o leitor. Sobre esse tema, Compagnon (2003, p. 155) aponta que

> A liberdade concedida ao leitor está na verdade restrita aos pontos de indeterminação do texto entre os lugares plenos que o autor determinou. Assim, o autor continua, apesar da aparência, dono efetivo do jogo, ele continua a determinar o que é determinado e o que não o é.

Bortolotto (2006) critica os diretores que mudam o texto e o sentido impresso pelo autor principalmente no que se refere aos seus. Assim, defende que os diretores que desejam fazer outras interpretações dos seus textos, diferentes de suas intenções, que criem os próprios. Para o autor, "[...] se o cara quer fazer Plínio, então vai lá e faz o Plínio. Porque o que tem a ver o Plínio com a dança moderna, o cara vai lá e pira na punheta dele. Beleza. [...]". Ele acredita que se há uma intenção dada pelo escritor esta deve ser mantida.

pdfMachine
A pdf writer that produces quality PDF files with ease!
Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click "print", select the "Broadgun pdfMachine printer" and that's it! Get yours now!

A história do teatro, desde os anos de 1950, de acordo com Ryngaert (1998, p. 75-76), mostra a passagem da

> [...] imagem do escritor teatral retirado em sua torre de marfim e episodicamente confrontado com as oficinas de ensaio à de um homem 'público', mesmo que alguns o lastimem. [...] ele também é um homem público porque uma vez representada sua obra é regularmente convidado a explicá-la.

O *status* do texto, desde 1968, é na Europa e no Brasil, contestado na produção teatral ao voltar-se para a ruptura do teatro oficial. A mudança de olhar não desrespeitava o texto, mas sugeria outras práticas no trabalho teatral, que resultaram na descentralização da concepção de criação. De acordo com Ryngaert (1988, p. 46-52), o lugar do autor é questionado enquanto artista autônomo e, como decorrência, as trupes passaram a experimentar as criações coletivas. Nesse contexto, a escrita ocupa um lugar de importância, sendo cada vez mais elaborada em relação às improvisações, e as palavras, por sua vez, serão tomadas pelo ator de modo "espontâneo". Desse modo, não significa que a escrita dos textos longos será deixada à deriva, mas que outras formas de escrita são possíveis.

Para Bortolotto (2006), quando um grupo teatral vai encenar um dos seus textos, prefere que os diretores conversem com ele e se durante a montagem quiserem mudar alguma coisa prefere que não o façam. O autor tem uma difícil relação com esses profissionais e, por isso, afirma que estes têm de ter certeza que querem montar suas peças. Para o dramaturgo, alguns desses profissionais acabam subvertendo sua intenção. Assim, prefere que estes digam suas pretensões previamente.

Ryngaert (1988) chama a atenção para o *status* do texto e o posicionamento dos autores, pois, ao ocuparem o domínio do público, serão sempre convidados a explicar a sua obra. Bortolotto não terá outro modo que não o de ser convidado para o questionamento do inevitável encontro de seus textos por outros diretores, quer ele goste ou não. Ainda que tenham criações coletivas, dramaturgos como Bortolotto, farão suas produções de um modo independente. De acordo com Ryngaert (1998, p. 76), "continuam a existir sempre os autores reservados e solitários que são encenados independentemente desses dispositivos".

pdfMachine
A pdf writer that produces quality PDF files with ease!
Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click "print", select the "Broadgun pdfMachine printer" and that's it! Get yours now!

O dramaturgo também fez adaptações a partir dos textos de outros escritores. Em São Paulo, no ano de 2002, o escritor Mirisola teve um de seus livros adaptados por Bortolotto, *O Herói Devolvido.* Dentre os contos, oito foram escolhidos para a montagem do espetáculo que permaneceu três anos em cartaz. No processo de adaptação, Mirisola (2008) aponta que o autor no alterou seu texto, captou a essência e ficou satisfeito com o resultado. Satiriza afirmando que "autor bom é o autor morto". Neste caso, porque o autor não vai poder discordar em relação ao que fizeram do seu texto.

A crítica do teatro contemporâneo em relação ao lugar do autor relaciona-se ao seu enfraquecimento pelo fato de outros autores imprimirem suas próprias marcas ao se apropriarem dos textos. Para Ryngaert (1998, p. 65),

> O enfraquecimento do lugar do autor contemporâneo diante da direção também se explica pela perda de referencias em matéria de textos dramáticos. Quando o espetáculo prevalece [...] os textos dramáticos perdem toda a necessidade e toda a especificidade. Formas particulares ao teatro não tem razão de estar acima da representação se não interessam mais aos diretores, se eles as transformam como querem ou lhes imprimem marcas cênicas tais que os autores não achem nelas mais nada de sua escrita.

É impossível garantir que os diretores sigam exatamente o texto do autor, mesmo que Bortolotto se disponha ao diálogo. Questão de posicionamento, mesmo com todas as críticas que o dramaturgo possa fazer, o texto é sempre movediço em sua constituição, naquilo que agrega enquanto informação, e como interpretação, podendo ser ambíguo e ambivalente. Bortolotto (2006) se refere à montagem seus textos por outros autores, citando a peça *O Hotel Lancaster*, que foi uma das montagens que o autor elegeu como a mais satisfatória na direção de Marcos Loureiro. O dramaturgo ficou satisfeito porque o diretor respeitou o texto do jeito que estava escrito, de modo que os atores decoraram as personagens conforme foram concebidas. Bortolotto diz ter feito a trilha sonora da peça, e também acrescenta que Loureiro sempre o chamava para conversar quando surgia uma idéia ou quando tinha alguma dúvida sobre o texto. Apesar disso, afirma que aprova 90% das escolhas e da direção de Loureiro.

Esse exemplo é diferente do ocorrido com *Nossa vida não vale um Chevrolet* ou *Nossa vida não vale um Opala*, que ainda causa insatisfação quando Bortolotto é

pdfMachine
A pdf writer that produces quality PDF files with ease!
Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click "print", select the "Broadgun pdfMachine printer" and that's it! Get yours now!

chamado a explicá-la. Isto significa que as leituras são sempre particulares àquele que interpreta por mais verossímil que possa ser a montagem. Para ele, a adaptação de seu texto pelo roteirista foi insatisfatória, já que foram feitas alterações a começar do título, e para o dramaturgo este fato decorreu na quebra do ritmo original e da intenção que ele havia previsto. O nome do filme foi adaptado para *Nossa Vida não vale um Opala,* pois a *General Motors* não permitiu que usassem o nome da marca. O roteirista Di Moretti que produziu o filme fez alterações nos diálogos do texto original e efetuou alguns cortes. Bortolotto, em entrevista, concedida a Vinhas (2007), sinaliza sua opinião sobre esse tema:

> O roteiro estava pronto, eu tinha feito a primeira versão. Acontece que o cara – que é um especialista (uma merda isso me lembra o filme do Stalone com Sharon Stone) – pegou o roteiro pra fazer versão final e ai ele tinha que ir lá e deixar a marca dele, sabe como é? E a marca dele é bem ruim. [...] estou falando do trabalho dele mesmo que eu acho ruim. Tenho o direito de pensar assim. Ele mexeu em alguns diálogos prejudicando o ritmo deles, alterou substancialmente alguns personagens e cortou falas fundamentais, e tudo o que ele acrescentou é mal escrito e piegas. Então vou dizer pra você que não gosto do filme: Não posso dizer isso. O Reinaldo Pinheiro – que é diretor e meu amigo – me chamou pra fazer a trilha. Então o Amalfi (que é meu parceiro musical) e eu começamos a trabalhar nela, a dar uma roupagem musical pro filme que voltasse a ter a cara da minha história e não deixasse de ser o filme do Reinaldo.

Uma crítica mais recente deixada por Bortolotto (2008) em seu *blog Atire no Dramaturgo* com o título *Caramba! Eu tenho que discordar!* refere-se sobre modificações feitas em sua peça pelo diretor do filme,

> [...] É isso. O Reinaldo é um ótimo cara. Gosto sinceramente dele. Mas ele se equivoca às vezes. Não acho que ele tenha falado com má intenção, mas eu tenho que discordar. Ele sabe que discordo dele em vários pontos e concordo em vários outros, mas no final o filme tá aí e vai estrear em Maio. Volto a dizer: Gosto do Reinaldo, gosto do elenco todo e acho que a trilha ficou bacana e ainda tem uma abertura em animação assinada pelo Kitagawa que é du caralho. O filme ficou mais enxuto depois de vários cortes na edição e o resultado é bacana e torço por ele. Mas se tivessem sido mais fiéis ao texto e não tivessem contratado o Di Moretti o filme seria muito melhor. Essa é só minha opinião.

pdfMachine
A pdf writer that produces quality PDF files with ease!
Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click “print”, select the “Broadgun pdfMachine printer” and that’s it! Get yours now!

Bortolotto (2008) se posiciona em relação à sua autoria e protesta sobre o fato de outros diretores montarem seus textos e modificá-los. Insiste nesta questão da intencionalidade do escritor que se perde quando este fato ocorre. Prossegue argumentado que se o diretor quer montar seu texto, se apropriar da sua história, não deve submetê-la, o que, segundo ele, acaba por descaracterizar as personagens e suas falas. O filme *Nossa Vida não vale um Opala* estreou em junho em São Paulo e levou cinco prêmios no Festival Cine Pernambuco de 2008. Bortolotto apresenta um comentário em seu blog sobre a questão da participação do roteirista, apesar do prêmio: "bom, vocês já sabem tudo o que eu penso sobre isso, né?".

A tendência de direção no teatro contemporâneo, ao contrário do que Bortolotto entende, está na liberdade do leitor, diretor, ator, e também na ambigüidade do próprio texto em relação àquele que o interpreta. O próprio caráter histórico da linguagem está ancorado sobre a noção de polissemia, de que cada pessoa, enquanto interpretante, poderá ler conforme sua criatividade e referências. A linguagem, ao se expressar de modo verbal e não-verbal, promove essa liberdade ao leitor, seja ele a platéia, o autor, o diretor. Ryngaert (1988, p. 68) propõe uma reflexão acerca das leituras no teatro contemporâneo:

> A cena é cada vez menos pensada como uma totalidade. O autor não é mais obrigado a escrever em função das mudanças de cenário; todos os saltos de espaço e de tempo, todos os efeitos de montagem, são possíveis no mesmo instante. Uma estética do fragmento e da descontinuidade com certeza ganhou com isso, assim como uma estética de sutilização da ilusão. Tudo pode se encadear ou se entrechocar, tudo pode transformar. A evolução das técnicas cênicas contribuiu para criar uma outra cultura cênica dos autores, exatamente como a cena à italiana e seu sistema de convenções puderam, no passado, influenciar a dramaturgia a ponto de, às vezes, imobilizá-la.

A prática cênica utilizada por Bortolotto quanto ao olhar e a montagem de espetáculos faz parte do cenário dramatúrgico contemporâneo. Da década de 1990, Bortolotto é destacado como um dos maiores autores desta geração em um artigo da Revista *Biblioteca Entre Livros*, que faz um breve histórico iniciando pelo teatro da resistência, como o grupo Oficina e o da Arena dos anos 1970. Sobre os autores da época, Salomão (2007), editor do artigo, afirma que

pdfMachine
A pdf writer that produces quality PDF files with ease!
Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click "print", select the "Broadgun pdfMachine printer" and that's it! Get yours now!

> O mais importante deles é Mário Bortolotto, pela fertilidade criativa, a 'obsessão' temática e a formação de platéias expressivas. Focando o homem marginalizado, desesperançado ao modo *bukowskiano* e de Plínio Marcos, mas sob uma estética de histórias em quadrinhos, moldada em total coloquilidade. Bortolotto deu grande impulso ao surgimento de uma nova geração de dramaturgos. *Medusa de Ry-ban, Nossa vida não vale um Chevrolet, Postcard de Atacama e Hotel Lancaster* são algumas peças do vasto repertório do dramaturgo.

]

Bortolotto conquista o espaço no *metier* teatral assim como o reconhecimento por seu trabalho pelo público de teatro, pelos críticos e profissionais da área. A trajetória de Bortolotto e as suas facetas como dramaturgo guardam atrás de um texto pós-moderno a figura de um diretor centrado, focado na intencionalidade de seu texto. Na análise do teatro contemporâneo, ficam evidentes os diferentes usos de linguagens que oferecem aos espetáculos muita expressividade. Cada autor, diretor, ator, leitor, apresenta uma forma particular de interpretar e dirigir os textos teatrais e que conferem a estes identidades particulares que são inclassificáveis em suas montagens. Em seguida, apresenta-se a análise da peça *Fuck you, baby* à luz da dramaturgia contemporânea.

pdfMachine
A pdf writer that produces quality PDF files with ease!
Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click "print", select the "Broadgun pdfMachine printer" and that's it! Get yours now!

pdfMachine
A pdf writer that produces quality PDF files with ease!
Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click "print", select the "Broadgun pdfMachine printer" and that's it! Get yours now!

2. *FUCK YOU, BABY:* ANÁLISE SEQUENCIAL DA AÇÃO E DA TRAJETÓRIA DE SUAS PERSONAGENS

> *Sacha está pulando a janela do seu bunker [...] e o que ela vê já não a surpreende mais. [...] Fuck you, baby. Não deixe que te parem... nunca.*
>
> *BORTOLOTTO, 1997*

Fuck you, Baby, de Mário Bortolotto, foi escrita em 1986 e revela as inquietações de um jovem de 23 anos. Bortolotto, em *Fuck you, baby,* aborda a sociedade contemporânea, propondo uma reflexão sobre suas instituições, sociabilidades, afetividades, conjugalidades e vivências urbanas entre outros aspectos. A peça tece críticas ácidas ao sistema capitalista, à cultura de massa e ao utilitarismo. Por ser um texto contemporâneo, não é classificável, neste caso, aproximando-se uma comédia dramática. Representa a trajetória de Sacha Filha, uma adolescente que sai de casa para descobrir a si e ao mundo, até então apreendidos apenas pelos meios tecnológicos em seu quarto num bairro de elite. De acordo com o antropólogo Augé (1997, p. 141), na contemporaneidade os mundos se comunicam uns com os outros, e

> [...] cada um possui pelo menos imagens dos outros – imagens eventualmente truncadas, deformadas, falsificadas, às vezes reelaboradas por aqueles que lhes falavam primeiramente deles mesmos, imagens cujo caráter referencial é, no entanto, indubitável, de forma que ninguém mais pode duvidar da existência dos outros. Mesmo que afirmam com o máximo de vigor e sua convicção apenas de sua posição à imagem de um outro que mistificam para se livrar de sua insuportável realidade.

O mundo contemporâneo caracteriza-se pelo desenvolvimento tecnológico, pela aceleração da história, pelo encurtamento dos espaços, pela planetalização de alguns problemas, pela superabundância factual, pelas cooperações econômicas e políticas e pelas individualizações das referências (AUGÉ, 1997).

pdfMachine
A pdf writer that produces quality PDF files with ease!
Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click “print”, select the “Broadgun pdfMachine printer” and that’s it! Get yours now!

Para Augé (1997, p. 143) a sociedade é cada vez mais composta por diversos mundos conectados que constituem novas fronteiras, entre cruzamentos, imbricações e rupturas. Bortolotto enfoca o encurtamento dos espaços e o fato de se estabelecerem conexões em todos os espaços em todas as direções numa interdependência universal. As marcas e os produtos são consumidos em todos os cantos do mundo. Essas transformações são apropriadas de forma particular por cada indivíduo dando origem a novas identidades, à pessoa/*persona*. Na peça *Fuck you, baby*, a personagem Sacha Filha representa o paradoxo dos novos mundos, e também da ruptura com os velhos paradigmas ao apontar para os novos modos de vida a partir da descoberta do novo, da transformação de si mesma, das possibilidades de escolhas, do uso das máscaras e dos papéis sociais que são assumidos diante de cada situação ou circunstância da vida social. Segundo Hall (2001, p. 75),

> Quanto mais a vida social se torna mediada pelo mercado global de estilos, lugares e imagens, pelas viagens internacionais, pelas imagens da mídia e pelos sistemas de comunicação globalmente interligados, mais as identidades se tornam desvinculadas – desalojadas – de tempos, lugares, histórias e tradições específicos e parecem 'flutuar livremente'.

Este capítulo objetiva analisar, em *Fuck you, baby,* a seqüência das ações e a trajetória das personagens. Os vínculos sociais da peça são apresentados pelo jogo constante da aparência, pelo prazer lúdico de se expressar, pela tribalização, pela barbarização e pela falência das instituições.

Bortolotto agrega as impressões do cotidiano, as atitudes e, principalmente, o desejo de contestação e de desconstrução que é o sentimento de sua época, a década de 1980. Essas referências também são inseridas no ritmo de seus textos, como em *Fuck you, baby*, por exemplo, que além de retratar pessoas com que conviviam e dialogar com as leituras de seu interesse, o dramaturgo se inspirou em músicas que ouvia no momento da escrita. Bortolotto interessava-se pelo disco Kátia Flavia, de Fausto Fawcett[17], pois este o impressionou com as letras e com o estilo da poesia urbana. A forma de composição do cantor o inspirou pela mistura dos ritmos *pop* e erudito. Outro compositor que o fascinou foi Arrigo Barnabé. Bortolotto

[17] Quando *Fuck you, Baby* foi montada no Rio de Janeiro, Carlos Lausfer, guitarrista da banda de Fawcett, musicou a fala da personagem Cara, um rapper (BORTOLOTTO, 2006).

pdfMachine
A pdf writer that produces quality PDF files with ease!
Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click "print", select the "Broadgun pdfMachine printer" and that's it! Get yours now!

diz ser influenciado pelas experiências que vivenciou em Londrina e pelas resistências à ditadura militar. Quando ouvia *rock in roll* seus textos tinham esse ritmo, de maneira que quando lia muita literatura *beat*, seus textos eram mais *beat*. Bortolotto (2006) testemunhou que nada do que escreveu posteriormente é semelhante à peça, uma vez que trabalhou com outros temas e estéticas. Afirma achar divertido que este trabalho tenha tanta repercussão. Também se interessa em ver as montagens e afirma que se surpreende com a contemporaneidade dos textos de sua autoria.

Bortolotto, ao nomear a peça, pretendia contestar a sociedade, acreditando na livre expressão das idéias e da escrita, e ainda na "necessidade demais que saudável de mandar tudo a merda", enfatiza. *Fuck you, baby* foi escrita inicialmente para o grupo *Delírio* de Curitiba cujo diretor era, na época, Edson Bueno. Posteriormente, Beto Lanza [18] se interessou pelo texto e o montou pela primeira vez. (BORTOLOTTO; VIANNA, 2007). Em 2000, Mário Bortolotto montou e dirigiu a peça com o grupo Cemitério de Automóveis em São Paulo. Em 2002, a peça foi encenada pelo Grupo Rosa Divina do SESI de Marília/SP, com direção de Vaneide Castro e Marcelo Chicarelli. Nesse mesmo ano, a peça foi encenada pelo Teatro X, em São Paulo, sob direção de Paulo Fabiano. Já em 2005, em Dourados/MS, o grupo Trupe Zomba realizou, no teatro municipal, quatro apresentações da peça *Fuck you, baby,* dirigida por Paula Regina Alvarenga.

A peça *Fuck you, baby* é composta por 21 personagens: 3 membros da família de Sacha (Sacha Pai, Sacha Mãe e Sacha Filha); 1 pára-quedista; 1 *rapper*, o Cara; 1 câmara men; 1 *DJ*, o Dani-Dândi; 1 operadora de som; 1 apresentador; 1 *performer*, a Messalina Mescalina; 1 patrão; 3 religiosos, Charles Maison, Mística e Calvino; 4 jovens, Pepsi e Coca, Atila II e Teodorico; 1 Policial; 1 Investigador, o Eros Volúpia; 1 Delegado. Essa peça segue a estratégia das revistas em quadrinhos, quadro por quadro, as personagens atravessam os espaços urbanos e se relacionam: na casa, na rua, na boate, no *studio*, nas instituições (fábrica, templo), na delegacia e no bar.

É no universo da família de elite que Sacha Filha é educada. Aos 20 anos, decide descobrir a si e ao mundo pela sua própria vivência. Bortolotto conduz a ação dramática da peça a partir desse deslocamento da personagem pelas ruas da

[18] Diretor da ação cultural de Curitiba/PR.

pdfMachine
A pdf writer that produces quality PDF files with ease!
Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click "print", select the "Broadgun pdfMachine printer" and that's it! Get yours now!

cidade em que vivia. O elemento detonador[19] da ação é sua saída de casa. Sacha Filha prepara-se para fugir por meio de pesquisas em mapas, na internet, no globo terrestre e na TV. Os elementos simbólicos que permeiam e influenciam Sacha Filha são determinados pelo universo multimídia da contemporaneidade: internet, satélite, TV a cabo, celular e pelo consumo de eletrônicos e roupas de grife. Em seu quarto, a personagem tem os olhos bem grandes abertos para o mundo, todos os mundos cada vez mais interconectados. Sacha Filha não oculta suas opiniões e metas e olha de forma crítica a sua família. A família Sacha é apresentada dessa forma na peça:

> Os pais de Sacha são exemplares, fazem tudo o que a filha deseja e o que não deseja também. O pai de Sacha compra vídeo game, TV *stereo sound*, antena pra satélite, telão de 360 graus, transformando a filha numa teledependente, uma pastelzona. A mãe de Sacha desperta nela uma incestuosa e homossexual libido filial transformando Sacha numa edipiana recalcada e fanchona, uma pastelzona. O Pai de Sacha compra leite Cativa, leite Ninho, Yakult, iogurte, danone e danoninho, agora com pedaços de frutas, transformando a filha numa bezerrona abstêmia e com ojeriza a álcool, uma pastelzona. A mãe de Sacha compra meia *sexy* com elástico auto-aderente, calcinha sueca, *soutien* holandês e gargantilha com espinhos de metal incrustados e deixa a filha usar sempre que tem vontade transformando Sacha numa fetichista sado-masoquista com superficial conhecimento da questão, uma pastelzona com chicote na mão sem saber o que fazer com ele, enfim, uma pastelzona (BORTOLOTTO, 1997).

As experiências que Sacha Filha adquiriu no universo da casa e da família revelam os vínculos sociais, baseados na *griffe*, na preocupação com a aparência, no gosto pelos produtos alimentares selecionados e que fazem parte do mercado global das empresas multinacionais. Bortolotto joga o tempo todo com o acesso ou não aos objetos de consumo, como também com o universo das marcas, da alienação e de sentimentos, como a solidão, a amizade e a empatia.

A família Sacha é composta por três membros: Sacha Pai que é um empresário rico, realiza constantes viagens ao exterior, mantém com a mãe uma relação assexuada e, ao mesmo tempo, uma paixão platônica pela filha. Sacha Mãe é consumista e promíscua. Sacha Filha é uma adolescente que tem acesso a bens

[19] Refere-se Ball (2005, p. 25): "Se eu faço algo que leva você a fazer algo, juntos nós dois temos uma ação. Se eu disparar uma arma contra você, e você cair em um monte mortal, temos uma ação. Sua primeira tarefa, ao ler uma peça, é encontrar ação por ação: descobrir o primeiro evento de cada ação (*se detonador*) e, então, o seu correlato, segundo evento (*monte* – que serve de alvo). Ambos têm de estar lá. Para cada detonador há um monte e vice-versa."

pdfMachine
A pdf writer that produces quality PDF files with ease!
Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click "print", select the "Broadgun pdfMachine printer" and that's it! Get yours now!

de consumo de luxo, é introvertida, confusa, super-protegida, carente, claustrofóbica, com uma debilidade mental tendo todas as suas vontades materiais atendidas. Assistia a programas de TV da marca panasonique a cores via satélite, telejornais, telenovelas, concursos de *miss*, programas de auditório, lutas de *tele-catch*, jogos de futebol, *Dallas*, *Melrose*. A família Sacha não tem relação com o modelo patriarcal burguês. A esposa não mantém relações sexuais com o marido, que é virgem e que transfere toda a pulsão sexual para a gastronomia e viagens. Por isso, Sacha Mãe mantém relações extraconjugais com o seu consentimento, porém ele nutre um grande respeito e admiração por ela. Os pais não reconhecem a própria filha, nem mesmo fisicamente.

Sacha filha também não lembra como os pais eram. Desta forma, Bortolotto aborda um tema atual, pois os vínculos amorosos foram, na contemporaneidade, pulverizados, e as escolhas dos pares cada vez mais criativas. Para Mattos (2001, p. 21), esses projetos e manutenção do "vínculo amoroso estável demonstram variadas práticas sociais e culturais que dinamizam e pluralizam a experiência cultural e identificatória de gênero" e apontam para alternativas para a experiência do outro, o que irá chamar de reinvenções dos vínculos amorosos. Além disso, o autor chama atenção para as relações indiscriminadas e superficiais como um diagnóstico (pós) moderno sombrio que chocam as possíveis interpretações que se possam fazer delas. Outro aspecto abordado é o extranhamento entre os membros familiares, pois embora convivam no cotidiano são extranhos uns aos outros e não dialogam.

Na trama, a filha foi o resultado de uma inseminação artificial. Ainda que a família conviva no mesmo espaço, uns são estranhos aos outros. Os nomes das personagens Sacha Pai, Sacha Mãe e Sacha Filha, por exemplo, reforçam a homogeneização, embora existam distinções de gênero e de papéis sociais. Assim, o texto de Bortolotto aborda o surgimento de uma multiplicidade de alternativas e formatos cada vez mais visíveis de conjugalidades heteroeróticas, de identidades e de culturas de gêneros.

Sacha Filha, ao sair de casa, do lugar seguro, deixa o conforto e caminha nas ruas de um grande centro urbano. Ela abre para si mesmo um caminho sabendo que este a levará a qualquer parte. A inquietação diante dos mundos e o desejo de conhecê-los a motiva a prosseguir. Nesse sentido, é possível perceber que Sacha

pdfMachine
A pdf writer that produces quality PDF files with ease!
Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click "print", select the "Broadgun pdfMachine printer" and that's it! Get yours now!

torna-se uma nau sem rumo que navega à deriva pela geografia urbana. Ali se depara com o desconhecido, com o imprevisível e com os *outros*.

O espaço privado deixa de ser ocupado pela personagem que, agora, passa a atravessar os espaços públicos, marcados pela insegurança, pela violência e pelos mundos possíveis da contemporaneidade. Sacha Filha inicia um percurso por um mundo que conhecia apenas pelos meios de comunicação massivos. O mundo em estase[20], que se apresenta no início da peça, é constituído pela ação em que o pai e a mãe discutem uma possível separação. Os diálogos entre as personagens são irônicos, o que se revela quando Sacha Mãe se joga aos pés de Sacha Pai fazendo um drama dissimulado, pois no fundo não parece estar abalada com o fato de ele sair de casa.

> SACHA MÃE (caindo-lhe aos pés): Eu lhe imploro, eu lhe suplico... fique, não vá, não vá.
> SACHA PAI (dirigindo-lhe um olhar pra lá de congelante): So long my darling. (Pausa para respiração de suspense) So long. (liberta-se da pegajosa mulher e parte intrépido).
> SACHA MÃE (apelando): Sua bicha escrota. (BORTOLOTTO, 1997).

Foto 1 – Norberto Avelaneda – Personagens: Sacha Mãe em cena.
Atores: André Cecatto e Ana Andreatta.
(Fonte: Grupo de teatro Cemitério de Automóveis/SP- 2000).

[20] Para Ball (2005, p. 39), o "mundo que se apresenta no começo de uma peça está em estase. Às vezes, ela é rompida antes que a peça comece; ainda assim, sabemos qual era a estase. [...] E, para que uma peça comece a mover-se, deve haver uma intrusão. [...] Em todas as peças, alguma coisa ou alguém aparece para romper a estase."

pdfMachine
A pdf writer that produces quality PDF files with ease!
Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click "print", select the "Broadgun pdfMachine printer" and that's it! Get yours now!

O próximo evento constitui-se a partir de uma intrusão[21] que Bortolotto acrescenta na ação para deixar o clima mais tenso e criar expectativa para a próxima cena. Esse é o momento que aparece a personagem pára-quedista, um mensageiro, que chega com um bilhete para os pais de Sacha Filha que revela sua fuga de casa. Porém, antes que o casal leia o bilhete, a mãe se dirige ao mensageiro, entra embaixo do pára-quedas e tem uma relação sexual com o mesmo. Bortolotto, ao denominar a personagem de pára-quedista, é irônico, pois objetiva demonstrar que Sacha Mãe não perde a oportunidade. Assim, poderia ser o porteiro, o encanador, já que ela tem vários parceiros sexuais.

A metáfora evidencia que qualquer um que "caísse de pára-quedas" à sua porta poderia ser um provável parceiro para suas realizações sexuais. Após a relação sexual com o mensageiro, Sacha Mãe se recompõe, sai de baixo do pára-quedas, vai até Sacha Pai, que a observou durante todo o tempo. Diante disso, ele demonstra desconforto com a situação e despacha, irritado, o pára-quedista que ainda quer gorjeta. Em seguida, os pais lêem o bilhete e ficam perplexos com a revelação da fuga da filha. O detonador da ação, a saída da filha, empurra a cena para o próximo evento que irá constituir-se pela ambigüidade das escolhas da personagem: a saída do espaço privado, da casa, para deslocar-se pelo mundo, pelos espaços urbanos. Determinada pela decisão de sair de casa, Sacha Filha irá se deparar com outras formas de pertencimento e de relacionamento.

[21] Refere-se Ball (2005, p. 37-41): "Intrusão é um empurrão, arremetida, compulsão. [...] A intrusão dramática é aquilo que surge e acontece, libertando as forças irresistíveis que, a partir desse ponto conduzirão a peça."

pdfMachine
A pdf writer that produces quality PDF files with ease!
Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click "print", select the "Broadgun pdfMachine printer" and that's it! Get yours now!

Foto 2 – Lourenço Alves – Personagens: Sacha Pai e Pára-quedista
Atores: Goldemberg Fonseca e Fábio Dutra.
(Fonte: Grupo Teatral Trupe Zomba/MS -2005).

A seguir, o próximo evento é constituído pelo monte[22] em três planos que interagem entre si para representar a família Sacha que é apresentada pelo narrador *rapper*. Em dois planos, num foco, paralisados, o pai e a mãe, e do outro lado se encontra a filha, num clima quase familiar. Irrompe a ação o narrador, um *rapper*, que é apresentado como Cara, movimentando-se e dirigindo-se à platéia revelando informações sobre a família Sacha. A personagem, *rapper,* representa o movimento *hip hop*, a tradução musical da rua, da periferia, de quem percebe o mundo e suas diferenças em relação à exclusão social. O Cara começa falando sobre Sacha Filha, suas características emocionais, e também acerca da relação com o consumo de massa, das ambigüidades paternas e maternas, das solidões que vivenciou e das inseguranças da introvertida, confusa e superprotegida vida que levava em seu quarto na mansão de seus pais. Outras características são apresentadas pela personagem *rapper*,

> Cara (em ritmo de rap): [...] Essa aí é a Sacha. Sacha é uma gata introvertida, confusa, superprotegida, carente, claustrofóbica e com supertendência a mais profunda debilidade mental. Sacha mora em um quarto de 18 x 10 na mansão de Sacha Pai (que se coloca à direita de Sacha saindo do estado de imobilidade em que se

[22] Refere-se Ball (2005, p. 27): "Cada detonador conduz a um novo monte. (Cada evento causa ou permite um segundo evento.) Isso é uma ação. Mas agora, o monte, o segundo evento, se torna um detonador – um novo primeiro evento de uma nova ação.

pdfMachine
A pdf writer that produces quality PDF files with ease!
Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click "print", select the "Broadgun pdfMachine printer" and that's it! Get yours now!

> encontrava) e Sacha Mãe (que se coloca a esquerda de Sacha) [...] Sacha tem tudo, só não tem as *freways*, a sedutora tentação de um carinho de *hot-dogs* numa imprevisível esquina, o beijo quente das placas de sinalização. Sacha tem tudo, mas não tem um passaporte no bolso, que é tudo o que uma garota ou um garoto com um pouco mais de esperma de canguru cansado na cabeça precisa nesse caótico final de século [...] (BORTOLOTTO, 1997).

A saída de Sacha Filha do mundo privado e seguro do quarto, equipado com os mais modernos recursos tecnológicos disponíveis e com tudo o que a adolescente poderia desejar e que o consumo poderia oferecer sem que ela saísse de casa. Apesar de desfrutar de uma boa condição social e do afeto dos pais, representado mais pelo acesso a bens de consumo e pela frieza do que pelo carinho e pelos laços afetivos duradouros, como adolescente, Sacha Filha questiona a vida, os pais e a solidão que vivia. Quando encontra o *rapper,* sente-se ainda mais motivada a conhecer o mundo e a buscar novas referências e a testá-las. Desse modo, Sacha Filha busca constituir uma identidade em que possa se reconhecer.

Os pais, ao saírem de cena, beijam a filha, mas não a olham nos olhos. Neste momento, é como se saíssem do transe, após a fala do narrador-personagem *rapper* que fez a apresentação da família ao leitor/platéia. Na seqüência da ação, Sacha Filha sai do transe e interage com o Cara que começa a dialogar com ela sobre o mundo urbano no que diz respeito à pluralidade de estilos musicais, ao interesse de viajar pelo país e pelo mundo, às possibilidades tecnológicas e ao encurtamento das distâncias. O mundo é apresentado de forma positiva, pois tudo está acessível aos indivíduos por meio do fax, do celular, da TV, da internet ou de uma passagem aérea. Sacha Filha interessa-se pela conversa sobre o mundo que o *rapper* descreve da seguinte forma:

> SACHA (viajando no som): A vida é legal!
> CARA (entusiasmando-se): É, mas é muito mais que um quarto 18x10 na Comendador Karas Lopes Monteiro Bueno. Tem muito mais, tem rock and roll, tem minimal, tem blues, tem jazz, tem rap, tem soul, tem new-wave, tem heavy metal, trash rock, acid rock, hardcore, tecno-pop, ska, tem Boeing fazendo escala em Milão, em Nova York, em São Paulo, em Tóquio, em Moscou, tem aeromoça tesuda com disco importado debaixo do braço, tem menino do Rio bronzeado em Copacabana, dragão tatuado no braço, tem festival de Cannes, do Rio de Janeiro, de Berlim, tem Mostra de Cinema em São Paulo, e o que é mais importante, gata, tem quilômetros mil de asfalto ardente, milhas e milhas de mar aberto, tem a vida

pdfMachine
A pdf writer that produces quality PDF files with ease!
Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click “print”, select the “Broadgun pdfMachine printer” and that’s it! Get yours now!

> acontecendo além das paredes do teu quarto. Ce ta sacando? (BORTOLOTTO, 1997).

Considerando este turbilhão de informações e possibilidades, Sacha Filha é convidada a descobrir os mundos. Dessa forma, percebe que poderá encontrar vários mundos possíveis e que poderá deslocar-se por eles de diferentes maneiras. Ao final da fala do *rapper,* ele a empurra. Esta é a atitude que faltava para que Sacha Filha conhecesse e vivesse no mundo. A curiosidade a impulsiona, e ela quer a experiência do novo, do possível. Sobre isso, o *rapper diz*,

> [...] Agora sai dessa, levanta daí e vai lá fora, vai conferir o lance. Vai Sacha, vai... vai descobrir o mundo. (Levanta um pano que tava cobrindo um globo terreste, coloca um gravador no ombro e cai fora. Entra em cena um pentelho de um câmera-man e começa a filmar.)
> CAMERA-MAN: Ok, Sacha, tudo pronto? Cinco segundos pra começar, 4...3...2..1....gravando!
> SACHA:. Faz tempo que eu to a fim de falar, mas agora eu não sei o que dizer... espera aí, eu já explico... acho (BORTOLOTTO, 1997).

Foto 3 – Lourenço Alves
Personagens: Cara e Sacha Filha.
Atores: Ana Paula Ostapenco e Higor M. Vieira.
(Fonte: Grupo Teatral Trupe Zomba/MS - 2005).

Na cena de transição, Bortolotto mantém o suspense sobre o que está por vir a Sacha Filha. O mundo agora é o grande espetáculo, em que Sacha Filha será a protagonista de sua própria história. Das ruas para o *studio* de gravação, sua vivência é teatralizada a partir de um *talk-show* ficcional. Do individual para o global, sua história é projetada para as câmeras de *TV* através das personagens

pdfMachine
A pdf writer that produces quality PDF files with ease!
Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click “print”, select the “Broadgun pdfMachine printer” and that’s it! Get yours now!

multimídias: a operadora de som, o câmera-man e o *DJ* – Dani-Dândi. As personagens fazem um *make-in-off* com Sacha Filha que diz:

> [...] Eu levei 20 reservados anos para descobrir o mundo e agora eu não sei o que fazer o com ele. Vou dizer... tinha uma pá de coisas pra dizer, mas vou dizer o que? [...] Reservo-me o direito de não dizer se não souber. Eis a extrema lucidez. Divina incoerência dos incultos. To a fim de falar, mas optei por viver... antes. [...] (BORTOLOTTO, 1997)

Fica evidente na fala de Sacha Filha o desejo de descoberta, e de querer perceber o mundo pela vivência. Para destacar esse momento da vida de Sacha Filha, entra no ar um *DJ* Dani-Dândi, tipo um *Big Boy* ou *Mr. Soul*, como sugere Bortolotto. A personagem *DJ,* ao se dirigir ao público, apresenta Sacha Filha de seu *pick-up* e revela sua saída para o mundo. Segue o texto da personagem:

> [...] Sacha está pulando a janela do seu quarto como um Colombo contemporâneo de saias, um Salomão pós-moderno e o que ela vê a deixa perplexa. Do alto desses edifícios, deuses espertos te contemplam e te abençoam. *Fuck you, girl*. Não deixem que te parem. Bota-bota-bota pra quebrar, Baby (BORTOLOTTO, 1997).

Bortolotto ironiza na fala do *DJ* que chama Sacha Filha de "Colombo contemporâneo de saias", um "Salomão pós-moderno" e faz uma analogia com Cristóvão Colombo (1451-1506), e com Salomão, rei de Israel (1000 a.C. a 922 a.C.). Cristóvão Colombo, em 1942, atravessa o Oceano Atlântico e encontra novas terras e gentes. As navegações, nos séculos XIV e XV, e a formação de um mercado mundial puseram a termo todas as relações existentes. O mundo não seria mais o mesmo, pois seus efeitos foram revolucionários. Neste sentido, Colombo, assim como Sacha Filha, descobriu o quanto o mundo era pequeno, aspecto que possibilitou perceber a totalidade da qual faziam parte. Sacha Filha além da descoberta de si e dos mundos possíveis, irá "navegar" pela "rota" da imprevisibilidade dos espaços urbanos e terá de encontrar e construir seu próprio reinado. Os mundos sociais os quais ela irá atravessar são ambíguos. As escolhas fazem parte da realidade da busca individual, pois a sociedade contemporânea engloba todo o tecido urbano que a abrange e que irá modificar a natureza de cada um. Essa percepção do mundo provoca diferentes reações e, que de acordo com

pdfMachine
A pdf writer that produces quality PDF files with ease!
Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click "print", select the "Broadgun pdfMachine printer" and that's it! Get yours now!

Augé (1997, p. 144), resultam em xenofobia, racismo, crises de identidade que podem ser reforçadas, reduzidas ou apagadas.

Na próxima cena de transição, Bortolotto insere temas urbanos. O evento acontece com a presença da personagem Patrão. Este se encontra no espaço da fábrica cercado de funcionários que datilografam de modo intermitente, simbolizando o trabalho mecânico, metódico, disciplinado e alienado. A personagem é caracterizada pela prepotência e pela arrogância, ao ilustrar o poder pelo poder, a hierarquia da divisão das classes sociais, a submissão à ideologia dominante. A personagem Patrão se dirige aos funcionários com um discurso enfático que se impõe aos mesmos e pronuncia:

> É pelo poder que perdemos nossas cabeças e anulamos nossa sensibilidade. Pelo poder somos capazes de atos extremos. Só o poder corrompe radicalmente. Lembrem-se sempre disso. Por isso remem! (Funcionários remam como se estivessem numa galé). Depois passe no departamento pessoal para receberem o que fizeram jus (BORTOLOTTO,1997).

No evento seguinte ocorre outra situação de transição que rompe com o clima de trabalho para entrar no tema religião. Para isso, Bortolotto sugere o uso de uma sonoplastia de música religiosa em que os funcionários se passam por pregadores. Entra em cena a personagem Sueli que apresenta a diversidade das religiões, ao anunciar a abertura do “I Congresso Mundial de Misticismo em Geral”. Seu discurso, faz referência às várias opções e funções religiosas como um supermercado em que o consumidor pode escolher. Pode também compor sua própria religião a partir da fusão de várias crenças.

Bortolotto mostra ao público, através de Sueli, a oferta de várias opções religiosas: Crenças Indígenas, Africanas, Afro-brasileiras e Européias, Nova Era, Ufologia, Catolicismo, Protestantismo, Evangélicas, Hare-Krishma e Espiritismo. As possibilidades são infinitas como apresenta a personagem Sueli:

> Bem vindo ao primeiro congresso mundial de misticismo em geral. Aqui se você não acredita em Deus, tem que pelo menos acreditar em Disco Voador ou em Abominável Homem das Neves, na pior das hipóteses, pelo menos em Curupira ou Saci-pererê. O que importa é acreditar em... algo. As opções são muitas e variadas, basta assinalar a sua preferência (BORTOLOTTO,1997).

pdfMachine
A pdf writer that produces quality PDF files with ease!
Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click “print”, select the “Broadgun pdfMachine printer” and that’s it! Get yours now!

Machado (2002, p. 145-147) analisa os trânsitos religiosos na contemporaneidade e reflete sobre a fragmentação dos grupos religiosos tradicionais que tem se fundido a outros segmentos religiosos e criado novas identidades decorrentes da própria globalização. São diversas as possibilidades ao compor e se apropriar dos bens simbólicos das religiões. É possível ser católico, praticar *yoga*, fazer uma consulta com uma benzedeira, ir à terapia psicanalítica e ter nível de formação superior. Bortolotto, ao tematizar o mercado religioso, introduz um aspecto que marca a contemporaneidade, ou seja, "a individualização geral dos procedimentos" quando "os praticantes querem praticar à sua maneira", em função de sua sensibilidade pessoal (AUGE, 1997, p. 39). Segundo Marin, a espiritualidade é, cada vez mais,

> [...] construída por escolhas privadas e pela criação de narrativas religiosas híbridas. Essas escolhas ocorrem por meio da acelerada migração simbólica, quando 'símbolos identitários de várias regiões migram formando uma outra, sem compromisso de serem mais fundantes' construindo-se novas narrativas híbridas, independentes das tradicionais (MARIN, 2006, p. 321).

Na peça, a personagem Sacha Filha irá se deparar com essa multiplicidade de opções do mercado religioso apresentadas por Sueli. A instituição religiosa hoje é uma empresa de grande poder econômico graças ao número de adeptos e pagadores de dízimos. Bortolotto aborda, dessa forma, o surgimento de novas formas de experiências religiosas e também enfatiza a "cultura de mercado", o consumo dos bens simbólicos oferecidos aos mais diferentes segmentos religiosos e aquisição destes. Conforme Machado (2002, p. 147),

> [...] mesmo na classe média escolarizada, as pessoas cada vez mais lançam mãos de serviços religiosos como quem adquire produtos num supermercado, sem perceber que a busca de ajuda religiosa frente uma situação aflitiva não tem necessariamente a mesma natureza de uma decisão entre consumir o *yogurt* Parmalat, o Danone ou Danúp. [...] A decisão é de cunho pessoal e débeis são os mecanismos de controle das instituições religiosas para evitar esta dança que de um mantra pode passar ser guiada por um hino mariano ou uma música *new age.*

pdfMachine
A pdf writer that produces quality PDF files with ease!
Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click "print", select the "Broadgun pdfMachine printer" and that's it! Get yours now!

Na entrada do templo, Sacha Filha é recebida por Charles Maison que irá apresentar-lhe às pregadoras e a outras possibilidades religiosas como a Umbanda, o Candomblé, o *Hare-Krishna* e o Protestantismo. Na cena, estão, de um lado, Calvino e, de outro, Sueli. Calvino afirma que a pregadora "não tem o menor pudor" em negociar o pedido seja qual for, porque ela é uma "eclética" ao demonstra que a religião virou mercado. Os mecanismos pouco importam o que importa é atender ao gosto do "freguês", ir ao encontro do adepto. Segue a fala de Charles Maison a Sacha Filha:

> CHARLES: O Calvino ali é protestante roxo. A Sueli já é conhecida como a Rainha da encruzilhada, especializada em receber pombas-giras, tranca-ruas, exus, etc. embora em tempos de crise como esse, ela não tem o menor pudor de vender ações de qualquer religião que seja, é uma eclética, reza de acordo com a bíblia conveniente De qualquer maneira vivemos por aqui na mais perfeita harmonia espiritual, não sei se você ta me entendendo... o que a gente não suporta é conflito de ideologia, faça o que quiser, mas respeite a nossa autonomia (BORTOLOTTO, 1997).

Foto 4 – Norberto Avelaneda.
Personagens: Mística, Sacha Filha e Calvino.
Atores: Aline Abovsky, Nancy Macedo e Laerte Melo.
(Fonte: BORTOLOTTO; VIANNA, 2007).

pdfMachine
A pdf writer that produces quality PDF files with ease!
Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click "print", select the "Broadgun pdfMachine printer" and that's it! Get yours now!

O nome da personagem Charles Maison faz referência a um assassino norte-americano, um fanático que fundou uma seita chamada “a família” com base no gosto musical do grupo Beatles e na leitura do livro Apocalipse. Fundou a seita no sentido de justificar os assassinatos e os ideais doentios (MAISON, 2007). A escolha de Bortolotto, por colocar Charles Maison como o responsável pelo templo religioso, ironiza com as religiões, ou seja, qualquer um pode ser líder religioso, mesmo um assassino ou fanático vestido na pele de pregador. Outro ponto a ser observado é a questão do discurso utilizado para a conquista de adeptos, utilizando a analogia feita por Bortolotto de que até mesmo um fanático pode ter aderência das pessoas e atraí-las. A personagem Sacha Filha pergunta a Maison se ele tem religião e ele reforça o ecletismo e o mercado religioso:

> SACHA: E você?
> CHARLES: Eu o que?
> SACHA: Tem religião?
> CHARLES: Claro, eu sou adepto de uma seita pacífica com fins filantrópicos... aliás, aproveitando o ensejo, estamos aceitando inscrições. (BORTOLOTTO, 1997).

Em *Fuck you, baby,* as religiões e os líderes religiosos são apresentados como mercadores. Elas podem ser dirigidas por qualquer sujeito, com qualquer antecedente, desde que faça um curso para pastor, e de que crie sua própria igreja, podendo ser até mesmo um “assassino”. Bortolotto trouxe para peça a crítica às instituições religiosas, em que a salvação é negociável. Enfim, as religiões não convertem mais, não normatizam a sociedade e tornaram-se empresas para resolver as angústias individuais e problemas materiais de qualquer ordem. Essas prestações de serviços religiosos devem ser pagas com cartões de créditos, cheques ou em dinheiro, em várias prestações, com juros acrescidos.

Nesse cenário, Bortolotto aponta um conflito em que a personagem Sacha Filha, uma possível adepta, é posta diante das personagens Calvino, que representa o protestantismo, isto é, a tradição, e Sueli, com seus ecletismos e trânsitos religiosos. As duas personagens objetivam atrair Sacha Filha para a sua religião e cada uma tece a defesa de suas idéias, teorias. O conflito acirra-se ainda mais quando elas começam um embate sobre o fim do mundo e sobre os que seriam salvos e os que seriam condenados.

pdfMachine
A pdf writer that produces quality PDF files with ease!
Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click “print”, select the “Broadgun pdfMachine printer” and that’s it! Get yours now!

> SACHA: Guerra nuclear?
> SUELI: É. Nós, os não protestantes, acreditamos piamente que o mundo deve acabar mesmo é de maneira explosiva.
> CALVINO: Nós, os protestantes, ainda não descartamos de todo essa abominável hipótese.
> SACHA: Sei. E a qual conclusão vocês chegaram sobre os hare krishna?
> SUELI: É evidente que eles irão sobreviver. Os hare-krishna e as baratas.
> SACHA: Eu não sei se quero ficar por aqui.
> SUELI: Mas você nem olhou ainda meu catálogo de macumbas variadas, desde a jamaicana até a temível e fascinante genuína brasileiríssima.
> SACHA: É que quando eu fugi de casa, eu tava pensando e começar alguma coisa, vocês não vêem a hora de acabar com tudo (BORTOLOTTO, 1997).

Sacha Filha se vê num dilema diante de tantas opções e dos conflitos pela disputa do mercado religioso. Ela decide não aderir a nenhuma religião. Após segue sua trajetória pelos mundos possíveis, mas já acumula outras opiniões e experiências.

A próxima cena ocorre na delegacia de polícia que se localiza num local decadente. As personagens Sacha Pai e Sacha Mãe procuram auxílio para encontrar a filha desaparecida. Os pais conversam com o delegado, um funcionário público corrompido pelo sistema judiciário sem nenhuma ética. Ele se dirige à mãe com intimidade, como alguém que já foi seu amante, colocando-a na posição de objeto. O delegado entende que a mãe é uma “piranha” e que a filha poderia estar seguindo seu exemplo, ou seja, que estaria na rua se prostituindo. Assim, insinua que Sacha Filha teria ido às boates de show de *striper*. Sacha Mãe lança olhares para o delegado e Sacha Pai fica constrangido diante da situação e do comportamento da esposa. Diante disso, tenta defendê-la, porém seu desejo era retirar-se da delegacia em protesto à fala do delegado. A esposa, contudo, expõe que são casados há vinte anos e que Sacha Pai nunca teria consumar o casamento. Apesar disso, Sacha Pai não se sente constrangido, nem desrespeita a esposa, tratando-a de “querida” e de “dama” faz referência à sua educação e ancestralidade francesa.

> DELEGADO: Então quer dizer que a piranhazinha deu no pé?
> SACHA PAI: Delegado, eu não lhe dei liberdade para tripudiar em cima da honra da minha querida e imaculada filhinha.

pdfMachine
A pdf writer that produces quality PDF files with ease!
Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click “print”, select the “Broadgun pdfMachine printer” and that’s it! Get yours now!

> [...] SACHA PAI: Ao designar minha filha, fez uso de um termo um tanto quanto... pejorativo. Eu estou aflito, angustiado, com os nervos à flor da pele, há dois dias que não como, há dois dias que não durmo...
> SACHA MÃE: Há vinte anos que não trepa.
> [...] SACHA MÃE: Será que ela tem conseguido se virar sozinha?
> DELEGADO: Se ela puxou a mãe, deve saber se virar muito bem.
> SACHA PAI: O que o senhor está a insinuar? A minha esposa é uma dama.
> DELEGADO: Se ela é uma dama, eu sou *Brave Star*. E não vem com lorota pra cima de mim não, que a piranha aí eu já comi muito, aliás, o distrito todo
> [...] SACHA PAI: Pra mim chega. Vamos embora, querida. Isso é o Maximo de escrotidão que minha sensibilidade herdada geneticamente de meus ancestrais franceses pode suportar (BORTOLOTTO, 1997).

A trajetória de Sacha Filha pelo mundo tem a estrutura das histórias de revistas em quadrinhos, de modo que uma cena irrompe na outra. Na cena subseqüente, dois adolescentes de classes sociais diferentes assistem à TV em suas casas. A personagem Pepsi assiste à TV num *stereo sound* com antena parabólica e Coca; seu amigo, numa TV mono *telefunken* com antena interna, programas de economia e disponíveis na TV aberta. As duas marcas de TV e o fato de disporem ou não de antena parabólica demonstram as diferenças de classes sociais e o acesso distinto dos bens de consumo. Pepsi é um adolescente de classe média alta, que tem acesso a tudo que deseja. Para saciar sua carência e solidão, encontra no amigo, Coca, uma amizade calcada no acesso aos bens de consumo desejados pelo amigo. Os dois nutrem-se um do outro, numa relação de co-dependência, de conflito e poder. Coca pertence à classe média baixa e para fazer parte do grupo de Pepsi se submete aos caprichos do amigo com fim de usufruir dos mesmos objetos de consumo que vão desde bonecas infláveis, a roupas de *griffe*, a sapatos, a idas a boates de *striper*, entre outros. Pepsi e Coca fazem referência a duas marcas de refrigerante de duas empresas transnacionais concorrentes. Ao atribuir o nome de marcas de refrigerante, Bortolotto ironiza, metaforiza, rotulando as personagens nesse jogo do consumo. Apesar de concorrentes, as empresas pertencem à mesma categoria, são refrigerantes. No caso de Pepsi e Coca, são adolescentes, enlatados, individualizados e consumistas, como mostra o diálogo a seguir entre as duas personagens:

pdfMachine
A pdf writer that produces quality PDF files with ease!
Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click “print”, select the “Broadgun pdfMachine printer” and that’s it! Get yours now!

> Pepsi (diálogo com Coca): Nunca mais segure com suas mãos mal lavadas minha caneta Mont Blanc diplomática. E se você estava pensando em usar a minha camisa Benetton hoje para impressionar as garotas, esqueça. E nenhuma das minhas Yamamoto e nenhum dos meus ternos Armani [...] (BORTOLOTTO, 1997).

Foto 5 – Lourenço Alves.
Personagens: Pepsi e Coca.
Atores: Cacá Brasil e Anderson Alves.
(Fonte: Grupo de teatro Trupe Zomba/MS -2005).

A necessidade de pertencimento a uma determinada moda está relacionada com o retorno às tendências comunitárias e tribais. O fato dos dois adolescentes compartilharem dos mesmos produtos de consumo os aproxima e cria uma identidade em que eles se reconhecem. Maffesoli (MAFFESOLI, 1996, p. 342). Ao fazer uma análise da moda na contemporaneidade, reflete sobre a relação de imitação-identificação que significa fazer parte de um grupo: o mesmo jeito de se vestir, do gosto musical, do acesso aos bens do consumo. A moda cria o vínculo que garante o pertencimento ao grupo, pois faz parte da promessa publicitária de que basta adquirir o produto para estar acompanhado, ser “bem sucedido”, “arrumar uma namorada (o)”, “ter o carro dos sonhos”, “ir a outros países” ou pelo menos ser notado por ele (a), ser aceito e respeitado. A análise de Woodward (2000, p. 17) sobre as identidades e os sistemas de representações permite compreender como estas são produzidas. Segundo o autor,

> É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e aquilo que somos. Podemos inclusive sugerir que esses sistemas simbólicos tornam possível

pdfMachine
A pdf writer that produces quality PDF files with ease!
Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click “print”, select the “Broadgun pdfMachine printer” and that’s it! Get yours now!

> aquilo que somos e aquilo no qual podemos nos tornar. A representação, compreendida como processo cultural estabelece identidades individuais e coletivas e os sistemas simbólicos nos quais ela se baseia fornecem possíveis respostas a questões: Quem eu sou? O que eu poderia ser? Quem eu quero ser? Os discursos e os sistemas de representação constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar

Com efeito, no caso das personagens Pepsi e Coca, o processo de identificação se estabelece pela aquisição dos bens de consumo e também pela globalização, por meio do uso de produtos, como *Mont Blanc*, *Yamamoto*, *Armani*, *Benetton*, *Zoomp*, *Work Out*, *M. Officer*, *Side Walk* e *Ellus*. A aquisição desses "produtos" por Coca e Pepsi se dá por uma relação emblemática de retorno e aderência. Significa que eles podem usar a *griffe* e pertencer a um determinado grupo/tribo e serem reconhecidos como participantes dele. Para Maffesoli (1996), a imagem tem uma força estática e ao mesmo tempo um dinamismo próprio que fortalece os sentimentos, os quais o autor chama de *aisthesis*, que são compartilhados em comum. Por outro lado, revela que os fluxos culturais entre as nações e o consumismo global criam possibilidades de identidades partilhadas para os mesmos bens, serviços, mensagens e imagens entre consumidores distantes no tempo e no espaço como num grande supermercado cultural. Os mesmos produtos de consumo estão onipresentes em escala mundial. O crescimento da mercantilização em escala mundial torna as culturas nacionais cada vez mais expostas às influências externas, enfraquecendo-as por meio do bombardeamento e da infiltração cultural (HALL, 2004, p. 74-75). Seguem os diálogos entre Pepsi e Coca:

> PEPSI: Preste atenção em mim quando eu estiver falando. Não me ignore. Oh, eu não suporto isso. Tenho problemas de rejeição materna, paterna, dos meus irmãos, da professora do primário, da primeira garota que me apaixonei, do meu cachorro de estimação. Porra, não seja mais um a me ignorar [...] Olhe pra mim, não me ignore, Coca, eu, Pepsi, existo!
> COCA: Enfia no cu suas pizzas de atum.
> PEPSI: Nunca mais segure com suas mãos mal lavadas minha caneta Mont Blanc diplomática (Pausa, Coca tenta se conter enquanto vocifera palavrões ininteligíveis). E se você estava pensando em usar minha camisa Benetton hoje para impressionar as garotas, esqueça. E nenhuma das minhas Yamamoto e nenhum dos meus ternos Armani e nada mais da Zoomp, Work Out, M. Officer, Side Walk, Ellus [...] (BORTOLOTTO, 1997).

pdfMachine
A pdf writer that produces quality PDF files with ease!
Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click "print", select the "Broadgun pdfMachine printer" and that's it! Get yours now!

A relação de alteridade de Pepsi em relação à Coca é gerada pelo acesso ou não dos bens de consumo. Coca deve se submeter ao “amigo” para obter o que deseja. Pepsi e Coca aspiram um modo de vida cosmopolita, e para tal constroem suas identidades numa posição de sujeito ditado pela mídia.

A cena seguinte se passa em uma boate luxuosa de *show* de *striper*. Pepsi e Coca resolvem ir à boate para assistir a apresentações de sexo explícito e de *shows* eróticos. Eles buscam o consumo de profissionais do sexo que atendem um público de elite, pois elas deviam vestir roupas da *griffe Azzédine Allaia*. Coca em retribuição paga um refrigerante da marca *Pepsi Cola* ao amigo.

> PEPSI: [...] (Pausa, silencio sepulcral) Vamos pegar aquelas garotas, mas que uma coisa fique bem clara, eu não pretendo baixar o meu nível. Se a garota não estiver usando vestidos Azzédine Allaia, eu não quero.
> COCA (feliz): Ok, você é quem manda. Porra, to tão feliz que eu vou fazer o seguinte, vou te pagar uma Pepsi.
> PEPSI: Se tem uma coisa que eu não suporto além das garotas que não usam vestidos Azzédine Allaia, é ex-amigo puxa saco (BORTOLOTTO, 1997).

Após esse último diálogo, os dois jovens saem para ver as garotas, mas desde que elas vistam as roupas de marcas e tenham o rótulo preferido de Pepsi. Quando estes chegam à boate presenciam a *performance* de Messalina Mescalina que é apresentada ao público pela personagem Apresentador que relata suas qualidades, suas múltiplas experiências profissionais. Bortolotto deixa no texto a critério do diretor como será interpretada a *striper*. Ela tem um aspecto pluralista e ambíguo quanto às suas identidades, as quais Mafessoli irá denominar de *persona*. De acordo com este autor, o indivíduo é causa e efeito da lógica da identidade, e é educado para exercer funções programadas pela sociedade. O autor irá designar pessoa, ao invés, quanto às identificações sucessivas que são exercidas, as máscaras (*persona*) (MAFESSOLI, 1996, p. 309).

Desta forma, as pessoas desempenham inúmeros papéis, ligados pela relação de afeto, de tribo a que pertençam, pelo uso dos adereços da moda, pelas afinidades ideológicas, religiosas, publicitárias, musicais, e também dos heróis do momento (artistas, políticos, esportistas). O que caracteriza, para Mafessoli, cada um são os “eus” de cada pessoa, o que enterra o princípio da individualização do

pdfMachine
A pdf writer that produces quality PDF files with ease!
Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click “print”, select the “Broadgun pdfMachine printer” and that’s it! Get yours now!

pensamento ocidental. Quanto à personagem Messalina Mescalina, seus *eus* são poliédricos, multifacetados e deslocam-se constantemente em diversos momentos e em identificações sucessivas.

No texto, não fica indicado por Bortolotto se Messalina Mescalina é uma mulher, *drag*, transexual ou travesti. Nas montagens dos grupos "Rosa Divina", de Marília (2002), e da "Trupe Zomba" (2005), de Dourados, estes optaram por uma personagem *drag quen* em cena para reforçar as ambigüidades identitárias da personagem.

Foto 6 – Lourenço Alves.
Personagem: Messalina Mescalina.
Ator: Rilvan Daniel Barbosa.
(Fonte: Grupo Teatral Trupe Zomba/MS – 2005).

Messalina Mescalina transita por várias tribos e condições sociais, econômicas e políticas. Ela trabalha como bancária e para complementar o orçamento veste a máscara de *drag quen* numa casa de shows luxuosa que se localiza no centro da cidade. A mudança de máscaras, de identidades transitórias compõe a personagem que foi *dublê* de *striper*, babá, empregada doméstica, universitária, modelo e manequim, atriz, *beat*, *hippie*, freira, *punk*, junkie, comunista, *dark*, membro de grêmio estudantil, *yuppie*, garota do Fantástico, go-go girl, rainha do carnaval em Atibaia. Ela trabalha no Bradesco, é feliz, bem sucedida, e tem um caso afetivo com o gerente da sua agencia (BORTOLOTTO, 1997).

Após o término do *show* de Messalina, entra em cena, na boate, Sacha Filha, absolutamente perdida. Ela é confundida por Pespi e Coca com uma *striper*, como

pdfMachine
A pdf writer that produces quality PDF files with ease!
Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click "print", select the "Broadgun pdfMachine printer" and that's it! Get yours now!

um produto de consumo ao alcance de quem pode pagar. Nos diálogos deles fica evidente essa suposição:

> COCA: A gente quer ver é mulher pelada. É ou não é, galera? (incita a platéia).
> SACHA: Pra quê?
> COCA: Como pra que? Que porra de pergunta é essa?
> PEPSI: De que disco voador você caiu hein gata?
> COCA: A gente vem todos os dias aqui pra ver as garotas tirarem a roupa.
> PEPSI: É isso aí. A gente tem uma boneca inflável em casa pra aliviar as nossas tensões sexuais, mas a medida que os anos passam, você sabe, a tensão aumenta, aí não dá pra conter os nossos impulsos (BORTOLOTTO, 1997).

Os três saem de cena e seguem a caminho da casa rosa choque de Pepsi "com gravuras pós-modernas" para uma provável orgia com Sacha Filha. No percurso Pepsi e Coca tentam estuprá-la, mordendo seu corpo e rasgando sua roupa. Em seguida, Pepsi e Coca são surpreendidos pelos bárbaros Atila II e Teodorico que os estupram.

Do outro lado da cidade os pais procuram a filha pelas delegacias da cidade. Sacha Mãe decide contratar o detetive Eros Volúpia e então marcam um encontro. Na rua, caminham pela cidade Sacha Mãe e o detetive Eros Volúpia, que discutem o paradeiro da filha desaparecida, discutir preços e levantar pistas. Eros Volúpia é uma personagem que tem um nome que se refere aos seus atributos sexuais e à sua sensualidade. Bortolotto destaca a situação decadente e corrupta do serviço público brasileiro em que as propinas são endossadas pelas instituições e pelo Estado. Eros Volúpia se reconhece como picareta, pois está à disposição para qualquer tipo de "negociatas", "[...] falcatruas, tratados, negociatas, câmbios, gigolotagens e picaretagens em geral [...]" (BORTOLOTTO,1997).

pdfMachine
A pdf writer that produces quality PDF files with ease!
Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click "print", select the "Broadgun pdfMachine printer" and that's it! Get yours now!

Foto 7 – Lourenço Alves.
Personagens: Eros Volúpia e Sacha Mãe.
Atores – Andrea de Oliveira e Kléber Félix da Costa.
(Fonte: Trupe Zomba/MS -2005).

Eros pergunta para a mãe se tem indícios que revelem o desaparecimento da filha, pois afirma conhecer "[...] pessoas influentes na área" e que poderia subornálas. Para comprovar sua eficiência profissional, inclui em seus serviços a localização da filha e poemas de sua autoria como brinde (BORTOLOTTO,1997). A mãe começa a caracterização da filha representando-a como "babacona, pura e virgem [...]" que passou 20 anos da vida trancada num quarto e se refere à filha como "um erro genético" e procura sobrepor-se à filha num jogo dúbio de hostilidade e apreensão pelo sumiço de Sacha Filha. O detetive insiste e pergunta mais detalhes, mas a mãe parece não se lembrar, demonstrando não dar importância ao assunto. Recorda-se apenas de ter visto a filha com mapas. Estes passam a ser investigados como evidências do fato. Ao final da cena, ela se insinua ao detetive, flertando, mas ele se esquiva e ambos saem de cena.

Rompendo a cena anterior, o próximo evento consiste em uma cena de transição em que Sacha Filha, é abordada com violência pelos "bárbaros": Teodorico e Atila II. O nome Atila faz referência ao chefe do povo huno que invadiu o Império Romano e era chamado de "Flagelo de Deus", um líder que saqueava, matava para conquistar novos territórios no Ocidente como os Bálcãs, Gália até serem derrotados nos Campos Catalúnicos (439-453). Após sua morte, em 453, e ao longo do século V, chegam novos invasores, os ostrogodos, sob o comando de Teodorico (AQUINO, FRANCO, LOPES, 1980, p. 299). Os nomes das personagens enfatizam a

pdfMachine
A pdf writer that produces quality PDF files with ease!
Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click "print", select the "Broadgun pdfMachine printer" and that's it! Get yours now!

capacidade e atrocidades possíveis nas roupagens de dois adolescentes, aparentemente *punks*, “bárbaros”, pois teriam um visual estético transgressivo.

Atila II e Teodorico buscam uma auto-afirmação, uma necessidade de pertencimento na nova tribo. Eles eram dissidentes de uma tribo de adoradores de Fábio Júnior que ouvia apenas músicas *pop*. Como ritual de iniciação ao novo grupo e para apagar a antiga imagem, deveriam praticar atos violentos. Teodorico é o primeiro a aparecer em cena arrastando Sacha Filha pelos cabelos e começa a aterrorizá-la com um desabafo dizendo que ele e o amigo são estupradores de ninfetinhas e que pertencem a um grupo de extermínio.

> TEODORICO: (...) Agora você que saber que somos nós, não é? Ok, eu vou te dar cinco alternativas: Alternativa a: somos garotos que prestamos o exame telecurso segundo grau, passamos no vestibular e estamos sujeitos ao trote universitário. Alternativa b: somos uma facção dissidente e descontente do fã clube do Fábio Jr. Alternativa c: somos um grupo de teatro de vanguarda fazendo laboratório para um novo espetáculo transgressivo e revolucionário. Alternativa d: somos os novos bárbaros, filhos do cogumelo atômico, cruéis e sanguinários. Alternativa e: nenhuma das alternativas. E então? (BORTOLOTTO, 1997).

Atila II entra em cena e sem meias palavras estupra Sacha Filha via anal. Teodorico observa a cena. Este fato esboça a necessidade de Atila II dar o exemplo de atrocidade, atitude de auto-afirmação e de pertencimento sendo uma forma de fazer parte da tribo de bárbaros e de ser aceito por eles.

pdfMachine
A pdf writer that produces quality PDF files with ease!
Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click “print”, select the “Broadgun pdfMachine printer” and that’s it! Get yours now!

Foto 8 – Lourenço Alves.
Personagens: Atila II e Sacha Filha.
Atores: Higor M. Vieira e Ana Paula Ostapenco.
(Fonte: Trupe Zomba/MS -2005).

Atila II empurra Sacha Filha para Teodorico sugerindo que este também a estupre, mas o amigo tem uma recaída. Ele se sente constrangido e se remete ao tempo em que pertenciam ao fã *club* do Fábio Junior. Manifestam o desejo de voltar às origens, à antiga tribo e recordar as velhas músicas do cantor, do tempo em que à mãe de Atila II trazia lanche enquanto ouviam as canções em sua casa. Esse desejo contagia Teodorico e Atila II com um sentimento de nostalgia, de camaradagem dos "velhos tempos" que é familiar a ambos, como apontam as falas a seguir das personagens:

> TEODORICO: Porra, tinha uma que era lindona: 'Desejos e Delírios'.
> ATILA II: É, essa era do caralho. (Goza) Pronto, agora é a sua vez. (Passa Sacha para Teodorico que também a coloca de quatro).
> TEODORICO (relutante): Eu tenho mesmo?
> ATILA II: Mas que pergunta. É claro que tem. Que espécie de bárbaro é você?
> TEODORICO: Quer saber? Eu to cansado disso tudo. To de saco cheiro. Porra Atila II, to morrendo de vontade de ouvir 'O que é que há?' (Larga Sacha que fica no chão) (BORTOLOTTO, 1997).

Mafessoli (2006, p. 31) utiliza a metáfora da tribo para explicar o processo de "desindividualização, da saturação da *função* que lhe é inerente, e da valorização do *papel* que cada pessoa (*persona*) é chamada a representar dentro dela. [...] As pessoas que compõem essas tribos podem evoluir de uma para a outra." De acordo com o autor, os laços de simpatia e de convivência se constroem pela vontade da identidade de grupo, da sociabilidade ou comunidade. Trata-se de identidades provisórias que se formam nas relações de identificação, que se compõem por meio da moda, das preferências sexuais, do posicionamento religioso e político, da preferência culinária, e também pelo acesso à internet. Nestes termos, o *eu* se constrói na relação com os *outros*, dentro da lógica comunicacional e pelas alteridades em que o *outro* ocupa enquanto referência modular. Para o referido autor, a construção das identidades decorre de

pdfMachine
A pdf writer that produces quality PDF files with ease!
Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click "print", select the "Broadgun pdfMachine printer" and that's it! Get yours now!

> [...] uma mesma existência, cada um muda diversas vezes. Variações, modificações, conversões, revoluções, inúmeros são os termos que traduzem essas mudanças. E elas afetam sua aparência física, de início, mas também suas representações, suas relações aminicais ou amorosa, sem falar na vida profissional. [...] de um lado desempenhará uma multiplicidade de personagens, segundo os lugares, ocupações, a vizinhança do momento. Para o outro, será de modo secreto ou dissimulado que ele efetuará a mesma mudança de pele. [...] será patologicamente que vai viver a clivagem do eu; a esquizofrenia será então, seu quinhão cotidiano (MAFFESOLI, 1998, p. 304).

As duas personagens saem de cena deixando a garota no chão que em seguida será surpreendida por uma policial. A policial faz insinuações de que teria ouvido Sacha Filha dizer que ela já estaria habituada a esse tipo de situação. Quando questionada, Sacha Filha afirma que é virgem, mas a Policial ironiza e a questiona, novamente. Diante disso, ela passa a falar sobre seu mundo, sua casa e suas referências materiais e afetivas, como se referem os seguintes diálogos:

> SACHA: Eu passei 20 anos trancada dentro de um quarto 18x10 na mansão de meus pais vendo ininterruptos programas de TV, telejornais, telenovelas, concursos de miss, programas de auditório, lutas de tele-catch, jogos de futebol, Dallas, Melrose, as noticias do mundo sempre me chegaram em cores, via satélite em panasonique, eu não tinha com que conversar, os meus pais nunca conversavam comigo, eu nem me lembro direito deles, aí teve um dia que eu tomei um decisão e então fugi de casa.
> POLICIAL: Foi aí que a moçada te pegou e resolveu fazer uma orgia.
> SACHA: Eu tava com mais dois outros caras que tinha tido a mesma idéias antes, bem... eles foram estuprados, assados e comidos por esses dois aí.
> POLICIAL: Esses bárbaros fazem de tudo para aparecer. É a tal da ascensão social. OK, fedelha, vou te levar pro distrito, lá você explica tudo pro delegado. (Saem) (BORTOLOTTO, 1997).

A Policial caminha com Sacha Filha pelas ruas em direção a Delegacia. Enquanto isso na Delegacia de Polícia Sacha Pai discutem o paradeiro da filha. O Delegado faz insinuações a Sacha Pai dizendo que a rotina da Delegacia é caótica, “um bocado escrota e obscena, meu chapa. O anjo que ronda por aqui não tem auréola e asinhas não. Tem um tridente e um rabo pontudo [...]” (BORTOLOTTO, 1997) Ao representar uma delegacia decadente, Bortolotto traduz um tema recorrente que é a falência das instituições repressivas, e a corrupção de seus agentes. Em seguida, Sacha Pai vai embora com a promessa de ser avisado pelo

pdfMachine
A pdf writer that produces quality PDF files with ease!
Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click “print”, select the “Broadgun pdfMachine printer” and that’s it! Get yours now!

Delegado alguma informação sobre a filha. Para tal, o delegado exige o pagamento de propina.

Na cena subseqüente, Sacha Pai sai por uma porta da delegacia e entra a Policial por outra arrastando Sacha Filha. Esta se encontra toda rasgada e tenta dizer que estava sendo violentada, mas o Delegado ignora e manda encarcerá-la. Bortolotto propõe uma passagem de tempo na delegacia quanto à prisão de Sacha Filha. No próximo evento Sacha Filha continua encarcerada, desta vez a Policial se dirige a ela e lhe entrega rosas e bombons. Sacha Filha pergunta se foram os seus pais, ou melhor, seu pai quem lhe trouxe, já que sua mãe não teria essa iniciativa. A personagem confessa não se lembrar deles, uma vez que o afeto de sua casa sempre foi vinculado à compensação de objetos de consumo. A Policial a questiona sobre sua família.

Na seqüência, Sacha Filha recebe o telefonema de Eros Volúpia, Sacha pensa que podem ser seus pais, mais a Policial diz que é de um admirador secreto. Ela atende a chamada e Eros Volúpia passa a cortejá-la, convidando-a a sair, porém esta afirma não poder pelo fato de se encontrar presa. Eros Volúpia lhe diz poder resolver o problema, pois nesta delegacia os funcionários são subornáveis.

> SACHA: Mas eu estou encarcerada.
> EROS: Problema facilmente contornável visto que tratam-se de carcereiros perfeitamente subornáveis. Você está livre, Sacha, e a sopa está esfriando. (BORTOLOTTO, 1997).

Logo após, Eros Volúpia subornou os agentes carcerários possibilitando a saída de Sacha Filha da Delegacia. Em liberdade, Eros Volúpia a leva para um bar e a galanteia. Posteriormente, chegam Sacha Pai e a Sacha Mãe. Eros os convida para se sentarem à mesa. Nesta cena, Eros é indagado pelos pais sobre o paradeiro da filha. Os pais não a reconhecem como a filha desaparecida, conforme demonstra o diálogo, a seguir:

> SACHA MÃE: [...] E então Volúpia? Encontrou o que eu pedi que encontrasse?
> EROS (olha para Sacha e então percebe que Sacha Mãe não reconheceu a sua filha e que por outro lado a filha também não reconheceu a mãe): Sim, é claro, quero dizer, não ainda não. Estou na labuta, pistas quentíssimas (BORTOLOTTO, 1997).

pdfMachine
A pdf writer that produces quality PDF files with ease!
Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click “print”, select the “Broadgun pdfMachine printer” and that’s it! Get yours now!

Eros omite que não encontrou Sacha Filha e flerta com Sacha Mãe. Após um diálogo “picante”, ambos saem do bar e deixam a sós o Sacha Pai e Sacha Filha que começam uma conversa sobre suas intimidades, tais como virgindade e fidelidade conjugal. Estes se atraem fisicamente e saem de cena deixando evidente a paixão e o incesto. A peça é encerrada com o último evento, a reaparição do DJ que finaliza, como um narrador, ao repetir o texto inicial de sua primeira aparição modificando apenas que o que Sacha viu no mundo, ao sair de casa, não a surpreende mais. Segue a fala do *DJ* que narra o desfecho da trajetória de Sacha Filha pelo mundo:

> Sacha está pulando a janela do seu bunker como um Colombo contemporâneo de saias, um Salomão pós-moderno e o que ela vê já não a surpreende mais. Do alto desses edifícios, deuses espertos te contemplam e te abençoam. Fuck you baby. Não deixe que te parem... nunca (BORTOLOTTO, 1997).

Foto 9 – Lourenço Alves.
Personagens: Sacha Mãe, Eros Volúpia, Sacha Filha e Sacha Pai.
Atores: Andrea Oliveira; Ana Paula Ostapenco; Goldemberg Fonseca e Kleber Félix da Costa (Fonte: Trupe Zomba/MS -2005).

O incesto, ao final da peça *Fuck you, baby,* é aceito assim como consensual pelos laços afetivos recém construídos, e também pela impessoalidade e total desconhecimento das relações de sangue. Bortolotto, por um lado, aborda o tabu da

pdfMachine
A pdf writer that produces quality PDF files with ease!
Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click “print”, select the “Broadgun pdfMachine printer” and that’s it! Get yours now!

sociedade ocidental em que a sexualidade e os laços afetivos são contestados, desconstruídos. Por outro lado, inclui no texto o fato de que novas sexualidades são rearranjadas e que os vínculos se constroem a partir de novas posições de sujeitos que podem ser decididas ou ainda negociadas. A relação incestuosa também pode ser considerada um ato de violação dos direitos humanos conforme a natureza do acontecimento. O que importa é que as novas formas de conjugalidades, sexualidades e afetividades são cada vez mais freqüentes nas sociedades contemporâneas.

Percebe-se que a intenção de Bortolotto é abordar temas que o incomodavam naquele momento da escrita, não pretendendo chocar os leitores e os expectadores. Ele acredita ser possível que duas pessoas morarem na mesma casa e não se conhecerem, não repararem uma na outra. Portanto, seria natural e possível que se apaixonassem. Bortolotto, neste caso, introduz a reinvenção dos vínculos amorosos, afetivos, familiares e de convívio social na contemporaneidade.

Bortolotto dá voz aos personagens *outsiders* acreditando que são os mais interessantes para fazer uma ficção, seja no teatro ou no cinema. Assim, o dramaturgo, parte dos territórios íntimos, subterrâneos das vidas compartilhadas nas cidades. Quanto às temáticas de seus textos, traduzem as solidões, a amizade, à juventude, a linguagem das ruas, tratando de bandidos e mocinhos, de amores desencontrados, da violência urbana, das novas famílias, do universo das drogas, do patético humano, das cumplicidades, da indiferença e dos diálogos dos bares e principalmente da degradação humana.

No próximo capítulo, apresentar-se-ão correlações com as vivências e espaços urbanos atravessados pelas personagens e o universo da megalópole, assim como a formação das tribos na contemporaneidade.

pdfMachine
A pdf writer that produces quality PDF files with ease!
Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click “print”, select the “Broadgun pdfMachine printer” and that’s it! Get yours now!

MÁRIO BORTOLOTTO

ANTOLOGIA DE TEXTOS JORNALÍSTICOS

Gutemberg BLUES

ATRITO ART
EDITORIAL

pdfMachine
A pdf writer that produces quality PDF files with ease!
Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click “print”, select the “Broadgun pdfMachine printer” and that’s it! Get yours now!

3. OS ESPAÇOS E AS VIVÊNCIAS URBANAS EM *FUCK YOU, BABY*

> *Aaah, a cidade. A cidade oferece possibilidades, então porque ficamos plantados aqui, esperando o telefone tocar? [...] A cidade é um supermercado onde você sequer precisa encher o carrinho. O imprevisível te espera na próxima esquina, no próximo drinque, no próximo blues [...].*
>
> *(BORTOLOTTO, 2003, p. 102-103)*

As cidades contemporâneas comportam territórios que se comunicam entre si. Nesse contexto, são produzidas as identidades individuais e coletivas, que se trata de uma construção contínua e complexa, inseridas no jogo social. Nas ruas, por exemplo, é possível andar livremente sozinho ou em grupo e vivenciar novas experiências. Para os jovens, isso significa pertencimento, vencer limites e buscar o novo. Nas práticas sociais juvenis, constitui-se um imaginário próprio de grupo, distante daquele socialmente estabelecido, e que agrega o universo simbólico que faz parte dos lugares pelos quais procuram estar presentes. As cidades agregam atores sociais que representam diferentes intenções, culturas e que compõem um tecido que se renova o tempo todo. De acordo com Pesavento (2007, p. 14),

> Cidades são, por excelência, um fenômeno cultural, ou seja, integradas a esse princípio de atribuição de significados ao mundo. Cidades pressupõem a construção de um *ethos*, o que implica a atribuição de valores para aquilo que se convencionou chamar urbano.

O espaço urbano representado em *Fuck you, baby* é o da megalópole, uma cidade como São Paulo, cuja urbanidade agrega diferentes lugares e indivíduos. Imprevisibilidade, complexidade são fenômenos que ocorrem neste espaço onde os fluxos de informações se entrelaçam e se cruzam. Bortolotto se remete, sobretudo, a espaços degradados de uma cidade. Conforme Augé (1997, p.168), as grandes cidades

pdfMachine
A pdf writer that produces quality PDF files with ease!
Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click “print”, select the “Broadgun pdfMachine printer” and that’s it! Get yours now!

> [...] tem seu lugar na literatura, na pintura, até mesmo na música: isso significa ser ela objeto de representações – das quais podemos encontrar uma versão modesta e individual na relação que os habitantes da cidade dizem ter com ela, na história que os liga a ela, nos itinerários que eles fazem nela.

Bortolotto, em sua produção ficcional, reflete as experiências vivenciadas pela paisagem das grandes cidades, da qual ele próprio é um interlocutor. Em todos os seus textos, a trama se passa em grandes centros urbanos, tais como Londrina, São Paulo, Curitiba e Rio de Janeiro. Nestes termos, afirma em entrevista a João Filho (2005), que sua escrita reflete a urbanidade:

> MB – Costumo dizer que só sei escrever sobre sobrevivência urbana. Não sofro de Síndrome de Mazzaropi e não há nada que me interessa fora dos grandes centros urbanos. É onde me sinto à vontade. Gosto de andar à tarde pelo centro da cidade de São Paulo. Gosto da balburdia toda, me sincronizo com a cidade e respiro junto com ela. Quando escrevo, os sons da cidade são a minha trilha sonora predileta.

Augé (1997, p. 168-169), ao desenvolver uma análise antropológica para os fenômenos da contemporaneidade, propõe a necessidade de um olhar arguto do pesquisador/observador, que deverá estar atento para três mundos novos: o indivíduo; a imagem e a cidade. Esses mundos são matéria do representável e refletem as heterogeneidades dos espaços e dos mundos contemporâneos. A cidade é um dos mundos, pois nela se imprime os espaços simbolizados, cujas referências, monumentos e memórias são compartilhados por aqueles que se consideram pertencentes a ela. Para Auge (1996, p. 146),

> [...] é como se o espaço urbano fosse portador de todas as indagações que o espaço unificado do Planeta suscita – no exato momento em que nasce uma dúvida sobre sua natureza e seus limites: a cidade é um mundo ou o mundo torna-se uma cidade?

Por esses novos mundos, há uma construção de sentido que é articulado entre os indivíduos de modo individual e coletivo. Por meio dos relacionamentos se imprimem diferenciações em que as identidades se instituem e são simbolizadas. Os cruzamentos, imbricações, rupturas, interseções entre culturas, gêneros, etnias e classes sociais compõem a complexidade da sociedade contemporânea. As

pdfMachine
A pdf writer that produces quality PDF files with ease!
Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click “print”, select the “Broadgun pdfMachine printer” and that’s it! Get yours now!

interações se intensificam entre homens e mulheres, urbanos e rurais, católicos e adeptos de diferentes religiões, entre as classes sociais, gêneros, etc. Os grupos podem pertencer e compartilhar uma realidade em termos de valores que podem funcionar em um mesmo mundo ou em outros. A heterogeneidade quanto à dimensão individual e os mundos sociais são paradoxos que os definem e os relativizam.

O viver urbano proporciona o compartilhar de sentimentos e emoções que se expressam em utopias, esperanças, desejos, medos, lutas individuais ou coletivas. Nesse fluxo de informações é que se produzem dinâmicas sociais as quais podem ser rearranjadas a partir das escolhas de seus agentes e pelo jogo das forças representativas: políticas, religiosas, econômicas. As redes de sentido se constroem através das experiências pessoais ou coletivas e também no contato com lugares em que se identificarem. Segundo Reyes (2001, p. 74),

> Formado por uma configuração física e uma dinâmica social. A configuração física é a materialidade fixa da cidade. A dinâmica se caracteriza pelas ações sociais que dão sentidos sócio-espaciais à configuração física. [...] As ações são as mobilidades que se instalam, ou atravessam os objetos, transformado e sendo transformadas por esses. Os arranjos desses elementos definirão as mais diversas composições urbanas.

As cidades abrigam uma variedade de espaços e fluxos: diferentes arquiteturas, culinárias, artes, tribos, violências, prostituições, misérias, consumos, poderes, trabalhos, religiões, que constituem elementos contrastantes e referenciais. Reyes (2001, p. 74) aponta que o lugar é fixo e o espaço é móvel. Ou seja, a cidade, para o referido autor se estruturou a partir de uma relação de mobilidades e conexões resultantes de um sistema de fixos e fluxos. “Parte-se de um lugar, desloca-se, chega-se a outro lugar, torna-se a deslocar, e assim sucessivamente”.

No mundo contemporâneo, os lugares de circulação, auto-estradas, aeroportos e supermercados são também considerados não-lugares se considerados apenas de passagem e não tiverem sentido identitário, histórico ou relacional. O lugar é simbolizado pela relação que os indivíduos têm “consigo mesmos, com os outros ocupantes e com a história em comum”, ou seja, pelo sentido social que se estabelece (AUGÉ, 1997, p.169-170). Portanto, a rua pode ser um lugar de identificação em que se constroem vínculos, por exemplo, no caminho

pdfMachine
A pdf writer that produces quality PDF files with ease!
Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click “print”, select the “Broadgun pdfMachine printer” and that’s it! Get yours now!

que leva para casa, ou para o trabalho. Também um não-lugar, de fluxo, de travessia, na perspectiva de um viajante. De qualquer modo, nos dois sentidos, se constroem relações de sociabilidade que se reforça no imaginário coletivo. Para Maffesoli (2006, p. 56-57) o bairro faz referência a esse tipo de relação de inegável carga simbólica. Deste modo, o bairro é,

> [...] constituído pelo entrecruzamento de situações de momentos, de espaços e de gente comum; e, por outro lado, na maioria das vezes é falado por meio dos estereótipos mais banais. O *square*, a rua, a tabacaria da esquina, o jornaleiro etc. [...] conforme os centros de interesse ou de necessidade, outras tantas pontuações triviais da sociabilidade.

Em *Fuck you, baby,* Sacha Filha sai do bairro, do lugar seguro da casa em um condomínio de luxo, para enfrentar a sobrevivência urbana nas ruas da cidade como indica o trecho da peça a seguir: "[...] Sacha está pulando a janela de seu *bunker* como um Colombo contemporâneo de saias, um Salomão pós-moderno [...]". A imprevisibilidade da rua será o primeiro desafio que a personagem Sacha Filha terá de enfrentar após a sua decisão de sair de casa (BORTOLOTTO, 1997). Assim, o que está por vir, a descoberta, fez parte do itinerário de Sacha Filha pelos mundos, os quais ela teve que optar por suas escolhas.

Os espaços representados em *Fuck you, baby* são múltiplos e heterogêneos. A casa da família Sacha ocupa um lugar num bairro de elite, e os demais lugares como as ruas, a fábrica, o *studio* de gravação, o templo religioso, a delegacia, o bar, a boate fizeram parte da sua vivência pelo espaço urbano da cidade. Nesses lugares, a sociabilidade foi compartilhada a partir de sentimentos de identificação, privação, nostalgia, paixão, solidão, amizade, medo, violência e cumplicidade. A personagem, ao deslocar-se por esses lugares, percebeu que cada um tem sua materialidade, singularidade, simbolismos e tribos. Assim como na vida real, a cidade em *Fuck you, baby* demonstra que cada indivíduo/*persona* representa um mundo em si, o microcosmo social, o *ethos*, cuja subjetividade reside no espaço da urbanidade. De acordo com Augé (1997, p. 176) é na cidade que se experimenta a pluralidade de mundos que constituem a contemporaneidade,

> [...] mundo do indivíduo, antes (que também pode ser, como se sabe, o da multidão e da solidão, mas igualmente o da solidão sem a multidão que é substituída na tela pelas imagens da atualidade de

pdfMachine
A pdf writer that produces quality PDF files with ease!
Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click "print", select the "Broadgun pdfMachine printer" and that's it! Get yours now!

> mundo), mundo das artes, das letras, do trabalho, da política, dos negócios, do esporte, etc., - mundos este cada dia mais marcados por uma internalização que pode ser vivida e analisada de uma só vez, e não contraditoriamente, como um trunfo e um risco.

Em *Fuck you, baby,* o primeiro lugar representado é a casa da família Sacha. Bortolotto, ao propô-lo, sugere que a casa é sempre um ponto de partida onde a família compartilha valores sociais e culturais. Sacha Filha passou vinte anos de sua vida segregada ao quarto de sua casa e às informações tecnologizadas, que permitiram conhecer parcialmente os vários mundos. As informações do mundo globalizado chegaram por meio de satélite, da internet, da TV, do rádio, do fax, do celular, da escola e das leituras que permitiram com que ela se conectasse globalmente sem sair de seu quarto e de sua residência.

Seus pais optaram por deixá-la reclusa em casa, pois seria o lugar onde poderiam vigiá-la e preservá-la da violência e dos *outros*. A tecnologia e os meios massivos de comunicação possibilitam os contatos humanos virtuais, estes considerados mais seguros e confiáveis. Enfim, o mundo da personagem Sacha Filha é o de seu quarto, no interior de uma mansão, localizada num condomínio de luxo. O medo da violência reforçou seu isolamento, que estaria permeado de variados recursos de segurança, como câmeras de vídeo, cercas elétricas, seguranças particulares, cães de guarda, alarmes e carros blindados.

No primeiro evento, que ocorre na casa, Sacha Pai e Sacha Mãe, representaram o drama familiar de uma crise conjugal até receberem uma mensagem que revelou a fuga da filha. Na mesma cena, encontraram-se os pais de um lado, paralisados, na casa, com a recente informação, e do outro, na cidade, Sacha Filha e o *rapper* que atuou como um narrador das características familiares e de Sacha Filha. Esta, por sua vez, mesmo com o acesso ao mundo globalizado, não tinha vivência, experiência, já que os pais supervalorizaram os bens materiais como forma de compensar sua segregação na casa. Seu quarto, amplo e tecnologicamente equipado, foi o lugar do qual ela nunca havia saído, afirmou o *rapper*. Foi em sua caminhada pelas ruas que Sacha Filha deparou-se com a personagem *rapper* e que estabeleceu um diálogo. Nesse momento, os pais já saíram de cena. Nessa situação de transição, Sacha Filha expressou seus sentimentos ao *rapper* que lhe falou das escolhas que ela poderia fazer nessa nova trajetória. Ele enfatizou sobre as viagens pelo mundo, o transporte aéreo, destacou a

pdfMachine
A pdf writer that produces quality PDF files with ease!
Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click “print”, select the “Broadgun pdfMachine printer” and that’s it! Get yours now!

rapidez, a velocidade de se poder chegar de um lugar ao outro, descreveu sobre os ritmos musicais e assim a impulsionou às descobertas. Como ele afirma, Sacha Filha tem tudo, apenas "[...] não tem as *freeways*, a sedutora tentação de um carrinho de *hot-dog* numa imprevisível esquina, o beijo quente das placas de sinalização" (BORTOLOTTO, 1997). De acordo com Reyes (2001, p. 74)

> A velocidade trouxe para a cidade a possibilidade da conquista de novos lugares, trouxe também a impossibilidade dos deslocamentos devido ao acúmulo dos veículos. As altas densidades urbanas resultaram numa alteração do modelo de crescimento da cidade: do modelo de extensão ao modelo intensivo.

Nesse sentido, percebe-se que as vivências do *rapper* se opõem à realidade vivenciada por Sacha Filha. Diante disso, Bortolotto pretendeu propor o parodoxo dos mundos, em que os passantes se cruzam pelas ruas e se entrechocam em suas ambigüidades. O *rapper* representou a periferia das cidades, cuja experiência de vida agregou uma pluralidade de informações, violências, e também de lutas pela sobrevivência urbana, de diferentes musicalidades e estéticas. As linguagens das ruas traduzidas na composição das letras do *rap* pertencem ao movimento do *hip hop*. Para Ottman (2001, p. 13), essas tribos,

> trajam imagens espelhadas transmitidas para uma indústria de cultura jovem global, sua linguagem corporal faz lembrar *clips* da MTV e seu repertório exibe semelhanças com expressões artísticas encontradas em todos os lugares.

Segundo o referido autor, fica evidente a reinterpretação do global pelo local, pelo fato dos *rappers* contemporâneos tematizarem em suas músicas questões de raça, etnicidade, cor, pobreza, violência e crime. As letras das suas músicas também podem fazer reflexões sobre a anti-violência, o anti-sistema, o anti-consumismo e a religião, entre outros temas.

As tribos, representadas pelas personagens de *Fuck you, baby,* foram pontos referenciais para Sacha Filha, de modo que o convício com o *rapper lhe* propiciou a vivência com uma realidade que, até então, era conhecida apenas virtualmente. Diante desse choque entre mundos diferentes foi possível a Sacha Filha questionar os temas sociais, experimentá-los, e assim buscar relações de identificações com as tribos as quais conheceu durante sua trajetória. Essa análise é problematizada por

pdfMachine
A pdf writer that produces quality PDF files with ease!
Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click "print", select the "Broadgun pdfMachine printer" and that's it! Get yours now!

Maffesoli (2006, p. 51) que utiliza a metáfora das tribos para apontar um *ethos* comum enquanto comunidade emocional, que se constitui a partir da,

> partilha sentimental de valores, de lugares ou de ideais que estão, ao mesmo tempo, absolutamente circunscritos (localismo) e que são encontrados, sob diversas modulações, em numerosas experiências sociais.

Desse modo, o *locus* do tribalismo se encontra expresso na efervescência do sentimento que une e aproxima os grupos, os interesses comuns, o estar junto. Bortolotto, em *Fuck you, baby*, enunciou indiretamente a existência de variadas tribos que se formam na contemporaneidade, como, por exemplo, *rappers*, bárbaros. Além dessas, representadas na peça teatral, a cidade agrega catadores de recicláveis, *yuppies*, mendigos, que comungam dos mesmos lugares e sobrevivem em meio a *shopping centers*, ruas, galerias, vitrinas (FLORES; CAMPOS, 2007, p. 270). Enfim, que a globalização tem sido vivenciada em todo o mundo de diferentes formas, uns locais de modo mais lento e desigual que outros, porém todos têm estado sempre abertos às influências culturais ocidentais (HALL, 2001, p. 79).

No percurso pela cidade Sacha Filha teve a possibilidade de conquistar suas identidades referenciadas, até então, aos valores familiares, aos adquiridos na escola e no condomínio no qual residia. A partir daí, descortina-se uma série de novas possibilidades. Em se tratando de seres humanos, estes nunca são os mesmos e a cada dia, agem e reagem de modo diferente à realidade e aos fatos sociais. Foi diante destes fluxos de ambigüidades decorrentes da dinâmica social que se deparou a personagem Sacha Filha. Ao fazer suas próprias escolhas e desvendá-las, pelas vivências, e pelos mundos ainda desconhecidos. Os mundos foram, para ela, o cenário onde ela tornou-se a protagonista.

De acordo com Augé (1997), os passeios a esmo pela cidade, que são de iniciativa do próprio caminhante, possibilitam compor um percurso original e puramente individual à sua escolha. A caminhada de Sacha Filha pela cidade expressa à liberdade do andarilho, do poeta, do músico, do escritor, cujos itinerários vão sendo encadeados e construídos pelas experiências compartilhadas com pessoas e coisas. Afirma o referido autor que “o percurso e a localização na cidade são influenciados pela existência de pontos fortes e pela disposição geral da cidade” (AUGÉ, 1997, p. 172-173) Assim, a rua foi o lugar pelo qual Sacha Filha se

pdfMachine
A pdf writer that produces quality PDF files with ease!
Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click “print”, select the “Broadgun pdfMachine printer” and that’s it! Get yours now!

aventurou, pois é justamente este que “possibilita a liberdade do corpo, do agir e do experimentar, em uma amplitude maior de espaço, sem normas, hierarquias e restrições vivenciadas nas casas e nas instituições” (MALFITANO; ADORNO, 2006, p. 28-29).

Após o contato com o *rapper* Sacha Filha foi surpreendida pelas personagens *câmera-man*, *operadora* e *DJ* que a questionaram sobre sua opinião sobre temas variados. Nesse momento, ela poderia expressar sua opinião, porém, limitou-se a dizer que: “vai dar testemunho de que... reservo-me o direito de não dizer se não souber... To afim de falar, mas optei por viver...antes” (BORTOLOTTO, 1997). Nessa cena, Bortolotto metaforizou um *talk-show* e criou uma ponte entre o cotidiano da rua, da opinião individual para o global. Enfocou o mundo da informação, da imagem, do rádio e da TV. Os temas apresentados a Sacha Filha, nesse evento, expressaram o poder das novas tecnologias, em que a história individual adquiriu o *status* da dimensão global e os diferentes mundos puderam ser vivenciados e compartilhados nas cidades. Para fechar a cena, o DJ falou da era da velocidade, da explosão demográfica, das possibilidades que a cidade ofereceria a cada esquina, a cada tentativa, reafirmando o global.

Foto 10 – Cenografia da peça *Fuck you, baby*.
Fonte: Grupo de teatro Cemitério de Automóveis/SP- 2000

Sacha arriscou-se e seguiu seu itinerário. No próximo evento, o lugar que ela se deparou foi à fábrica. O trabalho representou para ela uma de suas opções nesta

pdfMachine
A pdf writer that produces quality PDF files with ease!
Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click “print”, select the “Broadgun pdfMachine printer” and that’s it! Get yours now!

nova fase da vida. Ela conheceu o tema pelo discurso do Patrão que apresentou o poder pelo poder, a divisão de classe, a exploração da *mais valia*. Os funcionários, nesta fábrica, trabalhavam de modo intermitente com suas máquinas de escrever enquanto o "chefe" discursava seus propósitos. A instituição de trabalho assegura aos indivíduos o *status* social de poder, estabilidade e moradia, como conseqüência também o lazer e o acesso aos bens materiais. Porém, esse devir social é extremamente ambíguo, pois à margem da sociedade existem grupos de desempregados e excluídos.

Na fábrica, Sacha Filha encontrou trabalhadores que precisaram vender sua força de trabalho e, por isso, se tornaram uma mercadoria como qualquer outra do comércio. Nessa lógica, o tempo significa dinheiro e trabalho. Para os trabalhadores, o tempo tornou-se mecânico, repetitivo e disciplinado pelas tarefas, evidenciando que eles internalizaram um relógio moral. A exploração de um homem pelo outro, o uso das máquinas, as longas jornadas de trabalho e a divisão do trabalho fizeram com que os trabalhadores fossem homogeneizados e perdessem seu caráter individual. Eles são representados na peça como um apêndice da máquina e organizados em tropas disciplinadas, mal remuneradas, que podem ser usadas de acordo com a sua idade e sexo, vigiadas constantemente por supervisores e gerentes e pelo burguês.

Bortolotto, dessa forma, desnudou os antagonismos existentes entre o capital e o trabalho assalariado e a alienação do trabalhador, que são reduzidos a não existência. Não são operários que lutam, resistem ou emancipados que o dramaturgo representa. O objetivo foi politizar a Sacha Filha e colocá-la a par dos mundos do trabalho, da exploração, da mecanização e do consumo. Ou seja, ao explicitar os excessos do maquinismo, da produção em série e da exploração, ele criou uma consciência política na personagem, o que sua limitada vivência de mundo não permitiu que ela conhecesse.

Sacha Filha seguiu adiante pela cidade e se deslocou, atravessando ruas, conhecendo novos lugares. Diante de tantas possibilidades, Sacha Filha desejou construir algo que ela ainda não tinha muita certeza. Sacha Filha preferiu o anonimato e declarou: "To a fim de falar, mas optei por viver... antes. Me defini pelo anonimato do experimento à celebridade dos escritores de manuais" (BORTOLOTTO, 1997). Pelo caminho encontrou um templo religioso, que inseriu o

pdfMachine
A pdf writer that produces quality PDF files with ease!
Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click "print", select the "Broadgun pdfMachine printer" and that's it! Get yours now!

pluralismo religioso, os trânsitos religiosos e disputas pelo mercado religioso. Bortolotto retratou as mudanças de posicionamento das pessoas diante do campo religioso. Representou que as escolhas são pessoais e os indivíduos compõem sua religião ao transitar por várias religiões. Ou seja, agregam objetos de diferentes crenças religiosas.

Fuck you, baby retratou as transformações no espaço urbano, o encurtamento das distâncias, o aumento dos fluxos demográficos e a variedade de opções religiosas e de sincretimos. Em sua busca, Sacha Filha deparou-se com essas opções em um templo religioso em que se apresentou uma disputa acirrada pela sua escolha entre as diferentes opções. Neste evento, a personagem Sueli apresentou a abertura do I Congresso Mundial de Misticismo em Geral. A religião foi tematizada como um negócio como qualquer outro. As ofertas apareceram propostas como ilimitadas, sempre ao gosto do freguês. Bortolotto ironizou a disputa pelo mercado religioso e a forma como a salvação é negociada pelas religiões, que vendem esse bem como um produto a ser consumido.

Sabe-se que a religião é um laço social à medida que liga as pessoas umas as outras por aquilo que as atrai e cria uma rede complexa de sentidos por meio das alianças seladas, cada qual com seus signos. As cidades reúnem novas agregações e novos grupos primários os quais Maffesoli (2006, p. 147) irá denominar de tipo-seita, que tendem a restaurar a eficácia simbólica. Cada vez mais se multiplicam os templos que se localizam em diferentes espaços. As pregações são mediadas por programas de rádio e TV do próprio segmento religioso proporcionando aos adeptos as trocas de vivências religiosas e a identificação dos problemas e “milagres”.

As teias sociais e as relações produzidas no sistema capitalista conectam os indivíduos a diferentes lugares e possibilitam a desconstrução de valores sociais, como ainda a re-significação de outros e também suscita a busca pela novidade. Sacha Filha, em meio a tal complexidade, foi conduzida ao templo religioso por um pastor que é representado pela personagem Charles Maison cuja identidade é tão ambígua cujas intenções. Ele tenta persuadi-la e para isso lhe mostra que o templo pode oferecer opções variadas e a deixa com os pregadores para que estes a convençam: de um lado, o protestante convicto Calvino e, de outro, a eclética Sueli. A discussão que se seguiu foi bombástica, pois tratou de assuntos, como guerra nuclear, fim do mundo, receitas de cura, teorias religiosas, macumba. Diante disso,

pdfMachine
A pdf writer that produces quality PDF files with ease!
Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click “print”, select the “Broadgun pdfMachine printer” and that’s it! Get yours now!

Sacha Filha ficou um pouco confusa, desconfiada, decidiu pensar sobre o assunto e resolveu partir, já que seus propósitos eram de descoberta e não de acabar com tudo, como afirmou. Por isso, ela deixou os pregadores e seguiu pelas ruas da cidade em busca de outras opções, de outras vivências (BORTOLOTTO, 2006).

Do outro lado da cidade, os pais continuaram a busca de pistas sobre o paradeiro da filha, quando decidiram ir à Delegacia de Polícia fazer um boletim de ocorrência. O clima foi tenso no local mesmo para uma delegacia em um bairro nobre que foi apresentado na peça teatral como um lugar de barganha e de corrupção. Num primeiro momento, os pais registraram a queixa do desaparecimento de Sacha Filha com o sentido de acompanharem as investigações. O delegado pediu descrições da filha ao casal que não conseguiu detalhar nada de concreto, pois ironicamente não a conheciam bem. Dessa forma, ele sugeriu que a garota estivesse trabalhando em alguma boate de show de *strip-tease* e *trotoir* da cidade. Sacha Pai não gostou nada das afirmações negativas do delegado em relação à filha. O Delegado, por sua vez, assediou Sacha Mãe que correspondeu imediatamente. Sacha Pai reprovou a atitude dela e do delegado. A tensão aumentou quando o delegado afirmou que Sacha Mãe era uma “piranha”. Sacha Pai a defendeu dizendo que ela era uma dama e não deveria ser tratada daquela forma.

Em seguida, Sacha Pai e Sacha Mãe continuaram percorrendo a cidade em busca de informações, sobre a filha. A delegacia de polícia representou a instituição carcerária falida, um lugar de trânsito, de corrupção, de moradores de rua, e também de prostitutas, dependentes químicos, assaltantes, assassinos, estupradores e até menores de idade infratores. A precariedade das instituições se evidenciou no decorrer da trama: família, religião, trabalho, delegacia, por exemplo. A conduta do delegado reforçou essa tendência ao ter declarado ao Sacha Pai que sua mulher já deveria ter tido relações sexuais com ele e com os outros “rapazes” do próprio distrito. Insinuou ainda que a filha do casal Sacha Pai e Sacha mãe devesse estar fazendo o mesmo pelas ruas da cidade a exemplo da mãe. Bortolotto apresenta o serviço público de proteção como falido e corrupto. O casal não teve opção a não ser recorrer a um detetive.

Enquanto isso, em outro espaço da cidade, as personagens Pepsi e Coca, dois adolescentes, assistiam à TV na casa de Pepsi. Este adolescente representou pertencer à classe alta dispondo de todos os recursos tecnológicos disponíveis no

pdfMachine
A pdf writer that produces quality PDF files with ease!
Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click “print”, select the “Broadgun pdfMachine printer” and that’s it! Get yours now!

mercado e o acesso aos bens de consumo de luxo, como televisão *stereo sound* a cabo com antena parabólica, *internet*, roupas de *griffe*, bonecas infláveis e acesso aos shows de *strip-tease* nas boates sofisticadas da cidade. Enquanto isso o amigo Coca assistia a um programa de economia pela TV mono *telefunken* com antena interna e demonstrou se emocionar com as alterações do mercado financeiro. Ele mudou logo de humor ao ser convidado pelo amigo Pepsi para ver umas garotas na boate. Coca por ser de classe média baixa não perdia a oportunidade de estar com o amigo para compartilhar os objetos de consumo que não teria acesso, tanto tecnológicos, como as idas a casas de prostituição e, dependendo do humor do amigo rico, até mesmo umas idas ao *Shopping Center* para fazer umas "comprinhas". A amizade entre ambos mostrou-se motivada por interesses comuns, como suprir carências afetivas, superar a solidão e, por parte de Coca, o acesso aos produtos de luxo.

Para celebrar a amizade, o estar-estar junto, Pepsi decidiu "pegar umas garotas" em uma boate de *show* de *striper-tease* e convidou Coca para ir. Uma das condições de Pepsi seria que as garotas deveriam ser do seu nível social e usar vestidos de *griffe* de sua marca preferida. De acordo com Maffesoli (1996, p. 28-30), o prazer de estar junto é uma idéia obsedante na contemporaneidade. A base que constitui o pertencimento será então a emoção estética traduzida a partir de elementos "objetivos": trabalho, ação militante, festas grupais, uniformes, ações de caridade, etc., que serão apenas pretextos que legitimam a relação de outrem.

A boate de *strip* representada em *Fuck you, baby* é o lugar em que mulheres e travestis de luxo se prostituem. A personagem Messalina Mescalina, uma transformista, fez seu show para entreter o público enquanto um narrador apresentava a *performer*. Sacha Filha entrou na boate para conhecer o lugar e entrou no palco sendo 'confundida' com uma garota de programa pelos dois jovens. Em seguida, foi convidada por eles a ir à casa do Pepsi, para uma provável orgia na "casa toda rosa-choque decorada com gravuras pós-modernas". No percurso Pepsi e Coca tentaram estuprar Sacha Filha rasgando suas roupas e mordendo seu corpo. Nesse momento, foram surpreendidos pelos bárbaros Atila II e Teodorico que estupram Pepsi e Coca. Sacha Filha desvendou os diferentes mundos da prostituição, do sexo, do consumo, da corrupção, da discriminação e da violência.

pdfMachine
A pdf writer that produces quality PDF files with ease!
Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click "print", select the "Broadgun pdfMachine printer" and that's it! Get yours now!

Enquanto Sacha Filha esteve exposta às imprevisibilidades da rua, os pais a procuraram nas delegacias de polícia. Em seguida, Sacha Mãe decidiu se encontrar com o investigador Eros Volúpia que marcaram um encontro para conversar sobre as circunstâncias da fuga de sua filha, seu possível paradeiro, e o valor cobrado pela prestação de serviços. Ambos caminharam pelas ruas da cidade ao mesmo tempo em que discutiam sobre o desaparecimento de Sacha Filha, seu comportamento incomum e de pistas que permitissem localizá-la. A cidade ficcional de Bortolotto foi traçada por ruas e avenidas que se interligaram e permitiram uma proximidade geográfica. Os habitantes puderam circular e relacionar-se entre si. As personagens se entrecruzaram, trombaram, como não poderia deixar de ser num grande centro urbano onde as pessoas se encontram de forma inusitada em situações que emergem e geram novidades.

Foto 11 – Cena de rua da peça *Fuck you, baby*.
Fonte: Grupo de teatro Cemitério de Automóveis/SP- 2000

Enquanto isso a fúria de Teodorico e Atila II, voltou-se contra Sacha Filha. O clima tornou-se tenso quando Teodorico arrasta Sacha Filha que foi desabafando suas intenções de estuprá-la e as atrocidades já cometidas por ele e por seu parceiro Atila II. Bortolotto, com esses personagens, procurou ilustrar a tribalização da sociedade contemporânea. Eles pertenciam a um fã clube do cantor Fábio Júnior. Ao romperem com esse grupo, ingressaram noutro de adoradores da música *pop*. Para apagar a imagem anterior e para serem aceitos na nova tribo de bárbaros,

pdfMachine
A pdf writer that produces quality PDF files with ease!
Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click “print”, select the “Broadgun pdfMachine printer” and that’s it! Get yours now!

ambos deveriam comprovar, como rito de iniciação, que eram capazes de praticar atos de violência. Atila II entrou em cena e intimou Teodorico para saber se este já havia estuprado Sacha Filha. Como ele não tinha estuprado, Atila II a estuprou. Sacha Filha a essa altura foi arremessada no chão e reagiu de modo confuso, tentou se organizar enquanto os dois pareciam ignorá-la. Posteriormente, eles vivenciaram sentimentos extremos de um saudosismo do antigo fã clube de adoradores de Fábio Júnior ao qual pertenciam.

Esse pontilhar que delineia a matriz grupal enuncia a formação de tribos que são decorrentes do processo de massificação intenso. Este, por sua vez, irá operacionalizar os modos de organização dessas tribos que partilharão os mesmos valores de formas diferentes. Ao mesmo tempo, estas tribos se atraem, se chocam, se repelem e o efeito é sempre plural e movediço. Atila II e Teodorico revelaram, de maneira cênica, a oposição às dimensões políticas e ideológicas anteriores, e a criação de novas sociabilidades. A emergência desses grupos, como os bárbaros Atila II e Teodorico, é acompanhada de atitudes chocantes, do inusitado, daquilo que desconcerta. A agressividade expressa uma forma de resistência que camufla suas inseguranças pessoais, como, por exemplo, assumirem suas preferências, o lugar que moram, o nome dos pais, a idade. Essa fluidez de identidades também é acompanhada de estruturas psicológicas perversas, em que a violência atinge um nível de normalidade. Aquele que é agredido, violentado, seja moral ou fisicamente, sente-se no direito de agir da mesma forma. Enfim, nessa aventura pela cidade, Sacha Filha pôde adquirir outras vivências das quais ela nem teria imaginado viver quando estava em seu quarto. Nesse novo cenário, conheceu novas tribos e conflitos: a exploração econômica, a insegurança, a violência, as novas sociabilidades, a imprevisibilidade das ruas.

Mafessoli (2004, p. 52-53), ao analisar o barbarismo, faz uma paráfrase de Arthur Rimbaud, poeta maldito francês, que afirmou que “chegou o tempo dos assassinos”, do apocalipse alegre, que derrubaria os valores econômicos do “burguesismo”. Os bárbaros encontram, nesse contexto, o sentido da consolação na própria tragédia e não mais nas temáticas emancipatórias judaico-cristãs. Estas não mais afetam, harmonizam, garantem, e a máxima é “deixa rolar”. Mafessoli faz uma analogia do barbarismo, como os de Atila II e Teodorico, com os jovens dos anos

pdfMachine
A pdf writer that produces quality PDF files with ease!
Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click “print”, select the “Broadgun pdfMachine printer” and that’s it! Get yours now!

1960-1970. Ele destaca a alienação e o descompromisso das novas tribos. Para o referido autor, os jovens do referido período histórico,

> [...] contestavam o poder dos mais velhos para tomar o seu lugar, os jovens bárbaros de nossas cidades não votam, não se inscrevem nas listas eleitorais. Eles opõem às injunções adultas e passividade dos fumantes, despertando apenas por alguns instantes em brincadeiras violentas com a polícia. O bem deixou de ser a meta única. Já não passa de um elemento entre muitos outros. A parte do diabo tem aí o seu lugar. Sua expressão é o paganismo ambiente.

Para Átila II e Teodorico, a própria violência os aproximou e os encorajou. Nota-se que essas tribos são reinvenções e, mesmo que efêmeras, dão condições de exercitar a troca das máscaras, de esconder à insegura, por aquela que dê segurança, até serem aceitos. Após o estupro os dois jovens decidiram voltar para a antiga tribo que pertenciam, a de fãs do Fábio Junior. A cidade, cenário de *Fuck you, baby*, descortinou esse aspecto movediço das personagens e das dinâmicas sociais que os lugares promovem. Desta forma, os indivíduos/*personas* trocam, experimentam suas máscaras e vão constantemente reinventando seus itinerários. Cada pessoa que passa e atravessa o espaço da cidade recria sua própria existência de diferentes modos diante das circunstâncias e das identificações.

Após o estupro, Sacha Filha foi surpreendida por uma policial feminina que teria observado a cena. Ela entrou em cena e arrastou Sacha Filha que tentava se recompor após o estupro. A garota foi levada para delegacia de polícia a fim de prestar esclarecimentos. Sacha Filha tentou dizer à Policial que era virgem, o que não a convenceu, e que o fato teria sido apenas uma experiência. Sacha Filha mostrou-se conformada, afinal ela havia perdido sua virgindade anteriormente com uma “caneta Futura”.

A Policial acompanhou Sacha Filha até o cárcere. Enquanto isso Sacha Pai foi até a delegacia falar com o delegado sobre o paradeiro de Sacha Filha. O delegado posicionou-se de modo sarcástico. Sacha Pai perguntou se ele a procurou nas igrejas, conventos, mosteiros dando indicativos de que a filha tinha vocação para o exílio voluntário. O delegado, por sua vez, insinuou que ela deveria ter mesmo é caído na vida. O delegado reforçou que a realidade da delegacia é caótica, que ali não apareciam “anjos”, mas “diabos” de “tridentes e rabos pontudos”. A instituição falida dos sistemas carcerários foi reforçada pela fala final do delegado

pdfMachine
A pdf writer that produces quality PDF files with ease!
Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click “print”, select the “Broadgun pdfMachine printer” and that’s it! Get yours now!

quando este se despediu de Sacha Pai dizendo que se esforçaria mais nas buscas se pagassem “donativos na seqüência” tão logo ele localizasse a adolescente. Enquanto ele saiu por uma das portas, por outra, entrou Sacha Filha toda rasgada com a Policial que descreveu ao delegado a cena do estupro.

Sacha Filha foi encarcerada na delegacia enquanto aguardava notícias de seus pais, mas não foi o que aconteceu. Ela recebeu uma ligação de Eros Volúpia que de fato a encontrou, mas, ao invés de levá-la aos seus pais, convidou para ir a um bar. Para sair da delegacia, Eros Volúpia subornou os carcereiros que a deixaram sair.

Em liberdade, novamente pelas ruas da cidade, caminharam Sacha Filha e Eros Volúpia em direção a um bar, que se tratava de outro lugar de sociabilidade, de circulação, onde as teias sociais se organizam em tribos/grupos e a performatividade é evidenciada. A necessidade de pertencimento faz com que os indivíduos/*personas* busquem nesses lugares a convivialidade, com os outros e consigo mesmo. O bar é um lugar em que se pode conversar com alguém, é local de ponto de encontro e de descontração. Para Mafessoli (1996, p. 60), nesses lugares há sempre a

> circulação da palavra que, em geral, acompanha a circulação do alimento e da bebida. [...] Beber junto, jogar conversa fora, falar dos assuntos banais que pontuam a vida de todo dia provocam o ‘sair de si’ e, por intermédio disso, criam a ‘aura específica que serve de cimento para o tribalismo’.

O bar é o lugar em que se reencontraram os pais e a filha. Eros Volúpia foi quem convidou o casal a sentar-se à mesa e juntar-se a eles. Enquanto conversavam, os pais e a filha não se reconheceram. Sacha Mãe e Eros Volúpia, como velhos amantes, conversaram, flertaram e saíram de cena. Na mesa, olharam a situação Sacha Pai e Sacha Filha que ficaram a sós. Ambos falaram de sexualidade, momento em que emergiu o desejo entre ambos. Dessa atração, decorreu o incesto. Bortolotto, ao tematizar a família em *Fuck you, baby*, abordou as novas sexualidades e conjugalidades onde seria possível um casal não ter relações sexuais e constituírem uma família feliz. Além disso, de serem estranhos uns para os outros.

Ao final da peça, reapareceu a personagem *DJ* que em sua fala narrou o quanto Sacha Filha foi transformada em decorrência de seu itinerário e de suas

pdfMachine
A pdf writer that produces quality PDF files with ease!
Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click “print”, select the “Broadgun pdfMachine printer” and that’s it! Get yours now!

vivências. Assim, o que ela viu não a surpreendeu mais. O subterrâneo das cidades do mundo contemporâneo, das ruas, lhe mostrou diferentes tribos/grupos e paradigmas da sociedade que fizeram parte de sua livre escolha, de sua identificação com pessoas e lugares no espaço da cidade. Desse modo, ela pôde ampliar o seu olhar e vivenciar experiências que eram desconhecidas devido à segregação em sua casa.

Ironia sublime, tragédia real, o incesto foi colocado de modo possível e feliz. Ficou em aberto ao leitor/expectador outro olhar sobre a situação. Para este, poderá ocorrer o entendimento que se tratou de um final infeliz do ponto de vista que os pais não reconheceram a própria filha, e para outros, assim como para o próprio autor, um final feliz a partir do momento que ambos se realizaram sexualmente independente das relações de sangue ou familiares. Com isso, os vínculos foram desconstruídos e rearranjados em novas circunstâncias das vivências das personagens e dos lugares atravessados por elas. Bortolotto na peça deixou em aberto que a história continua e segue em outras direções e em outros sentidos, para as novas trajetórias de Sacha Filha, afinal, foi aconselhada pela personagem *DJ* Dani – Dândi "não deixem que te parem nunca" (BORTOLOTTO, 1997).

A família Sacha, como resultado das experiências e das relações vivenciadas, se transformou, tendo em vista que Sacha Filha se desprendeu das amarras e dos véus que não a deixavam ver os mundos. O caminho que percorreu para descobrir os mundos e a si própria foi longo e tortuoso. A tentação de descobrir o que era desconhecido foi acompanhada pelo interesse de aproveitar o que descobriu. Foi o resultado de um procedimento investigativo que colocou em evidência o novo. Seu olhar se debruçou sobre tudo, aumentando ao longo da trama sua curiosidade e excitamento. Na ânsia de dar conta desses novos mundos, tentou ouvir, tateio-os para conhecer suas formas e cheirou-os para encontrar as diferenças. Enfim, a infinidade de mundos tornou-se um desafio que a estimulou em todos os sentidos. No final da jornada, seus pais não a reconheceram, pois ela não era mais a mesma.

As personagens de Bortolotto se apresentaram todas corrompidas e degradadas. A sociedade e as instituições foram apresentadas como falidas, decadentes e que não cumprem mais o seu papel. Esse aspecto, abordado pelo autor na peça, foi teorizado por Deleuze (1992, p. 220),

pdfMachine
A pdf writer that produces quality PDF files with ease!
Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click "print", select the "Broadgun pdfMachine printer" and that's it! Get yours now!

> Encontramo-nos numa crise generalizada de todos os meios de confinamento, prisão, hospital, fábrica, escola, família. A família é um "interior", em crise como qualquer outro interior, escolar, profissional, etc. Os ministros competentes não param de anuncia reformas, supostamente necessárias. Reformar a escola, reformar a indústria, o hospital, o exército, a prisão; mas todos sabem que essas instituições estão condenadas, num prazo mais ou menos longo. Trata-se apenas de gerir sua agonia e ocupar as pessoas, até a instalação das novas forças que se anunciam. São as sociedades de controle que estão substituindo as sociedades disciplinares.

Bortolotto, em *Fuck you, baby*, percebeu as transformações que a sociedade passava desde 1980: a de que "vivemos cada vez mais em meio a uma enorme colagem". Ou seja, a profusão de acontecimentos que nos chegam velozmente de vários locais, próximos e distantes. As migrações simbólicas e uma variedade de tradições de várias partes dos mundos estão cada vez mais presentes no cotidiano. Por fim, mundos compostos por uma "imensa montagem das diferenças justapostas" (GEERTZ, 2001, p. 83-84).

pdfMachine
A pdf writer that produces quality PDF files with ease!
Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click "print", select the "Broadgun pdfMachine printer" and that's it! Get yours now!

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Derrida (2005, p. 7) considera que o texto sempre oculta num primeiro olhar "a lei de sua composição e a regra de seu jogo". Por isso, considera que a dissimulação da textura poderá levar séculos para desfazer suas camadas. Leitura e escritura se encontram em diferentes posições em relação ao autor e ao interpretante. O deslocamento, o descentramento em relação à intenção do autor, quer a seu gosto ou não, é submetido ao *phármakon*, como "mistura e impureza", ao agir como ameaça à pureza interior. Segundo o referido autor, "a escritura deve, pois tornar-se novamente o que ela nunca deveria ter deixado de ser: um acessório, um acidente, um excedente" (DERRIDA, 2005, p. 77).

Exauridos então de pré-concepção em relação ao autor, ao texto e ao leitor, é possível mergulhar na textura do texto e buscar as pistas deixadas pelo autor. As ambigüidades, a polissemia dos signos lingüísticos expressos nos diferentes usos da palavra, que conferem singularidade criativa ao texto. *Fuck you, baby* é um exemplo, revela o olhar arguto de Bortolotto sobre a sociedade no momento da escritura, ou seja, na década de 1980. O espaço urbano da megalópole é o cenário por onde trafegam as personagens num mundo cada vez mais globalizado, híbrido e de muitas referências que se traduzem nas novas sociabilidades, conjugalidades e afetividades e nas tribos efêmeras.

Bortolotto aprendeu a ler em revistas em quadrinhos (HQ) herdadas por um tio. Esta relação lhe despertou para a leitura e para a produção das primeiras edições de revistas em quadrinhos que recebiam a sigla do seu nome MB. Essas foram as suas primeiras referências, e que na juventude, estendeu-se e ampliou-se para outros autores da literatura *beatnick,* poesia urbana. Além destas, Bortolotto compunha, junto com outros poetas e artistas de Londrina, a semeadora de um movimento artístico que iria se consolidar futuramente. Com a necessidade de criar

pdfMachine
A pdf writer that produces quality PDF files with ease!
Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click "print", select the "Broadgun pdfMachine printer" and that's it! Get yours now!

uma linguagem que lhe fosse própria Bortolotto fundiu às suas impressões da realidade, a linguagem da literatura *beat*, o gosto pela música (rock e blues) e pelo cinema. Deste modo, emergiu o teatro de Bortolotto, um teatro de muitas referências e que privilegia os derrotados e não os grandes heróis da história. As pessoas comuns, as que lutam para sobreviver, as que se arriscam nas esquinas de um grande centro urbano, as que se corrompem. Uma mistura de poesia urbana com teatro ao estilo de Bukowski.

A criação contemporânea, como a de Bortolotto, se inscreve em um teatro de ruptura que foi uma tendência da literatura *beat* e que no teatro ficou evidenciado pelo movimento do teatro do absurdo. Os temas tornam-se variados, a palavra foi desconstruída e deixou de privilegiar a busca pela verdade. A livre expressão na produção de textos e dos produtores teatrais deu lugar à experimentação de diferentes linguagens, como a imagem, a criação coletiva, de modo que o lugar do autor é abalado. Na contemporaneidade, diferentes interpretações são possíveis diante da obra que se apresenta ao leitor e a ditadura da autoria se diluiu. Bortolotto, ao contrário, insiste em defender o sentido impresso por ele na escritura. Assim, todas as leituras são criticadas e não reconhecidas como legítimas.

Em *Fuck you, baby,* a linguagem revelou-se em tons irônicos, sarcásticos e as preocupações vivenciadas na década de 1980 de Bortolotto. A trama retratou o itinerário da personagem Sacha filha e o seu desafio de sobreviver numa cidade que ela conhecia apenas virtualmente. Foram os elementos simbólicos do universo multimídia: a internet, o satélite, a TV, os eletroeletrônicos, as roupas de *griffe* que nortearam seus valores e lhes deram as referências. Faltava-lhe a experiência que somente ela poderia vivenciar.

Cada cena correspondeu a um quadro por onde as personagens atravessaram diferentes lugares do espaço urbano da cidade: a casa, a rua, a boate, as instituições (fábrica, templo), a delegacia e o bar. As identidades das personagens representaram os pertencimentos, as identificações múltiplas, as comunhões em relação às multiplicidades musicais, sexuais, esportivas, políticas, religiosas e ideológicas.

pdfMachine
A pdf writer that produces quality PDF files with ease!
Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click “print”, select the “Broadgun pdfMachine printer” and that’s it! Get yours now!

A peça retratou a história de Sacha filha “um Colombo contemporâneo de saias, um Salomão pós-moderno” que saiu de casa para descobrir os mundos. As transformações de Sacha filha forma desencadeadas por circunstâncias inóspitas vivenciadas no centro de uma grande cidade. Os conflitos urbanos vivenciados por ela estilizaram um modo de vida social capitalista globalizado. Deste modo, os pertencimentos aos grupos e os vínculos sócio-afetivos foram constantemente reinventados. O mundo globalizado em *Fuck you, baby* trouxe à tona a imprevisibilidade das cidades, a linguagem das ruas, a violência urbana, o convívio com outros mundos fora da casa dos pais. Além disso, outros temas foram abordados, como a falência das instituições; as reinvenções religiosas, os sincretismos, as transformações dos espaços urbanos quanto ao encurtamento das distâncias e o aumento dos fluxos demográficos. Desse modo, as personagens compartilharam uma pluralidade de experiências e identidades ajustando suas máscaras umas com as outras.

Em *Fuck you, baby*, a degradação moral e física atingem todas as personagens. Sacha filha, após sua saída do lar, onde esteve protegida, também foi envolvida por essa decadência, em mundo sem esperança. O olhar de Bortolotto é, nesse sentido, um protesto e uma crítica ao mundo globalizado. O tom pessimista foi reforçado pela falta de perspectivas, pela crueldade das personagens e pelas escolhas que fizeram. Todas foram corrompidas no final da trama. A estética realista do autor revelou, dessa forma, seu olhar negativo sobre as transformações ocorridas na supermodernidade. Para Mafessoli (2006, p. 233), a “vida social é como uma cena onde, por um momento, operam cristalizações. E a peça, então, pode acontecer. Mas, uma vez representada essa peça, o conjunto se dilui até que surja uma outra nodosidade.”

Com *Fuck you, baby* foi possível incursionar pela realidade contemporânea vivenciadas por todas as pessoas nas cidades e perceber na riqueza do cotidiano, a efervescência das tribos, assim como os sentimentos compartilhados no caos urbano em que se entrecruzam e chocam diferentes *personas* e eventos a todo instante. Em suma, como um autor polêmico, Bortolotto influenciou e ainda influencia novos escritores, atores e diretores com seu modo contundente e agressivo de

pdfMachine
A pdf writer that produces quality PDF files with ease!
Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click “print”, select the “Broadgun pdfMachine printer” and that’s it! Get yours now!

escrita, que sempre guarda novas descobertas para os leitores, público e pesquisadores.

Para finalizar, deve-se ressaltar que esse texto não é conclusivo nem tece uma narrativa totalizante. Assim, novos olhares ainda podem ser lançados para analisar *Fuck you, baby*, de Mario Bortolotto, uma vez que, assim como um *iceberg*, possui apenas uma pequena superfície exposta e um imenso espaço imerso subjacente, aonde se chega construindo um sentido para os implícitos.

pdfMachine
A pdf writer that produces quality PDF files with ease!
Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click “print”, select the “Broadgun pdfMachine printer” and that’s it! Get yours now!

REFERÊNCIAS

OBRAS REFERENDADAS

AQUINO, R. S. L. de; FRANCO, D. de A. F.; LOPES, O. G. P. C. **História das sociedades:** das comunidades primitivas às sociedades medievais. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1980.

AUGE, Marc. **Por uma antropologia dos mundos contemporâneos.** Tradução de Clarisse Meireles e Leneide Duarte. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

_____. **Não lugares:** introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas/SP: Papirus, 1994.

BALL, David. **Para trás e para frente:** um guia para leitura de peças teatrais. Tradução de Leila Coury. São Paulo: Perspectiva, 2005.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e Ambivalência**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

BARTHES, Roland. **Aula 7**. Ed. Tradução e posfácio de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultriz, 1997.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1998. 2ª impressão. 2003.

CARLSON, Marvin. **Teorias do Teatro:** estudo histórico-crítico, dos gregos à atualidade. Tradução de Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997.

CECÍLIA, Mauro Santa. O Pós-moderno e o Teatro Brasileiro nos anos 80. Instituto Nacional de Artes Cênicas. Ministério da Cultura. **Cadernos de Teatro**, RJ., Gráfica Editora do Livro TODA, n. 115, julho, ago. e set. de 1998.

CHARAUDEUAU, Patrick; MAINGUENEUAU, Dominique. **Dicionário de Análise do Discurso.** Coordenação de Tradução Fabiana Komesu. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural**: entre práticas e representações. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988.

_____. Prefácio. In: **Práticas de Leitura**. Sob a direção de Roger Chartier: uma iniciativa de Alain Paire. Tradução de Cristiane Nascimento. Introdução de Alcir Pécora. 2°ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

pdfMachine

A pdf writer that produces quality PDF files with ease!

Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click “print”, select the “Broadgun pdfMachine printer” and that’s it! Get yours now!

COMPAGNON, Antoine. **O Demônio da Teoria**: literatura e senso comum. Tradução de Cleonice Paes Barreto Mourão e Consuelo Fortes Santiago. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

DERRIDA, Jacques. **A Farmácia de Platão.** Tradução Rogério Costa. 2. ed. São Paulo: Iluminuras, 1997.

GEERTZ, Clifforf. **Nova luz sobre a antropologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2001.

HALL, Stuart. **A identidade e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG, Brasília, representação da UNESCO no Brasil, 2003.

_____. **A identidade Cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. 9. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

HUNT, Lynn. **A Nova História Cultural.** Tradução de Jefferson Luís Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

LIMA, Lana Lage da G.; HONORATO, Cezar Teixeira; CIRIBELLI, Marilda Corrêa; TEIXEIRA DA SILVA, Francisco C. **História & Religião.** Rio de Janeiro: FAPERJ, Manuad, 2002.

MAFESSOLI, Michael. **No fundo das aparências**. Tradução de Bertha Halpern Gurovitz. Petrópolis: Vozes, 1996.

_____. **O Tempo das Tribos:** o declínio do Individualismo nas sociedades pós-modernas. Tradução de Maria de Lourdes Menezes; tradução do anexo e do prefácio Débora de Castro Barros. 4. ed. Rio de Janeiro: Edit. Forense Universitária.

_____. **A Parte do Diabo**. Tradução de Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Record, 2004.

MATTOS, Marlise. **Reinvenções do vínculo amoroso:** cultura e identidade de gênero na modernidade tardia. Belo Horizonte/MG: Ed. UFMG; Rio de Janeiro, IUPERJ, 2000.

MATTOSO, Glauco. **O que é Poesia Marginal**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

MARIN, Jerri Roberto. Sonhos e Pesadelos: vínculos afetivos e solidão na contemporaneidade. In: BORGES, F. T. de M.; PERARO, M. A. (Org.). **Sonhos e Pesadelos na História**. Cuiabá/MT: Carlini & Caniato, EFMT, 2006.

PALLOTTINI, Renata. **Dramaturgia:** construção do personagem. São Paulo: Ática, 1989.

PAVIS, Patrice. **Análise dos Espetáculos.** Tradução de Sérgio Sálvia Coelho. São Paulo: Perspectiva, p. 2005.

REIS, Carlos. A narrativa literária. In: _____. **O conhecimento da literatura**. Coimbra: Almeida, 1999.

pdfMachine
A pdf writer that produces quality PDF files with ease!
Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click “print”, select the “Broadgun pdfMachine printer” and that’s it! Get yours now!

REWARD, Rubens. **Caos e Dramaturgia.** São Paulo: Perspectiva/ Fapesp, 2005.

RYNGAERT, Jean-Pierre. **Introdução a Análise do Teatro**. Tradução de Paulo Neves – Imprenta, São Paulo: Martins Fontes, 1995.

_____. **Ler o Teatro Contemporâneo**. Tradução de Andréa Stahel M. da Silva. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

SANTOS, Milton. **Técnica, espaço, tempo, globalização e meio técnico-científico informacional.** 3 ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

SISCAR, Marcos. **A desconstrução de Jacques Derrida**. São José do Rio Preto/SP: UNESP, [s.d.]

_____. **Trópicos do Discurso**: ensaios sobre a crítica da cultura. Trad. Alípio Correia de Franca Neto. 2. ed. São Paulo: Ed. Universidade de São Paulo, 2001.

VIANNA, Christiane. **Grupo de Teatro Cemitério de Automóveis**, 15 anos. 1982 – 1997. Londrina/PR: Midiograf, 1997.

WOODWARD, Kathryn; SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.); HALL Stuart. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis/RJ: Vozes, 2000.

OBRAS CONSULTADAS

BANN, Stephen. **As invenções da História**: ensaios sobre as representações do passado. Tradução de Flávia Villas boas. São Paulo: Edunesp, 1994.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BOURDIE, Pierre. **A economia das trocas lingüísticas**. São Paulo: Edusp, 1998.

BURKE, Peter. **A escrita da história**: novas perspectivas. São Paulo: Ed. UNESP, 1992.

_____. **Variedades da Historia Cultural**. Tradução de Alda Porto. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

BRAIT, Beth. (Org.) **Baktin, dialogismo e construção do sentido**. Campinas/SP: Editora da UNICAM, 1997.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Consumidores e Cidadãos:** conflitos, multiculturalismo da globalização. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, 1996.

_____. **Culturas Híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: Edusp, 2003.

CARDOSO, Ciro Flamarion; MALERBA, Jurandir Malerba (Orgs.). **Representações**: contribuições a um debate transdisciplinar. Campinas/SP: Papirus, 2000.

pdfMachine
A pdf writer that produces quality PDF files with ease!
Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click “print”, select the “Broadgun pdfMachine printer” and that’s it! Get yours now!

CASAROTTO, Abele Marcos. **O Contestado e os estilhaços da bala**: literatura, história e cinema. Tese de Doutorado. Florianópolis (SC), jul. de 2003.

CHARTIER, Roger. **O mundo como representação e a história entre narrativa e conhecimento.** Tradução de Patrícia Chitoni Ramos. Porto Alegre: EUFRGS, 2002.

_____. **Práticas de leitura**. Tradução de Cristiane Nascimento. 2ª ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

DARTON, Robert. **O Beijo da Lamourette**: mídia, cultura e revolução. São Paulo: Cia das Letras, 1990.

GEERTZ, Cliford. **A Interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1998.

GUINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais**: morfologia e história. Tradução de Frederico Carotti. São Paulo: Cia das Letras, 1989.

GRUZINSK, Serge. **O pensamento mestiço**. São Paulo: Cia das Letras, 2001.

LE GOFF, Jacques. (Org.). **A História Nova**. Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

HUTCHEON, Linda. **Teorizando o pós-moderno**: rumo a uma poética; historicizando o pós-moderno: problematização da história. Tradução de Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

TODOROV, Tzvetan. **Nós e os outros.** A reflexão francesa sobre a diversidade humana. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

WHITE, Hayden. **Meta-história**; a imaginação histórica no séc. XIX. Tradução de José Laurênio de Melo. São Paulo: 1992.

ARTIGOS DE REVISTAS REFERENDADOS

CEIA, Carlos. **Conceito de ambigüidade e ambivalência**. Disponível em: <http://www2.fcsh.unl.pt/edtl/verbetes/A/ambivalencia.htm> Acesso em junho de 2006.

FLORES, Maria Bernadete Ramos; CAMPOS, Emerson César de Campos. Carrosséis urbanos: da racionalidade moderna ao pluralismo temático (ou territorialidades contemporâneas). In: **Revista Brasileira de História**. Cidades. 2007, p. 271-272.

SALOMÃO, Marici. Biblioteca Entre Livros. Teatro Essencial. In: **Teatro Contemporâneo**: após o período da censura o triunfo da diversidade. n. 9, 2007, p. 97.

pdfMachine
A pdf writer that produces quality PDF files with ease!
Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click “print”, select the “Broadgun pdfMachine printer” and that’s it! Get yours now!

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cidades Visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. In: Cidades. **Revista Brasileira de História**, vol. 27, n°. 53, jun. de 2007, p. 11-23.

MALFITANO E ADORNO. Circuito nas ruas: o aspecto micro-estrutural cotidiano. In: **Imaginário.** USP, ANO XII, n° 12, 1° semestre/2006, p. 15-33.

MARIN, Jerri Roberto. Limiares entre História e Literatura em Selva Trágica, de Hernani Donato. In: SANTOS, Paulo S. N. (Org.) **Literatura Comparada**: interfaces e transições. Campo Grande: UCDB/UFMS, 2001.

MELÃO, Gabriela. A Praça é de todos. **Bravo**. São Paulo: Editora Abril, Ano 10, out. de 2007.

OTTMAN. Goetz. Entre a fluidez e a unidade: o que é o local no hip-hop brasileiro? In: **Imaginário**/NIME-LABI, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, n.°7. São Paulo, 2001.

REYES, Paulo Belo. Territorialidades Urbanas: percepções e representações. **Revista Arquitetura**. Vol. 1, n°. 02, Ano 2001, p. 73-80.

SOUZA, Rafael Lopes de. O Movimento hip-hop: a anticordialidade da "República dos Manos" e a estética da violência. In: **Imaginário** – USP, ano XVII, n.° 12 – 1 semestre/2006, p. 251-269.

ARTIGOS DE JORNAL

COELHO, Sérgio Salvia. Bortolotto oferece espelho para a classe média urbana. Folha de São Paulo, 24 jan. 2003. **Ilustrada.** p. E5.

SANTOS, Valmir. Cemitério. Reportagem local. Folha de São Paulo, 24 jun. 2002. **Ilustrada**. Segunda-feira. p. E6.

PAIVA, Marcelo Rubens. *Beat* na Sarjeta. Folha de São Paulo, 24 de ag. 2003. **Ilustrada.** São Paulo. p. E8.

ARTIGOS CONSULTADOS

ARANTES, Luiz Humberto Martins. Quando o teatro tece a trama – apontamentos históricos na dramaturgia de Jorge Amado. **Revista de Historia** – órgão oficial da Associação Nacional de Historia, São Paulo, ANPUHL/Humanistas Publicações, vol. 21, n, 42, 2001.

FERREIRA, Antonio Celso. **História e literatura:** fronteiras móveis e desafios disciplinares. Pós-História, Assis/SP, 04, p. 23-44, 1996.

JUNIOR, Durval Muniz de Albuquerque. **Os 'Maus costumes' de Focault**. Pós-História, Assis/SP, v. 6, p. 67-86, 1998.

pdfMachine
A pdf writer that produces quality PDF files with ease!
Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click "print", select the "Broadgun pdfMachine printer" and that's it! Get yours now!

ARTIGOS ELETRÔNICOS REFERENDADOS

ALVIM, Roberto. **Diário de guerra**: Mário Bortolotto. Disponível em: <http//www.acc.ufrj.br/~confrariadovento/numero2/alvim.htm.> acesso em 07/07/2006.

DUNDER, 2000. A cidade – Personagem da Dança-teatro de Pina Bausch. In: CALDEIRA, Solange Pimentel Caldeira. ANAIS – XXIV Simpósio Nacional de História; **ANPH** – São Leopoldo: Unisinos, 2007, p. 45. - CD ROM.

PEDREIRO, Ranulfo. **Literatura Independente**. Folha de Londrina. 2004. Disponível em: <http://www.ranulfopedreiro.com.br/news.php?cod=352> Acesso em: 05/05/2008.

MANSON, Charles – **The True Story**. Disponível em: <http://www.2violent.com. Acesso em: julho de 2007.

WIKIPEDIA. **Robert Crumb**. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Robert_Crumb. Acesso em: 02/09/2008.

OBRAS LITERÁRIAS REFERENDADOS

BORTOLOTTO, Mário. **Seis peças de Mário Bortolotto –** Medusa de Rayban; Vamos sair da chuva quando a bomba cair; Fuck you, Baby; Fica Frio - Uma Road Peça; Leila Baby *e* O Cara que dançou comigo*.* Vol. I. Londrina/PR: Artrito Art Editorial, 1997.

_____. **Seis peças de Mário Bortolotto** - Postcards de Atacama; Nossa Vida não vale um Chevrolet; Uma Fábula Podre; Curta Passagem - Quatro Pocket Peças; À Queima-Roupa *e* A Lua é Minha*.* Vol II. Londrina/PR: Artrito Art Editorial, 1998.

_____. ***Sete peças de Mário Bortolotto -*** Tempo de Trégua; Getsêmani; Gravidade Zero; Efeito Urtigão; Felizes para Sempre; Diário das Crianças do Velho Quarteirão *e* À Meia-Noite um solo de sax na minha cabeça*.* Vol III. Londrina/PR: Artrito Art Editorial, 2002

_____. **Doze peças de Mário Bortolotto***:* Éramos todos Thunderbirds; Hotel Lancaster; Homens, Santos e Desertores; O Método; Vem pra Chuva, Baby; Os Anjos vão para o Céu; Cocoonings; Será que a gente influencia o Caetano?; Para Alguns a Noite é Azul; Deve ser do caralho o Carnaval em Bonifacio; Fora de Hora *e* Brutal*.* Vol. IV*. Londrina/PR: Artrito Art Editorial,* 2003.

_____. **Gutemberg Blues**: antologia de textos jornalísticos. Londrina/PR: Artrito Art Editorial, 2001.

_____. **Bagana na Chuva**. Jales/São Paulo: Ciência do Acidente, 2003.

pdfMachine
A pdf writer that produces quality PDF files with ease!
Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click "print", select the "Broadgun pdfMachine printer" and that's it! Get yours now!

_____. **Mamãe não voltou do supermercado**. São Paulo: Atrito Art Editorial, 2006.

_____. **Atire no Dramaturgo.** Londrina/PR: Atrito Art Editorial, 2006.

_____; VIANNA, Christiane. **Cemitério em Cena:** Grupo de Teatro Cemitério de Automóveis. Londrina/PR: Artrito Art Editorial, 2007.

_____. Caramba! Eu tenho que discordar! Atire no Dramaturgo. **Blog**. <http://www.atirenodramturgo.zip.net.> 14/02/2008.

_____. Opala Premiado. Atire no Dramaturgo. **Blog.** <http://www.atirenodramturgo.zip.net> 06/05/2008.

BROTHERS Cactus. **Contistas da Roosevelt.** São Paulo: Alaúde Editorial: eraOdito editOra, 2006.

KEROUAC, Jack. **Pé na Estrada**. Trad. de Eduardo Bueno e Antonio Bicar. São Paulo: Abril Cultural, 1986.

OBRAS LITERÁRIAS CONSULTADAS

BUKOWSKI, Charles. **Essa loucura roubada que não desejo a ninguém a não ser a mim mesmo amém**. Tradução de Fernando Koproski. Rio de Janeiro: 7Letras, 2005.

_____.**Hollywood**. Tradução de Marcos Santarrita. Porto Alegre: L &PM, 2001.

_____. 1920-1994. **Os melhores poemas de Charles Bukowski**: edição bilíngüe/tradução Jorge Wanderley, organização e apresentação Márcia Cavendish Wanderley. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

FILHO, Hermilo Borba. **Henry Miller**. Vida e Obra. Rio de Janeiro: José Alvaro, Editor S. A., 1968.

ENTREVISTAS REFERENDADAS

ASSUNÇÃO, Ademir. Poeta e Ficcionista. **Informações sobre Mário Bortolotto.** São Paulo, Satyros – Praça Roosevelt, 10/06/2007. DVD (0:12:40). Entrevista concedida a Paula Regina Alvarenga.

BORTOLOTTO, Mário. **Entrevista com Mário Bortolotto**. Dourados/MS - UNIDERP, entidade proponente UEMS. 04/12/2006. DVD (0:50:00). Entrevista concedida a Paula Regina Alvarenga.

CENABERTA. **Entrevista com Mário Bortolotto**. Disponível em: <http//www.cenalusofona.pt/cenaberta/detalhe.asp?id=181&idcanal=17>. Acesso em: 20/08/2007.

pdfMachine
A pdf writer that produces quality PDF files with ease!
Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click “print”, select the “Broadgun pdfMachine printer” and that’s it! Get yours now!

CHAGAS, Eduardo. Ator. **Informações sobre Mário Bortolotto.** São Paulo, Satyros – Praça Roosevelt, 06/06/2007. DVD (0:08:10). Entrevista concedida a Paula Regina Alvarenga.

D'DUMBRA, Fernanda. Atriz e Produtora Teatral. **Informações sobre Mário Bortolotto.** São Paulo/SP, Livraria da Vila, 01/22/2008. DVD (0:15:20). Entrevista concedida a Paula Regina Alvarenga.

FILHO, João. Poeta e escritor. **Entrevista com Mário Bortolotto.** Salvador/BA. Disponível em: <http://www.germinaliteratura.com.br/peruzadas1_out2005.htm.> Acesso em: Outubro de 2005.

MIRISOLA, Marcelo. Escritor. **Informações sobre Mário Bortolotto.** São Paulo/SP, Praça Roosevelt. 01/26/2008. DVD (0:30:00). Entrevista concedida a Paula Regina Alvarenga.

PEDREIRO. Ranulfo. Literatura. **Entrevista com Christine Viana – Artrito Art Editorial**. Londrina/PN. 23/04/2004. Disponível em:< http://www.ranulfopedreiro.com.br/news.php?cod=352> Acesso em 26/11/2006.

SANTOS, Anselmo 'Bactéria'. Sebo do Bac. **Informações sobre Mário Bortolotto.** São Paulo/SP, Satyros II – Praça Roosevelt, 06/07/2007. DVD (0:10:00) Entrevista concedida a Paula Regina Alvarenga.

SARAIVA, Sandro Eduardo; SILVEIRA, Marici. Mário Bortolotto, um cara que escreve. **ETCETERA** – Revista Eletrônica de Arte e Cultura**.** Disponível em <http//www.revistaetcetera.com.br/15/bortolotto/idex.html>Acesso em: 2/6/2006.

VINHAS, Leonardo. **Entrevista – Mário Bortolotto**. Disponível em: <http//www.screamyell.com.br/literatura/mrio_bortolotto.htm.> acesso em: 9/1/2007.

pdfMachine
A pdf writer that produces quality PDF files with ease!
Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click "print", select the "Broadgun pdfMachine printer" and that's it! Get yours now!

Fuck you, baby

Mario Bortolotto

pdfMachine
A pdf writer that produces quality PDF files with ease!
Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click “print”, select the “Broadgun pdfMachine printer” and that’s it! Get yours now!

(Sacha Pai arruma uma mala e cola etiquetas na mesma)

SACHA MÃE: Para onde você pretende ir?

SACHA PAI: Para Hong Kong

SACHA MÃE: Hong Kong? Hong Kong? Tão Longe? (Quase chorando) E o que voe pretende fazer em Hong Kong?

SACHA PAI: Comprar cartões postais.

SACHA MÃE: Compre cartões postais em Curitiba, em Anapolina, em Feira de Santana, em Aparecida do Norte, No Shopping Iguatemi...

SACHA PAI: Não existem cartões postais como os cartões postais de Hong Kong. (Parte decidido).

SACHA MÃE (caindo-lhe aos pés): Eu lhe imploro, eu lhe suplico... fique, não vá, não vá.

SACHA PAI (dirigindo-lhe um olhar pra lá de congelante): So long my darling. (Pausa para respiração de suspense) So long. (liberta-se da pegajosa mulher e parte intrépido).

SACHA MÃE: (apelando): Sua bicha escrota.

(Ouve-se um barulho de avião. Sacha Pai volta correndo e acompanha o avião que passa no céu, digamos, cinzento. Um pára-quedas salta do avião e cai no palco, ficando embaixo do para-quedas. Sacha Mãe curiosamente se abaixa e levanta cuidadosamente o pano do pára-quedas para ver o que há debaixo do mesmo. É claro que deve haver um pára-quedista. A mulher é puxada para baixo. O misterioso pára-quedista se revela um tarado e traça Sacha Mãe embaixo do pano. Sacha Pai observa visivelmente e cornamente contrariado as evoluções que se sucedem. Sacha Mãe sai debaixo do pano sem fôlego e respirando com dificuldade, cabelo despenteado e visíveis marcas de mordida em indiscretos lugares do corpo. Levanta-se, coloca o soutien no devido lugar e arruma o vestido).

SACHA PAI: (cornamente): Foi bom?

SACHA MÃE: O meu psicanalista come melhor.

SACHA PAI: O seu psicanalista te come? (Pára-quedista sai debaixo do pano e começa a dobrar o pára-quedas enquanto o casal discute).

SACHA MÃE: O meu psicanalista, o veterinário, o monsenhor, o prefeito, o meu professor de informática, o seu irmão caçula vendedor de micro-computadores...

SACHA PAI: Aquele tardado.

SACHA MÃE: Algumas transas ocasionais com a nova empregada e o nosso cachorro de estimação, o Stanislavski.

pdfMachine
A pdf writer that produces quality PDF files with ease!
Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click “print”, select the “Broadgun pdfMachine printer” and that’s it! Get yours now!

SACHA PAI: O que? O Stanislasvki também?

SACHA MÃE: Devo dizer-lhe que é o melhor de todos.

SACHA PAI: Corto-lhe a ração. Maldito vira-lata.

SACHA MÃE: Você não vai fazer nada com os Stanislavski. Tome qualquer medida punitiva contra nosso estimado e fiel, aliás, fidelíssimo, duplamente fiel cão de guarda eu te denuncio ao Dagomir Marquezi e uma centena de pequenos bárbaros ecológicos irados irão disputar a tapa sua cabeça vazia para servir de vaso ornamental para algum tipo de flor exótica em extinção.

SACHA PAI: (explodindo em uma fúria lacrimejante e histérica) Isso é chantagem. Você sabe muito bem que eu adoro o Dagomir Marquezi. Morro de paixão.

SACHA MÃE: Interprete como quiser. Mova um dedo contra o Stanislavski e eu te denuncio implacavelmente.

SACHA PAI: Sua...sua... anor-mal.

SACHA MÃE: (perdendo de vez as estribeiras): Anormal não hein! Anormal que eu nunca transei com animais. Em vinte anos de casados, eu nunca fui pra cama com você, nunca solicitei nenhuma satisfação conjugal de sua parte, e você afinal sabe muito bem que nossa única filha é fruto de uma muito bem sucedida inseminação artificial.

SACHA PAI: (tentando se recompor) : Você não tem que tornar isso púbico, tem?

PÁRA-QUEDISTA (entregando uma mensagem): Uma...mensagem.

SACHA PAI: Obrigado. (Pára-quedista espera, impassível): Você já entregou a mensagem, agora dê o fora, o que diabos está esperando? (Pára-quedista permanece firme em sua posição ainda mais impassível. Sacha Pai cai na real) O que? Você come minha mulher e ainda que gorjeta?

SACHA MÃE: E comeu mal.

SACHA PAI: (para Sacha Mãe): Cala a boca

SACHA MÃE: Só tava querendo fazer justiça.

SACHA PAI: (entrega uma misera moeda ao inconveniente e ruim de cama pára-quedista que impassivelmente permanece ainda mais impassível): Nem mais um centavo. (pára-quedista dá visíveis sinais de insatisfação com todo o seu corpo e só então começa a sair).

SACHA MÃE: O que diz a mensagem?

SACHA PAI: (surpreso e desanimado, se é que isso é possível): Essa não.

SACHA MÃE: O que há? Não me deixe aflita, angustiada, amargurada e o que é pior, tão curiosa.

SACHA PAI: A mensagem está em código.

SACHA MÃE: Deixe-me ver isso. (Toma a mensagem do abestalhado Sacha Pai). Que código porra nenhuma. Ta é de cabeça pra baixo. Aqui diz... (lê e seus olhos arregalam-se da mais súbita, pura e cruel constatação). Meu Deus, Sacha.... (não consegue falar).

pdfMachine
A pdf writer that produces quality PDF files with ease!
Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click “print”, select the “Broadgun pdfMachine printer” and that’s it! Get yours now!

SACHA PAI: O que tem Sacha? Diga-me, cruel e infiel mulher, o que aconteceu com nossa amada filha, fruto do meu suado sêmen?

SACHA MÃE: Sacha...

SACHA PAI: Não me torture mais. Eu to me mijando de angustia.

SACHA MÃE: Minha amada fiha que foi incubada no meu ventre por longos e entediantes nove meses.... Sacha, oh, Sacha....

SACHA PAI: Porra, me mijei. Que merda!

SACHA MÃE: SACHA FUGIU!!!

CENA DE TRANSIÇÃO (Paralisam a cena. Pai deixa cair a mala e fica de braços abertos. Sacha Mãe leva a mão a boca tentando conter um grito da mais falsa dor. Do outro lado entra Sacha, uma menina bobalhona com ares da mais profunda estupidez. Do outro lado entra um cara, um rapper esperto, se possível black, com um puta gravador no ombro ouvindo o mais rasgado dos funks, coloca o radio no chão, abaixa o volume e rasga o verbo tecendo considerações sobre a personagem principal dessa peça).

CARA: (em ritmo de rap): Essa aí é a Sacha. Sacha é uma gata introvertida, confusa, super-protegida, carente, claustrofóbica e com super tendência m para a mais profunda debilidade mental. Sacha mora em um quarto 18x10 na mansão de Sacha Pai (que se coloca à direita saindo do estado e imobilidade em que se encontrava) e Sacha Mãe (que se coloca a esquerda de Sacha) que fica na rua Comendador Karas Lopes Monteiro Bueno, quadra 32. Os pais de Sacha são exemplares, fazem tudo o que a filha deseja e o que não deseja também. O pai de Sacha compra vídeo game, TV stereo sound, antena pra satélite, telão de 360 graus, transformando a filha numa teledependente, uma pastelzona. A mãe de Sacha desperta nela uma incestuosa e homossexual libido filial transformando Sacha numa edipiana recalcada e fanchona, uma pastelzona. O Pai de Sacha compra leite Cativa, leite Ninho, Yakult, iogurte danone e danoninho, agora com pedaços de frutas, transformando a filha numa bezerrona abstêmia e com ojeriza a álcool, uma pastelzona. A mãe de Sacha compra meia sexy com elástico auto-aderente, calcinha sueca, soutien holandês e gargantilha com espinhos de metal incrustados e deixa a filha usar sempre que tem vontade transformando Sacha numa fetichista sado-masoquista com superficial conhecimento da questão, uma pastelzona com chicote na mão sem saber o que fazer com ele, enfim, uma pastelzona. No mais, Sacha tem um quarto amplo e confortável e devidamente equipado tecnologicamente de onde nunca sai, pois o banheiro é providencialmente conjugado de seu bunker onde tem de tudo, desde uma bolinha de ping-pong, até uma réplica exata do disco voador de "Contatos Imediatos" sem combustível, como um supermercado intergalático pra yuppie avançadinho nenhum botar defeito. Sacha tem tudo, só não tem as freeways, a sedutora tentação de um carrinho de hot-dogs numa imprevisível esquina, o beijo quente das placas de sinalização. Sacha tem tudo, mas não tem um passaporte no bolso, que é tudo o que uma garota ou um garoto com um pouco mais de esperma de canguru cansado na cabeça precisa nesse caótico final de século.

pdfMachine
A pdf writer that produces quality PDF files with ease!
Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click "print", select the "Broadgun pdfMachine printer" and that's it! Get yours now!

CENA DE TRANSIÇÃO

(Os pais de Sacha caem fora ao som de uma cantiga de ninar logo após beijarem ardentemente a testa da filha amada, é legal dizer que os pais de Sacha jamais olham para a filha, assim como Sacha também jamais olha direto para os seus pais).

CARA: (rompendo o clima angelical com sua voz speed de rapper endemoniado): Sacha, gata, essa tua vida é um tédio terminal, definitivamente brochante.

SACHA (não sacando nada, mas saindo do transe paternal): É?

CARA: Ser fruto de uma inseminação artificial já é foda, agora ficar trancada no útero incubador o resto da vida, aí já é babaquice profunda, debilidade profana, insulto aos deuses da farra, que são os gregos, é claro, chegados numa orgia olímpica. Saca só, nosso way of life já é shit, agora imagina só se condenar ao ostracismo vendo clip pastiche e caindo de língua em mamãe piranha? Ce ta me entendendo? O som que rola aqui é muzak demais, pra consultório de dentista impotente que não consegue nem fuder a secretária em tarde de chuva.

SACHA: O que é que eu preciso?

CARA: Em primeiro lugar, de um solo de guitarra preguiçoso (entra um solo de guitarra na sonoplastia) depois um contra-baixo swingado (contrabaixo) e duas tesudíssimas back vocals (duas crioulas arrasadouras detonando nos vocais). Pronto, agora tua vida pode até ser uma grande merda, que é o que é, mas já tem pelo menos uma coisa, uma trilha sonora decente. (Entra um reggae na sonoplastia, daqueles que dá vontade de coçar o saco).

SACHA (viajando no som): A vida é legal!

CARA (entusiasmando-se): É, mas é muito mais que um quarto 18x10 na Comendador Karas Lopes Monteiro Bueno. Tem muito mais, tem rock and roll, tem minimal, tem blues, tem jazz, tem rap, tem soul, tem new-wave, tem heavy metal, trash rock, acid rock, hardcore, tecno-pop, ska, tem Boeing fazendo escala em Milão, em Nova York, em São Paulo, em Tóquio, em Moscou, tem aeromoça tesuda com disco importado debaixo do braço, tem menino do Rio bronzeado em Copacabana, dragão tatuado no braço, tem festival de Cannes, do Rio de Janeiro, de Berlim, tem Mostra de Cinema em São Paulo, e o que é mais importante, gata, tem quilômetros mil de asfalto ardente, milhas e milhas de mar aberto, tem a vida acontecendo além das paredes do teu quarto. Ce ta sacando?

SACHA: Tuuuuuuuuuuudo. (na maior viagem)

CARA: Yé, sister, tu pegou o gingado, bussiness is: importar a vida, conjugar vida com arte, transformar a menina no maior concerto de rock, romper com o quarto, com o bairro, com a cidade, com o país, com o mundo. Antenas Ligadas como libélulas chapadas que é pra captar toda a distorção que tiver no ar, desde Tóquio até uma província micha no Norte do Paraná. Essa é a época da velocidade e a moçada insiste em pegar carona no expresso tartaruga. Neguinho não se toca, nem vê, quando viu, morreu. Sendo assim, só nos resta o radicalismo, a violência das

pdfMachine
A pdf writer that produces quality PDF files with ease!
Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click “print”, select the “Broadgun pdfMachine printer” and that’s it! Get yours now!

atitudes viscerais, improvisar um motor de popa pras nossas aspirações individuais e seguir tocando trompete na cabeça da catatonia institucionalizada que se julga produtiva. Agora sai dessa, levanta daí e vai lá fora, vai conferir o lance. Vai Sacha, vai... vai descobrir o mundo. (Levanta um pano que tava cobrindo um globo terreste, coloca um gravador no ombro e cai fora. Entra em cena um pentelho de um câmera-man e começa a filmar.)

CAMERA-MAN: Ok, Sacha, tudo pronto? Cinco segundos pra começar, 4...3...2..1....gravando!

SACHA: Faz tempo que eu to a fim de falar, mas agora eu não sei o que dizer...espera aí, eu já explico...acho.

(No outro lado, Dani-Dândi, um DJ e uma operadora de som).

é um

OPERADORA: Tudo pronto. Dândi?

SACHA: Eu levei 20 reservados anos para descobrir o mundo e agora eu não sei o que fazer com ele. Vou dizer... tinha uma pá de coisas pra dizer, mas vou dizer o que?

DANI DÂNDI: Manda ele tomarem no cu, garota.

SACHA: It's only words, mas vou dar testemunho do que se minha vida é um thrilerzinho estéril, minha mata é virgem e os livros que leio são clássicos? (Mostra o globo terrestre) Tá aqui. Aqui é o Ocidente e aqui é o Oriente, mas e aí? Vou dizer o que se visto de cima fica tudo igual? Reservo-me o direito de não dizer se não souber. Eis a extrema lucidez. Divina coerência dos incultos. To afim de falar, mas optei por viver...antes. Me defini pelo anonimato do experimento à celebridade dos escritores de manuais.

OPERADORA: Cinco segundos pra começar, 4...3...2...

CAMERA-MAN: Valeu Sacha.

OPERADORA: Tá no ar.

DANI DÂNDI (fala como um DJ inflamado tipo Big Boy ou MR. Soul do estupendo filme "Corrida contra o Destino"): Do lado de cá, espremido no seu dial, com um milhão de ondas médias ricocheteando no meu cérebro, o arauto da era da velocidade. Dani-Dani-Dani-Dândi, bárbaro existencial por excelência, incitando as hordas. Pilhem as livrarias, seduzam as bilheteiras dos cinemas, abasteçam a velha pick-up no posto mais próximo, coloquem os colchões nas ruas e digam não à vasectomia, sejamos os principais responsáveis pela explosão demográfica. O mundo vale por um coração inquieto, meu bem. Sacha está pulando a janela do seu bunker como um Colombo contemporâneo de saias, um Salomão pós-moderno e o que ela vê a deixa perplexa. Do alto desses edifícios, deuses espertos te contemplam e te abençoam. Fuck you girl. Não deixe que te parem. Bota-bota-bota pra quebrar, baby.

pdfMachine
A pdf writer that produces quality PDF files with ease!
Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click "print", select the "Broadgun pdfMachine printer" and that's it! Get yours now!

CENA DE TRANSIÇÃO

(A operadora de som solta um rock rasgado e cai no embalo. A moçada toda se manda pro trabalho de marmita e macacão tipo sete anões robotizados, batem o cartão e ficam em seus postos. Patrão ta no centro, funcionários em volta começam a datilografar febrilmente, entre eles está Sacha. Barulho intermitente de máquinas de escrever enquanto o patrão inflamadamente faz seu discurso).

PATRÃO: O poder... o poder. É isso que importa. Não é por um punhado de moedas, indenização nas demissões, jornada de 44 horas semanais, salário 30% maior nas férias, licença maternidade de 120 dias, aposentadoria, décimo terceiro, casa própria e automóvel, não é nada disso. É pelo poder que faz com que nos arrastemos pela sarjeta. O poder coloca marcapasso em nossos corações, faz com que nos deitemos no divã do psicanalista. É pelo poder que estamos aqui. É pelo poder. É pelo poder que respiramos, suamos, traímos, beijamos, trepamos e dormimos desesperados e ansiosos todas as noites. O poder. É pelo poder que perdemos nossas cabeças e anulamos nossa sensibilidade. Pelo poder somos capazes de atos extremos. Só o poder corrompe radicalmente. Lembrem-se sempre disso. Por isso, remem! (Funcionários remam como se estivessem numa galé). Depois passe no departamento pessoal para receberem o que fizeram jus.

CENA DE TRANSIÇÃO

(Entra na sonoplastia um tremendo hino religioso ou um gospel ou um espiritual só pra dar o clima da próxima cena onde os atores passam de funcionários à pregadores religiosos).

SUELI: (uma das pregadoras): Bem vindo ao primeiro congresso mundial de misticismo em geral. Aqui se você não acredita em Deus, tem que pelo menos acreditar em Disco Voador ou em Abominável Homem das Neves, na pior das hipóteses, pelo menos em Curupira ou Saci-pererê. O que importa é acreditar em... algo. As opções são muitas e variadas, basta assinalar a sua preferência. Catolicismo... o catolicismo permanece em alta e ardendo intesamente desde que Joana D'Arc foi misericordiosamente fritada para o bem de todos e felicidade moral da população pró inquisição. Tem também o protestantismo, islamismo, testemunhas de Jeová, fundamentalismo, astrologia, esoterisomo, TFP, feitiçaria, confundionismo e mais uma centena de ismos e opções para sua comodidade mística. Basta escolher o seu guru. No final, nós garantimos nada mais, nada menos que a eternidade.

CENA DE TRANSIÇÃO

(Sacha bate na porta dos pregadores em questão)

CHARLES (atende): O que você quer?

SACHA: Eu acabei de chegar. To procurando um lugar pra morar.

pdfMachine
A pdf writer that produces quality PDF files with ease!
Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click "print", select the "Broadgun pdfMachine printer" and that's it! Get yours now!

CHARLES: Ta vindo de onde?

SACHA: Eu fugi de casa.

CHARLES: Tem religião?

SACHA: Bem, eu to um pouco indecisa.

CHARLES: O Calvino alí é protestante roxo. A Sueli já é conhecida como a Rainha da encruzilhada, especializada em receber pombas-giras, tranca-ruas, exus, etc. embora em tempos de crise como esse, ela não tem o menor pudor de vender ações de qualquer religião que seja, é uma eclética, reza de acordo com a bíblia conveniente. De qualquer maneira vivemos por aqui na mais perfeita harmonia espiritual, não sei se você ta me entendendo... o que a gente não suporta é conflito de ideologia, faça o que quiser, mas respeite a nossa autonomia.

SACHA: Sei, entendo. É mais ou menos o que chamam de democracia né? O direito de ser diferentes um dos outros.

CHARLES: É mais ou menos isso aí.

SACHA: E você?

CHARLES: Eu o que?

SACHA: Tem religião?

CHARLES: Claro, eu sou adepto de uma seita pacífica com fins filantrópicos...aliás, aproveitando o ensejo, estamos aceitando inscrições.

SACHA: E como é o seu nome?

CHARLES: Charles...Charles Manson. Entra aí.

SACHA (já no recinto sagrado): Perdoem-me minha desmedida curiosidade, mas em tempos tão pouco espirituais, em que os prazeres carnais estão muito mais em voga que as sagradas coisas do espírito, o que vocês costumam fazer quando não estão envolvidos com a bem aventurança das belezas espirituais?

SUELI: A maior parte do tempo a gente passa mesmo é bostejando.

CALVINO: De uns dias pra cá, eu tenho conseguido sintonizar uma emissora de rádio evangélica de Portugal onde um pastor visionário anda prevendo o fim do mundo, uma espécie de remake espetacular e grandiloquente do primeiro dilúvio.

SUELI: Se dependesse dos seus precipitados pastores apocalípticos, o nosso pobre mundo já estaria coberto de água há muito tempo.

CALVINO: Os protestantes são aqueles que vivem a vida com maior intensidade. Cada dia como se fosse o ultimo.

SACHA: Isso até que é legal.

CALVINO: Uma experiência impar. A gente também teoriza bastante.

SACHA: Que tipo de teorias?

CALVINO: De teor teológico.

SUELI: Nem sempre. Algumas discussões eu considero banais e improdutivas. Para você ter uma idéia, minha jovem, dias atrás nós estávamos discutindo calorosamente se os hare krishna sobreviveriam à guerra nuclear.

pdfMachine
A pdf writer that produces quality PDF files with ease!
Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click “print”, select the “Broadgun pdfMachine printer” and that’s it! Get yours now!

SACHA: Guerra nuclear?

SUELI: É. Nós, os não protestantes, acreditamos piamente que o mundo deve acabar mesmo é de maneira explosiva.

CALVINO: Nós, os protestantes, ainda não descartamos de todo essa abominável hipótese.

SACHA: Sei. E a qual conclusão vocês chegaram sobre os hare krishna?

SUELI: É evidente que eles irão sobreviver. Os hare-krishna e as baratas.

SACHA: Eu não sei se quero ficar por aqui.

SUELI: Mas você nem olhou ainda meu catálogo de macumbas variadas, desde a jamaicana até a temível e fascinante genuína brasileiríssima.

SACHA: É que quando eu fugi de casa, eu tava pensando e começar alguma coisa, vocês não vêem a hora de acabar com tudo.

SUELI: Não dá pra negar que é uma espécie de obsessão. Pense em como é fascinante a sensação de viver em função da morte para viver eternamente.

SACHA: Pode até ser, mas de qualquer maneira eu ainda quero dar uma olhada por aí antes que as vossas previsões se concretizem.

SUELI: Então você já vai?

SACHA: É eu vou.

SUELI: Então vá. Vá procurar tua turma.

SACHA: Tchau.

CALVINO: Que a paz esteja com você.

CENA DE TRANSIÇÃO

(Quebrando o clima angelical da cena anterior, a barra vai pesar na cena seguinte quando a ação acontece na delegacia de policia onde o lacrimejante Sacha Pai e a glamourosa Sacha Mãe procuram ter noticias sobre a filha desaparecida).

DELEGADO: Então quer dizer que a piranhazinha deu no pé?

SACHA PAI: Delegado, eu não lhe dei liberdade para tripudiar em cima da honra da minha querida e imaculada filhinha.

DELEGADO: Tri o que? Eu não fiz nada disso. E muito menos tive o gozozo prazer de fazer em cima da sua filha.

SACHA PAI: Ao designar minha filha, fez uso de um termo um tanto quanto... pejorativo. Eu estou aflito, angustiado, com os nervos à flor da pele, há dois dias que não como, há dois dias que não durmo...

SACHA MÃE: Há vinte anos que não trepa.

SACHA PAI: E tenho chorado convulsivamente por 48 horas ininterruptas.

DELEGADO: E você espera que eu resolva o seu problema?

SACHA PAI: Eu espero que você encontre a fugitiva.

pdfMachine
A pdf writer that produces quality PDF files with ease!
Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click “print”, select the “Broadgun pdfMachine printer” and that’s it! Get yours now!

DELEGADO: Que fugitiva?

SACHA PAI: A minha filha.

DELEGADO: E como ela é?

SACHA PAI: O que o senhor quer dizer? Eu não entendi a pergunta.

DELEGADO: Porra, eu quero saber como é a menina, assim, fisicamente.

SACHA PAI: Bem, eu... ela é... essa é uma pergunta difícil.

DELEGADO: Você está querendo dizer que não sabe como é a sua filha?

SACHA PAI: É que... acho que nunca prestei muita atenção nela, eu...

SACHA MÃE: Será que ela tem conseguido se virar sozinha?

DELEGADO: Se ela puxou a mãe, deve saber se virar muito bem.

SACHA PAI: O que o senhor está a insinuar? A minha esposa é uma dama.

DELEGADO: Se ela é uma dama, eu sou Brave Star. E não vem com lorota pra cima de mim não, que a piranha aí eu já comi muito, aliás, o distrito todo aqui já comeu de montão, é ou não é, cambada? (A galera vibra, aplaude entusiasticamente, hurras em geral. Sacha Mãe joga peças intimas para a torcida). Agora quanto a fedelha que fugiu, não esquenta os chifres que a gente encontra ela. Hoje mesmo vou mandar umas viaturas dar uma blitz geral em todas as saunas e boates pornô especializadas em strip-tease e trotoir da cidade.

SACHA PAI: Pra mim chega. Vamos embora, querida. Isso é o Maximo de escrotidão que minha sensibilidade herdada geneticamente de meus ancestrais franceses podem suportar.

CENA DE TRANSIÇÃO

(Saem. Sacha Mãe lança olhares voluptuosos para o Delegado enquanto se retira, digamos, rebolativamente despudorada. Na próxima cena, dois baby bundas que atendem pelos graciosos e gasosos nomes de Coca e Pepsi assitem TV, cada qual com a sua é obvio)

COCA (aflito e choroso): E aí pepsi? O que você está vendo na sua TV stereo sound a cabo com antena parabólica?

PEPSI: Basquete. Os Pacemakers vencem por 79 a 62 os Sundaemakers. O cestrinha da partida é o Ice Cream dos Sundaemakers com 62 pontos. E você Coca? O que você está vendo na sua TV mono telefunken com antena interna?

COCA (à beira de um colapso): O que você acha?

PEPSI: “O Direito de Nascer”? “Escrava Isaura”?

COCA: O jornal de Economia. Ultimmente ando tão sensível que qualquer reles jornal de Economia me emociona a ponto de não conseguir economizar minhas

pdfMachine
A pdf writer that produces quality PDF files with ease!
Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click “print”, select the “Broadgun pdfMachine printer” and that’s it! Get yours now!

lagrimas. (Parando instantaneamente de chorar) Vamos sair pra pegar umas garotas?

PEPSI: que espécie de garotas?

COCA: Daquelas que tem seios que desafiam a lei da gravidade.

PEPSI: Ando exoticamente muito mais interessado no tipo flácido. (Mudando bruscamente de asunto) Coca, foi você que andou mexendo no meu forno microondas?

COCA: O que seu forno microondas tem haver com as garotas?

PEPSI: Eu te fiz uma pergunta e evidentemente espero uma resposta.

COCA: Não, Pepsi, eu não mexi no seu forno microondas.

PEPSI: Sabe o que havia dentro do meu forno microondas?

COCA: O seu pai com uma maçã na boca?

PEPSI: Uma pizza, Coca. Uma suculenta, apetitosa e devorável pizza de atum.

COCA: Iiiiiiih, olha lá, a cotação da Febrapa caiu.

PEPSI: Preste atenção em mim quando eu estiver falando. Não me ignore. Oh, eu não suporto isso. Tenho problemas de rejeição materna, paterna, dos meus irmãos, da professora do primário, da primeira garota que me apaixonei, do meu cachorro de estimação. Porra, não seja mais um a me ignorar, a fingir que não ouve o meu chamado, o meu aflito pedido de atenção. Olhe pra mim, não me ignore, Coca, eu, Pepsi, existo!

COCA: Enfia no cu suas pizzas de atum.

PEPSI: Nunca mais segure com suas mãos mal lavadas minha caneta Mont Blanc diplomática (Pausa, Coca tenta se conter enquanto vocifera palavrões ininteligíveis). E se você estava pensando em usar minha camisa Benetton hoje para impressionar as garotas, esuqeça. E nenhuma das minhas Yamamoto e nenhum dos meus ternos Armani e nada mais da Zoomp, Work Out, M. Officer, Side Walk, Ellus...

COCA: E tudo por causa de uma porra de uma pizza de atum que nem era tão apetitosa assim, instaurando a discórdia entre nós, acabando com uma promissora amizade, onde a concorrência, por mais saudável que fosse, nunca teve lugar. Sinceramente, Pepsi, sempre achei que nossa amizade valesse mais do que uma miserável e mal temperada pizza de atum.

PEPSI: Amizade nenhuma é mais possível quando um amigo chega ao ponto de mexer no forno microondas de outro amigo. Isso é que é. E vai tirando meu side walk.

COCA (enquanto tira o side walk e calça o seu velho bamba): qualquer deslize por mais gastronômico que seja, deve ser perdoado em nome de uma verdadeira amizade.

PEPSI: Qual foi o faquir que disse isso? E nem pense em ler a “Per Lui” desse mês. O seu empréstimo de minha aprte está totalmente fora de cofitação. (Pausa, silencio sepulcral) Vamos pegar aquelas garotas, mas que uma coisa fique bem clara, eu não pretendo baixar o meu nível. Se a garota não estiver usando vestidos Azzédine Allaia, eu não quero.

pdfMachine
A pdf writer that produces quality PDF files with ease!
Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click “print”, select the “Broadgun pdfMachine printer” and that’s it! Get yours now!

COCA (feliz): Ok, você é quem manda. Porra, to tão feliz que eu vou fazer o seguinte: vou te pagar uma Pepsi.

PEPSI: Se tem uma coisa que eu não suporto além das garotas que não usam vestidos Azzédine Allaia, é ex-amigo puxa saco.

CENA DE TRANSIÇÃO

Coca e Pepsi vão assistir um strip de garotas. Messalina mescalina, uma delas, aparece em cena e passa a fazer um mal comportado e revelador strip e passa a ser aplaudida entusiasticamente pelos dois baby bundas ao som de uma trilha sonora bem xaroposa)

APRESENTADOR: No palco, a dublê de striper, babá, empregada doméstica, universitária, modelo e manequim e, evidentemente, atriz Messalina Mescalina. Messalina Mescalina jura que só tem 21 anos, três divórcios, nenhuma celulite, nenhuma pensão alimentícia, e uma enxaqueca segunda-feira sim, segunda-feira não. Usa lentes de contato verde, cílios postiços, seios siliconizados, bunda à base de lipoaspiração, sorriso falso e dentadura. O que ela mais aprecia numa pessoa é a sua autenticidade. Messalina Mescalina já foi beat, já foi hippie, já foi freira, já foi punk, já foi junkie, já foi comunista, já foi dark, já fez parte do grêmio estudantil, já foi yuppie, já foi garota do Fantástico, go-go girl. Rainha do carnaval em Atibaia, detesta contradição, hoje trabalha no Bradesco e é muito feliz e bem sucedida na sua profissão, conseguindo inclusive um caso muito promissor com o gerente da sua agencia. Messalina Mescalina é uma garota arrojada, muito dada, que não mede esforços para conseguir o que deseja para atingir sua meta. Messalina Mescalina. (Messalina Mescalina sai pra lá de pelada, pra lá de ovacionada. No palco, totalmente equivocada, como quem não sabe o caminho pra casa, entra a virgem Sacha que é cruelmente vaiada pelos dois baby bundas).

COCA: Ta com muita roupa.

PEPSI: Qual é? Ta indo pra igreja?

COCA: Tem que ter mais swing.

PEPSI: Ta sem feeling, ta muito durona, se solta, porra.

SACHA: Qual é o problema?

COCA: Como qual é o problema? Você vai tirar a roupa ou não vai?

PEPSI: A gente veio aqui pra ver strip. Ninguém aqui ta afim de discutir problemas existenciais não.

COCA: A gente quer ver é mulher pelada. É ou não é, galera? (incita a platéia).

SACHA: Pra que?

COCA: Como pra que? Que porra de pergunta é essa?

PEPSI: De que disco voador você caiu hein gata?

COCA: A gente vem todos os dias aqui pra ver as garotas tirarem a roupa.

pdfMachine
A pdf writer that produces quality PDF files with ease!
Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click “print”, select the “Broadgun pdfMachine printer” and that’s it! Get yours now!

PEPSI: É isso aí. A gente tem uma boneca inflável em casa pra aliviar as nossas tensões sexuais, mas a medida que os anos passam, você sabe, a tensão aumenta, aí não dá pra conter os nossos impulsos.

COCA: Uma boneca inflável apenas não basta.

PEPSI: Por isso a gente comprou mais cinco bonecas infláveis cada um.

COCA: Mas foi uma catástrofe.

PEPSI: Tinha uma modelo Xuxa que o Coca arrebentou na dentada.

COCA: Cinco bonecas infláveis apenas não bastam.

PEPSI: A gente começou a praticar esportes. Esportes condizentes com o nosso nível social.

COCA: É, equitação, pólo aquático, tênis...

PEPSI: E muita aeróbica, muita aeróbica.

COCA: Mas apenas esportes e cinco bonecas infláveis não bastam.

PEPSI: Constatado isso, o meu amigo Coca aqui teve um insight.

COCA: É isso aí. Nada como um show de strip intimista pra aliviar as nossas mais angustiantes tensões.

PEPSI: Foi uma puta idéia.

COCA: Aí a gente passou a vir aqui todos os dias, é duca... as garotas desfilam pra gente e nós ficamos batendo palmas, latindo, vaiando, assobiando, se masturbando, nos auto-flagelando é muito divertido.

PEPSI: É. Às vezes nós trazemos pipoca, refrigerante, hot-dogs, pastéis, pizza, chicletes, uvas carameladas, cocaína. A gente se diverte à beça.

COCA: É o fim do tédio.

SACHA: É. Vocês realmente sabem como se divertir.

COCA: Pode crer, isso a gente sabe mesmo. Eu tava a fim de ver hoje aquela loura oxigenada que tem um brinco digital com inscrições egípcias, eu me esporro todo na minha zorba acetinada com bolinhas coloridas em acrílico.

PEPSI: A minha preferida não desfilou hoje. É uma gueixa enorme, estudante de fisioterapia e striper nas horas vagas, provocante com coxas portentosas que usa um bustiê de lantejoula caramelizado. Só desfilou essa tal de Messalina Mescalina.

COCA: justamente a mais feia.

PEPSI: Não tem nada a ver.

COCA: Nada, nada a ver.

PEPSI: Escrota, esquisita.

COCA: Bancária

PEPSI: Uma perua, um canhão essa tal de Messalina Mescalina.

COCA (para Sacha): Ei gata, topas uma noite de aventuras?

PEPSI: Emoções alucinantes num cenário futurista?

pdfMachine
A pdf writer that produces quality PDF files with ease!
Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click “print”, select the “Broadgun pdfMachine printer” and that’s it! Get yours now!

COCA: Na casa do Pepsi, toda rosa choque, decorada integralmente com gravuras pós modernas.

PEPSI: Embarca com a gente na nau da sofisticação, baby. Na nau da elite adolescente que nunca esquece de usar sua loção pós-barba.

COCA: Mesmo que eu pareça ser modesto, sou obrigado a dizer: nós somos o Maximo e você ainda não viu nada. Que Beverly Hills seja aqui.

CENA DE TRANSIÇÃO

(Arrastam Sacha sabe-se lá pra onde, acredito eu, como tudo leva a crer, para uma orgia na tal casa toda rosa-choque decorada com gravuras pós-modernas. Entra em cena Sacha Mãe mostrando-se glamourosamente procupada. Do outro lado entra em cena Eros Volúpia)

EROS: Conta pra mim, darling, preciso de detalhes sobre a garota, só assim poderei resolver o seu problema. Você recorreu a mim. Todos acabam recorrendo a mim, pois eu sou o cara que sabe das coisas, que define qualquer situação, eu sou legal, eu sou gentil, eu sou educado, eu sou EROS VOLUPIA, negócios, falcatruas, tratados, negociatas, câmbios, gigolotagens e picaretagens em geral. Conheço todas as pessoas influentes na área, suborno qualquer uma, me dê detalhes sobre a garota e eu a encontro empacoto e deixo na porta da sua casa, de brinde ainda levas um poema de minha autoria.

SACHA MÃE: Ela era uma garota babacona, pura e virgem...

EROS: Virgem? Isso está fora de questão. Por favor, não omita nada que diga respeito a garota, mas também não acrescente dados, digamos...irreais.

SACHA MÃE: Ela passou 20 anos de sua medorrenta vida trancada no seu quarto. Sendo assim, eu só poderia explicar o rompimento do seu hímen, senão por vias naturais, pela significativa presença de uma caneta futura empapada de sangue encontrada certa manhã a beira de sua cama.

EROS: 20 anos e virgem? Uma relíquia hein? Prossiga darling.

SACHA MÃE: Como eu estava dizendo, era uma garota babacona, pura e virgem que amava Alicia Silverstone e Brad Pitt, não era bela, mas mesmo assim aposto que não reprovava num teste pra caixa de supermercado.

EROS: Quer dizer então que trata-se de uma garota tipo comum?

SACHA MÃE: Isso. Um erro genético, certamente, levando-se em conta a mãe que tem.

EROS: Além de não ser tão deslumbrante como a mãe, me diga, como ela é, fisicamente?

SACHA MÃE: Fisicamente?

EROS: Sim, eu quero mais detalhes: se ela é alta, baixa, magra, gorda, cor dos olhos, tez da pele, sinais particulares, essas coisas.

SACHA MÃE: Pra falar a verdade, eu não sou muito de me pegar em detalhes, eu não me lembro direito como ela era.

pdfMachine
A pdf writer that produces quality PDF files with ease!
Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click “print”, select the “Broadgun pdfMachine printer” and that’s it! Get yours now!

EROS: Mas ela não é sua filha?

SACHA MÃE: É, mas cá entre nós, eu nunca reparei muito na garota, você deve entender, eu sou uma mulher muito atarefada, tenho responsabilidades.

EROS: Quando passou a notar algo de anormal do seu comportamento?

SACHA MÃE: Essa é mais uma pergunta difícil, porque como eu já disse, eu não sou muito de prestar atenção nessas coisinhas um tanto assim...digamos... sem importância, não é? Então eu não notei nada, a não ser que... bem, eu vinha encontrando regularmente no seu quarto...mapas.

EROS: Mapas?

SACHA MÃE: É, mapas, um cem numero deles, por todo o quarto eu tropeçava em mapas, era impossível não notar, mesmo eu.

EROS: Muito curioso, bastante esclarecedor, aliás, tente ser mais clara. Que tipo de mapas?

SACHA MÃE: Mapas geográficos, mapas de bolso, globo terrestre, mapas portáteis, relógios com mapas digitais, suplementos de turismo da Folha de São Paulo, livros esclarecedores sobre cartografia, topografia, etc.

EROS: Não chegou a interceptar nunhma ligação para uma agência de turismo?

SACHA MÃE: Nenhuma.

EROS: Rodoviária?

SACHA MÃE: Nenhuma.

EROS: Tudo leva crer que...

SACHA MÃE: Que...

EROS: Que a sua filha ficou de saco cheio, descontente com a sua situação de filha enclausurada e imaculada e aí...

SACHA MÃE: Não vá me dizer que ela embarcou como clandestina em algum navio para os Estados Unidos, ou tenha se oferecido como voluntária para saciar a sede sexual dos marujos, ah maldita, queria estar eu no lugar dela... (se tocado) Ah, perdão, às vezes eu não me contenho, eu vou dizer uma coisa pra você, minha filha era apaixonada por mim, e eu da minha maneira, é claro, alimentava essa paixão.

EROS: E o que isso tem a ver com o fato da senhora querer estar no lugar dela saciando a sede sexual dos marujos?

SACHA MÃE: Pois é, como toda boa mãe, eu gostaria de sofrer por ela, sofrer no lugar dela. O senhor deve imaginar como a pobrezinnha que antes só conhecia o incestuosos, platônico e andrógino amor maternal, deve estar sofrendo nas mãos daqueles marujos enormes, brutais, degenerados, inveterados, como ela deve estar sofrendo, não é?

EROS: Para mim sua filha tem sangue beatinick nas veias, é herdeira direta da estirpe de Jack Kerouac, nesse momento deve estar saracoteando em algum vagão de trem de carga, dividindo vinho com alegres vagabundos, ouvindo longas histórias.

SACHA MÃE: Oh, meu Deus, como você é romântico. Por favor encontre minha filha, eu dou tudo o que o senhor quiser, faço tudo, cama e cozinha, preparo uma pizza e te faço uma chupeta, faço café e sexo anal, strogonoff e 69, lasanha e

pdfMachine
A pdf writer that produces quality PDF files with ease!
Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click “print”, select the “Broadgun pdfMachine printer” and that’s it! Get yours now!

EROS: Minha gentil senhora, por favor, eu estou aqui para prestar serviços, não para receber, mas levarei em conta a sua oferta feita com tanta prestatividade. Acompanhe-me, sim... sem dar vexame.

CENA DE TRANSIÇÃO

(Entra em cena, Teodorico, o bárbaro, arrastando Sacha que a essa altura já está toda rasgada, mordida, etc.)

SACHA: Quem são vocês? Para onde me levam? Que noticias trazem dos meus pais? O que fizeram com os meninos que estavam comigo? Que ganhou o jogo? Curitiba ou Atlético?

TEODORICO: uma pergunta de cada vez, fêmea inútil, vou começar pelo final, o dia que o Coxa ganhar qualquer partida contra o meu Atleticão, eu entro pra congregação dos Beneditinos. Quanto os baby bundas que estavam com você, eles foram devidamente estruprados, assados e comidos, porque com boy a gente faz é isso mesmo, come... e come. Nesse momento meu companheiro de barbaridades, Atila II, deve estar arrotando Coca e Pepsi Cola e se desfazendo das piores parte em algum rio cheio de latas de sardinha, mas não precisa se preocupar não, nós não pretendemos fazer o mesmo com você, esse tratamento é reservado apenas aos boyzinhos manes que a gente pega, vê-se logo que você não é uma, você a gente só vai estuprar e dar umas porradas. Pena que você não seja mais jovenzinha, nosso hobby é estuprar ninfetinhas, com menos de treze anos de idade. Depois iremos aceita-la como membro do nosso grupo de extermínio aparentemente irresponsável. Aparentemente porque o que estamos fazendo é de uma seriedade a toda prova. Agora você que saber que somos nós, não é? Ok, eu vou te dar cinco alternativa: Alternativa A: somos garotos que prestamos o exame telecurso segundo grau, passamos no vestibular e estamos sujeitos ao trote universitário. Alternativa b: somos uma facção dissidente e descontente do fã clube do Fábio Jr. Alternativa c: somos um grupo de teatro de vanguarda fazendo laboratório para um novo espetáculo transgressivo e revolucionário. Alternativa d: somos os novos bárbaros, filhos do cogumelo atômico, cruéis e sanguinários. Alternativa e: nenhuma das alternativas. E então?

SACHA: Alternativa d.

TEODORICO: Errou. Alternativa b. somos uma facção dissidente e descontente do fã clube do Fábio Jr. E estamos fazendo de tudo para apagar a nossa antiga imagem, por isso mudamos radicalmente e estamos disposto a tudo para limpar o nosso passado, mas até agora todos os nossos esforços foram em vão. Já cometemos uma série de atrocidades e barbaridades e nada, ninguém notou, nem sequer uma porra de um fã-clube punk. Parece que o estigma de termos feito parte do fã-clube do Fábio Jr. Vai nos acompanhar eternamente, somos rejeitados, parias no universo de adoradores de cantores pop, ninguém nos aceita, ninguém ainda percebeu que estamos regenerados. Fabio Jr. Nunca mais, agora nós queremos a dissonância, nós somos bad, nós somos sad. Nós somos hardcore. Por onde passamos os paralelepípedos viram gelatina, os dobermans se transformam em simpáticos thundercats, mas não adianata nada, nada do que fazemos chega aos

pdfMachine
A pdf writer that produces quality PDF files with ease!
Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click “print”, select the “Broadgun pdfMachine printer” and that’s it! Get yours now!

ouvidos de um QG de um fã clube respeitável, nenhum dos nossos atos hediondos consegue sensibiliza-los, estou à beira de um stress moral, eu não agüento mais.

ATILA II (entrando): E aí? Já comeu a bunda dela?

TEODORICO: Não, ainda não. Na verdade eu estava aqui desabafando.

ATILA II: Assim não dá!!! Teodorico, vai querer limpar a nossa honra como? Vai ficando de quatro aí boneca. (Traça Sacha enquanto dá uma lição de moral no choroso Teodorico) Escuta aqui Teodorico, nós temos que recuperar o tempo perdido, todos aqueles vinte e poucos anos ouvindo "Quero colo", "Senta aqui", "Mil e uma noite e mais uma".

TEODORICO: Porra, uma que era lindona: "Desejos e Delírios".

ATILA II: É, essa era do caralho. (Goza) Pronto, agora é a sua vez. (Passa Sacha para Teodorico que também a coloca de quatro).

TEODORICO (relutante): Eu tenho mesmo?

ATILA II: Mas que pergunta. É claro que tem. Que espécie de bárbaro é você?

TEODORICO: Quer saber? Eu to cansado disso tudo. To de saco cheiro. Porra Atila II, to morrendo de vontade de ouvir "O que é que há?" (Larga Sacha que fica no chão)

ATILA II: porra, Teodorico, nem me fala, eu também. Lembra quando a gente se reunia lá em casa...

TEODORICO: E a sua mãe preparava aquele chá de hortelã alucinógeno...

ATILA II: E cheese-saladas, dezenas de cheese-saladas

TEODORICO: Ketchup, maionese, mostarda...

ATILA II: E ficávamos assistindo vídeos ininterruptos do Fabio Jr. Cantando "Felicidade". (Canta).

TEODORICO: E toda aquela maionese, ketchup, mostarda...

ATILA II: Shows intermináveis rolando ininterruptos, liberando a nossa libiduu. (os dois vão saindo).

TEODORICO: Libiduu? Porra, Atila II, isso não é coisa de viado não?

ATILA II: Que viado que, rapaz? (Saem).

CENA DE TRANSIÇÃO

(Entra em cena uma policial feminina, quer dizer, feminina é modo de dizer, já que de feminina a menina não tem nada. Ela entra e fica dando voltas em torno de Sacha).

POLICIAL: Me diz uma coisa a nivel de informação. Você pra tica sexo anal eventualmente com pessoas de qualquer classe social ou a bundinha aí é privilégio da barbárie?

SACHA: Pra falar a verdade, foi a minha primeira vez.

pdfMachine
A pdf writer that produces quality PDF files with ease!
Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click "print", select the "Broadgun pdfMachine printer" and that's it! Get yours now!

POLICIAL: Então você nasceu pra coisa, meu bem. Eu vi tudo. Você tava tão desenvolta de quatro que eu poderia jurar que você já nasceu nessa posição.

SACHA: Para falar ainda mais a verdade, eu perdi a virgindade aos 12 anos.

POLICIAL: Essa deu pra engolir com mais facilidade.

SACHA: Mas não é nada do que a senhora está pensando. Foi um ato solitário com uma caneta futura.

POLICIAL: Não dá pra negar que é uma maneira original.

SACHA: Eu passei 20 anos trancada dentro de um quarto 18x10 na mansão de meus pais vendo ininterruptos programas de TV, telejornais, telenovelas, concursos de miss, programas de auditório, lutas de tele-catch, jogos de futebol, Dallas, Melrose, as noticias do mundo sempre me chegaram em cores, via satélite em panasonica, eu não tinha com que conversar, os meus pais nunca conversavam comigo, eu nem me lembro direito deles, aí teve um dia que eu tomei um decisão e então fugi de casa.

POLICIAL: Foi aí que a moçada te pegou e resolveu fazer uma orgia.

SACHA: Eu tava com mais dois outros caras que tinha tido a mesma idéias antes, bem... eles foram estuprados, assados e comidos por esses dois aí.

POLICIAL: Esses bárbaros fazem de tudo para aparecer. É a tal da ascensão social. OK, fedelha, vou te levar pro distrito, lá você explica tudo pro delegado. (Saem).

CENA DE TRANSIÇÃO

(Na outra cena, Sacha Pai volta a procurar o delegado).

DELEGADO: Que a menina caiu na vida, isso é batata, agora um coisa eu garanto, não foi na minha jurisdição.

SACHA PAI: O senhor procurou nas igrejas, conventos, mosteiros... milha filha sempre teve uma vocação par o exílio voluntário.

DELEGADO: Sem essa, doutor, sua filha a essa hora ta na viração, táxi-girl ninfomaníaca se espremendo dentro de um fusca quatro-portas chupando algum infeliz de um funcionário público, o coitado se fode o dia inteiro numa repartição empoeirada e depois vai se foder dentro de um fusquinha. Ô vidinha pequena né, doutor?

SACHA PAI: O senhor só consegue ver as coisas por esses seu olhos obscenos, não é delegado?

DELEGADO: Essa vida é um bocado escrota e obscena, meu chapa. O anjo que ronda por aqui não tem auréola e asinhas não. Tem um tridente e um rabo pontudo. O que eu quero, dizer meu camarada, é que você é muito otário se acha que a tua filha ta em alguma espécie de retiro espiritual. Olha, ce faz o seguinte, vai pra casa, relaxa, toma um banho, um chá de camomila e assiste um filme catástrofe, ta legal?

SACHA PAI: Eu vou tentar. Só que antes o senhor me promete uma coisa?

DELEGADO: Vai dizendo cidadão.

pdfMachine
A pdf writer that produces quality PDF files with ease!
Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click “print”, select the “Broadgun pdfMachine printer” and that’s it! Get yours now!

SACHA PAI: Qualque notícia da minha filha, por mais insignificante que possa parecer...

DELEGADO: Eu mando avisar imediatamente o senhor.

SACHA PAI: Serei eternamente grato.

DELEGADO: Aceito donativos na seqüência. Passe bem, cidadão.

CENA DE TRANSIÇÃO

(Sacha Pai sai por uma porta. A policial entra por outra acompanhada por Sacha que está toda rasgada).

POLICIAL: Olha só o que eu achei.

DELEGADO: Nesse estado? E o que ela fazia? Bancava a Lady Godiva pós-moderna sob o patrocínio da Yamaha? Tava protestando contra a guerra nuclear?

POLICIAL: Porra nenhuma. Tava é dando a bunda pra dois punkezinhos do subúrbio.

SACHA: Eu estava sendo violentada.

POLICIAL: Todas dizem isso. O que eu faço com ela delegado?

DELEGADO: E o que mais? Recolhe a marginal. Bota na cela 13. (Policial vai levando Sacha) Ah, dá um banho nela antes. O cheiro ta insuportável.

VOZ (de fora): Delegado, telefone pro senhor.

DELEGADO: Já vai.

CENA DE TRANSIÇÃO

(O Delegado sai. O tempo passa. Na próxima cena, Sacha já está devidamente encarcerada. Policial feminina entra com uma caixa de bombons e um ramalhete de rosas).

POLICIAL: Isto é pra você.

SACHA: Pra mim?

POLICIAL: Porra, eu não to falando que é pré você não to? Pra mim é que não é. Eu nunca ganhei rosas e bombons, nunca. Queria tanto. Depois ninguém entende esse meu jeito estúpido de ser.

SACHA:Quem iria me mandar rosas e bombons? Meu pai? Ele já sabe que estou aqui?

POLICIAL: Por que seu pai? Por que não sua mãe?

SACHA: Minha mãe não seria capaz. Quer dizer, não faz o estilo dela, ce me entende?

POLICIAL: Como ela é?

pdfMachine
A pdf writer that produces quality PDF files with ease!
Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click “print”, select the “Broadgun pdfMachine printer” and that’s it! Get yours now!

SACHA: Quem?

POLICIAL: A sua mãe, porra, a gente ta falando de quem?

SACHA: Bom, ela tem lã o jeito dela. Eu não ia saber te explicar.

POLICIAL: Ela é bonita?

SACHA: É, eu acho que é, eu não sei. A gente nunca conversou muito, acho que eu nunca reparei direito nela, eu já falei pra você, eu não lembro direito dos meus pais, mas eu acho que é assim com todo mundo né? De qualquer maneira eu era apaixonada pela minha mãe, eu queria ser como ela, queria me lembrar como ela era. Não precisa ficar me olhando assim, meus pais sempre foram bons comigo, sempre me deram tudo o que eu queria. Só queria poder me lembrar deles.

POLICIAL: Bom, quem te mandou essas rosas e esses bombons não foram seus pais não. Foi um admirador.

SACHA: Admirador?

POLICIAL: Foi o que ele disse.

SACHA: Do que a senhora está falando?

POLICIAL: Telefone pra você. (Passa o telefone pra Sacha)

SACHA: Telefone? Prá mim?

POLICIAL: Mania que você tem de repetir tudo o que eu falo. Atende de uma vez porra. (sai).

SACHA: Alô?

EROS (com outro telefone): Quem estou ouvindo? Que voz é essa? Que doce melodia toma meus tímpanos de assalto? Fale doce musa, fale do outro lado dessa creuel linha que nos separa.

SACHA: Aqui é Sacha.

EROS: Doce e abençoado nome, capaz de anestesiar as mais cruéis feras do pântano lamacento do Hades. Sacha, ouvir teu nome é como ouvir a lira de Orfeu, gueixas cantando pra me ninar, Diane Lane dizendo: “Toma cuidado, eu te amo”. A tesudíssima Gabriela Sabatini dando entrevista voa Embratel depois de perder pra Steffi Graff mais um torneio de tênis. Te ouvir, Sacha, é entrar pra eternidade sem apresentar crachá.

SACHA: O que é que você quer de mim?

EROS: Queros seus lábios rútilos, seu nariz aquilino, sua boca devoradora, seus cabelos em brasa, seus gestos obscenos, seus seios prepotentes, suas pernas rijas, sua bunda sublime, seus cílios enfeitiçados, suas regiões glúteas, seus onatos, suas doenças venéreas, seu vômito, e sobretudo, quero jantar com você à luz de velas, castiçais ao luar, violinos enfeitiçados tocando “I cant get no satisfaction”.

SACHA: Mas eu estou encarcerada.

EROS: Problema facilmente contornável visto que tratam-se de carcereiros perfeitamente subornáveis. Você está livre, Sacha, e a sopa está esfriando.

pdfMachine
A pdf writer that produces quality PDF files with ease!
Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click “print”, select the “Broadgun pdfMachine printer” and that’s it! Get yours now!

CENA DE TRANSIÇÃO

(Sacha sai da prisão e vai até a mesa de Eros).

EROS (levanta-se e cumprimenta Sacha beijando-lhe a mão): Eros Volúpia, cavalheiro em tempo integral, um gentleman a toda prova, um ser pré-histórico em um mundo tão deselegante onde só a selvageria encontra lugar para se expressar. Toma um aperitivo?

SACHA: o que você sugere?

EROS: Mandrix, Mescalina, LSD...

SACHA: O que?

EROS: Hein? Sobre o que falávamos?

SACHA: Você estava para me sugerir um aperitivo.

EROS: Sim, claro. Licor de amendoim, afrodisíaco.

SACHA: É, acho que pode ser este. O que é que você faz?

EROS: Negócios em geral. Sou primordialmente um homem de negócios, você sabe, trocas, vendas, comprar, tratados, negociatas, câmbios, pego daqui, levo pra lá, faço negócio com um, com outro e assim, vai-se ganhando penosamente a vida. Também viajo, viajo muito, os negócios me obrigam a tal. Vou muito a Paris. Ah, Paris, conhece Paris?

SACHA: Só pela TV.

EROS: Fantástica. Fantástica. O museu D'Orsay, veja você, é uma estação de trens reformada, não é incrível isso? Só mesmo em Paris. Ah, a Galeria Lafayete, a Pritemps, as noites no Le Palace. O Moulin Rouge. Coo já dizia o outro "Paris é uma festa".

SACHA: Você não pediu o aperitivo.

EROS: Ah, sim, é claro, o aperitivo. Licor de amendoim, grande pedida.

CENA DE TRANSIÇÃO

(Eros prepara-se para pedir o aperitivo quando surgem Sacha Pai e Sacha Mãe que mostram-se acabrunhados e suspeitosamente tristes).

EROS: Ó casal que anda nas sombras tão timidamente aflitos, aproximem-se de nossa humilde mesa e compartilhem conosco da doce aventurança de um banquete banhado pela divina luz da lua. Moon Ligth.

SACHA PAI: O senhor está falando conosco?

SACHA MÃE: É claro que é com a gente, ô imbecil! O distinto cavalheiro está nos convidando para dividirmos a mesa com o distinto casal?

EROS: Sim, aproximem-se. Há comida, diversão e prazer para todos aqueles que dispostos estão a usufruir dessas dádivas.

SACHA MÃE (quando chega perto): Eros é você?

pdfMachine
A pdf writer that produces quality PDF files with ease!
Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click "print", select the "Broadgun pdfMachine printer" and that's it! Get yours now!

EROS: Ora, mas é você. Meus cansados olhos míopes não conseguiram vislumbrar tão incrível visão. É um prazer renovado ver-te de novo.

SACHA MÃE: Sempre tão galante.

SACHA PAI: Vocês se conhecem?

SACHA MÃE: E como. E então Volúpia? Encontrou o que eu pedi que encontrasse?

EROS (olha para Sacha e então percebe que Sacha Mãe não reconheceu a sua filha e que por outro lado a filha também não reconheceu a mãe): Sim, é claro, quero dizer, não ainda não. Estou na labuta, pistas quentíssimas.

SACHA MÃE: É, eu estou vendo como você está se esforçando. (Olha maliciosamente para Sacha).

EROS: Mas sem tem-se por favor, e bebem, comam e depois então iremos ao meu modestíssimo apartamento para uma bela orgia, uma troca de casais, pois devo dizer, me encontro cada dia mais encantado com sua linda esposa.

SACHA PAI: Ei, que história é essa?

SACHA MÃE: Swing, meu bem, troca de casais, vai me dizer que você não ta por dentro. Porra, prática mais antiga e você ainda não ta sabendo?

SACHA PAI: Eu não quero saber disso, eu não permito.

SACHA MÃE: Vai bancar o pudico agora? O maridão? Eu dou pra todo mundo mesmo e todo mundo sabe disso. Já dei pra ele e vou contar uma coisa pra vocês , o sujeito aqui, com toda essa pinta de “boas maneiras” é um degenerado, chegado numa perversãozinha exótica, numa aberração sexual, numa depravasãozinha proibida, aliás, eu saquei isso assim que eu bati o olho na primeira vez.

SACHA PAI: Eu quero ir pra casa ver o “Programa do Jô”.

SACHA MÃE: Porra, deixa de ser viado e frescão, relaxa e aproveita, trinca o rim dessa aí, a garotinha parece ser carne de primeira e... porra, acho que eu conheço essa menina de algum lugar.

SACHA PAI: É, eu também só não consigo lembrar de onde.

SACHA: Eu tenho a mesma impressão.

SACHA PAI: Talvez a gente já tenha se encontrado em outra em outra encarnação, sabe, eu acredito nessas coisas, você não?

SACHA: Eu nunca pensei legal sobre isso.

EROS: Pensem depois, agora tratemos pois de nos regozijarmos com os nossos falos eretos, vagina umedecidas, tetas despertas. Festejemos, pois o encontro de nossos corpos e nossas almas e que Dionísio, o deus de todas as farras nos abençoe.

SACHA PAI: Eu não to gostando nada disso, Isso ta me cheirando a bacanal.

CENA DE TRANSIÇÃO

(Eros tira as calças e os sapatos ficando de paletó, cueca e meias, Sacha Mãe também já começa a fica à vontade. Sacha Pai e Sacha ficam olhando).

pdfMachine
A pdf writer that produces quality PDF files with ease!
Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click “print”, select the “Broadgun pdfMachine printer” and that’s it! Get yours now!

SAC HA MÃE: Eu vou te levar para o jardim das delícias, meu nego. O que é que você quer que eu seja? Emanuelle 8? A amante de Lady Chaterley? Valentina? Dalila? Material Girl? Iracema? Ceci? Sharon Stone? Uma replicante ninfomaníaca? Playmate do mês? Salomé? A sua cabecinha na bandeja? Renda-se, meu rei, a beleza de sua princesa oriental, ultima remanescente da dinastia Ming, a sua vendedora da Avon que só usa na intimidade leite de aveia Davene.

EROS: To as seus pés, faça o que quiser, eu me entrego.

SACHA MÃE: Trago comigo a gilete cor-de-rosa, você não sabe que eu sou aperua assassina, a estripadora a serviço das forças da moral, vou enfiar meu salto dentro da sua garganta.

EROS: Enfia tudo que eu gosto.

SACHA MÃE: Hoje você vai sabe o que são mil e uma noite em um dia.

EROS: Eu sou depravado mesmo. Esse negócio de cavalheirismo é só fachada. Eu sou chegado numa depravação sem limite, você sacou assim que me viu né neguinha?

SACHA MÃE: Nunhum desses carinhas excessivamente gentis me enganam, ou é viado ou é tarado. São uns monstros entre quatro paredes. Depravação, neguinho? Tu não vui nada até essa noite, eu sou a rainha da cópula interminável, aquela outra noite foi só aquecimento. Hoje eu vou acabar com você. Depois de hoje, tu não vai querer mais sexo na tua vida. Vai virar samana e passar o resto da vida meditando em alguma palhoça lá na Índia.

EROS: Acaba comigo. Acaba que eu quero. Hoje eu me acabo.

CENA DE TRANSIÇÃO

(Eros sai correndo para os bastidores atrás de Sacha Mãe)

SACHA PAI (para Sacha): Eles não são nada discretos... diria até que são bastante espelhafatosos, você não acha?

SACHA: Eu queria te dizer uma coisa.

SACHA PAI: O que?

SACHA: Eu sou virgem.

SACHA PAI: Eu também.

SACHA: Eu não to de gozação.

SACHA PAI: Eu também não.

SACHA: Como não? Mas você não...

SACHA PAI: Com ela, nunca.

SACHA: Por que?

SACHA PAI: Não sei. Por que você me pergunta essas coisas?

pdfMachine
A pdf writer that produces quality PDF files with ease!
Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click “print”, select the “Broadgun pdfMachine printer” and that’s it! Get yours now!

SACHA: Como é possível? Há quantos anos vocês são casados?

SACHA PAI: Mais de 20 anos.

SACHA: E como é que você fez durante todo esse tempo?

SACHA PAI: Eu não fiz. Eu to te dizendo que eu nunca fiz.

SACHA: Então você é... como dizem... impotente?

SACHA PAI: Impotente? Olha só pra isso! (mostra o volume por baixo da calça)

SACHA: É, parece que tem um tamanho bastante satisfatório.

SACHA PAI: Você acha é?

SACHA: Uhum.

SACHA PAI: Como você pode saber? Você disse que nunca...

SACHA: Já comeram minha bunda.

SACHA PAI: Eu sinto muito.

SACHA Tudo bem. Valeu como experiência.

SACHA PAI: É a primeira vez que fico assim.

SACHA: Excitado?

SACHA PAI: De pau duro... com uma mulher.

SACHA: Por que? Antes você só ficava com homem?

SACHA PAI: Não. Não é bem assim. Eu ficava, mas não era com mulher e nem com homem. Na verdade ele passou toda minha adolescência em letargia.

SACHA: Letargia?

SACHA PAI: É, estado patológico de sono profundo. Mas aí um dia, logo depois que eu me casei por imposição familiar, eu tava morrendo de fome aí então passando em frente a uma confeitaria, eu vi um pudim lindo e aí aconteceu.

SACHA: Tesão gastronômico.

SACHA PAI: Aí sempre que eu queria ficar excitado, eu já sabia o que fazer, era só ir até a confeitaria, comprar um pedaço de pudim e met trancar no banheiro. Na primeira semana eu me masturbava o tempo todo, pra tirar o atraso, compensar o tempo perdido. O pudim e eu...bom... a gente teve... assim... uma convivência muito feliz até hoje quando... eu te vi. Depois do pudim, você é a primeira. Só de olhar pra você, eu já fiquei. Aconteceu da mesma forma que aconteceu com o pudim.

SACHA: E eu devo me orgulhar disso?

SACHA PAI: Não sei. Você acha que sim?

SACHA: Eu to orgulhosa.

SACHA PAI: Você é legal.

SACHA: Você também.

SACHA PAI: Eu tenho certeza de que te conheço.

SACHA: Eu também. (Pausa) E então?

pdfMachine
A pdf writer that produces quality PDF files with ease!
Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click “print”, select the “Broadgun pdfMachine printer” and that’s it! Get yours now!

SACHA PAI: O que?

SACHA: Você não vai transar comigo?

SACHA PAI: Você quer? É que... eu não quero se você não quiser. Você não precisa só porque...

SACHA: Eu quero. Eu to com tesão. É a primeira vez e é muito bom.

CENA DE TRANSIÇÃO (FIM)

(Sacha Pai começa a tirar as calças. Sacha também começa a tirar as roupas. Luz vai diminuindo neles e sobe no DJ Dani – Dândi que agora fala mais calmo com um blues de fundo).

DANI-DÂNDI: Do lado de cá, espremido no seu dial, com um milhão de ondas médias ricocheteando no meu cérebro, o arauto da era da velocidade. Dani-Dani-Dani-Dândi, bárbaro existencial por excelência, incitando as hordas. Pilhem as livrarias, seduzam as bilheteiras dos cinemas, abasteçam a velha pick-up no posto mais próximo, coloquem os colchões nas ruas e digam não à vasectomia, sejamos os principais responsáveis pela explosão demográfica. O mundo vale por um coração inquieto, meu bem. Sacha está pulando a janela do seu bunker como um Colombo contemporâneo de saias, um Salomão pós-moderno e o que ela vê já não a surpreende mais. Do alto desses edifícios, deuses espertos te contemplam e te abençoam. Fuck you baby. Não deixe que te parem... nunca.

pdfMachine
A pdf writer that produces quality PDF files with ease!
Produce quality PDF files in seconds and preserve the integrity of your original documents. Compatible across nearly all Windows platforms, simply open the document you want to convert, click “print”, select the “Broadgun pdfMachine printer” and that’s it! Get yours now!